HILZA MARIA DE AQUINO NUNES FERRI

O QUE PODE A PSICANÁLISE NOS ENCONTROS E DESENCONTROS COM O FEMINISMO NEGRO?

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE – MS
2023

HILZA MARIA DE AQUINO NUNES FERRI

O QUE PODE A PSICANÁLISE NOS ENCONTROS E DESENCONTROS COM O FEMINISMO NEGRO?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Psicologia, área de concentração: Psicologia da Saúde, sob a orientação da Profa. Dra. Anita Guazzelli Bernardes.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA

CAMPO GRANDE – MS

2023

Ficha Catalográfica

F388q Ferri, Hilza Maria de Aquino Nunes
O que pode a psicanálise nos encontros e desencontros com o feminismo negro?/ Hilza Maria de Aquino Nunes Ferri sob orientação da Profa. Dra. Anita Guazzelli Bernardes.-- Campo Grande, MS : 2023.
112 p.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande- MS, 2023
Bibliografia: p. 106- 112

1. Feminino. 2. Psicanálise. 3. Feminismo negro. 4. Falta. 5. Reparação I.Bernardes, Anita Guazzelli. II. Título.

CDD: 616.89022

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
Inspira o futuro

A dissertação apresentada por **Hilza Maria de Aquino Nunes Ferri**, intitulada **"O QUE PODE A PSICANÁLISE NOS ENCONTROS E DESENCONTROS COM O FEMINISMO NEGRO?",** como exigência parcial para obtenção do título de Mestrado em PSICOLOGIA à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi **APROVADA**.

Anita Guazzelli Bernardes, como presidente da banca assinei a folha de aprovação com o consentimento de todos os membros, ainda na presença virtual destes.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Anita Guazzelli Bernardes
Prof. Dr. José Francisco Sarmento
Profa. Dra. Noemi Bandeira

Campo Grande - MS, 10 de março de 2023.

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos e ao meu marido
pelo incentivo e apoio nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Anita que tanto me encorajou a escrever sobre temas tão caros e delicados para mim. Obrigada por sua generosidade na escuta e sua postura ética ao incentivar que eu encontrasse meu próprio dizer, bem como pelo incentivo para que esta escrita de colchas de retalhos vivos no encontro com outros e outras fosse possível.

Agradeço ao meu marido Humberto, parceiro de vida, que sempre me apoiou incondicionalmente nessa caminhada.

Sou grata aos meus filhos por todo amor e incentivo nesse período de tanta correria.

À minha mãe, minha primeira contadora de Histórias, que foi um livro vivo para mim e que marcou de forma indelével minhas escrevivências.

Ao meu pai que foi meu exemplo de força e coragem.

À minha irmã, que amo e admiro.

Ao meu irmão que dividiu comigo alguns momentos dessa história.

Às minhas amigas e todas as mulheres que passearam, de alguma forma, por essas histórias e escritas.

Aos meus colegas de estudos e laboratórios do grupo de pesquisa em Psicologia da saúde, Políticas da Cognição e da Subjetividade, com os quais muito aprendi e realizei boas trocas e que levarei comigo na minha trajetória de vida.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo percorrer os caminhos que transitam entre dizeres a partir de uma perspectiva do feminismo negro em entrecruzamento com dizeres do feminino na psicanálise. O campo teórico se situa na psicanálise lacaniana e nos seus cruzos com o feminismo negro. Para a análise, utilizo textos de autoras feministas negras na intersecção entre classe, gênero e raça para denunciar os processos coloniais de naturalização de ações, linguagens e formas de viver e o feminino na psicanálise lacaniana como um saber subversivo e furado. A pesquisa se insere no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, com área de concentração em Psicologia da Saúde, especificamente na linha de pesquisa "Políticas públicas, cultura e produções sociais". O método cartográfico é utilizado para articular esses diferentes dizeres, histórias, escrevivências, conceitos e epistemologias heterogêneas que se cruzam em alguns pontos, formando redes, laços e enredos. Assim, constrói-se uma colcha de retalhos em que se costuram pontos de encontros e desencontros, chegando à questão de pesquisa sobre quais as possibilidades de cruzamentos entre a psicanálise e o feminismo negro como possíveis saídas ao discurso alienante e colonizador do patriarcado, do racismo e de outras formas de domínio que tornam o outro um estrangeiro a ser subjugado, dominado e quais as possibilidades da psicanálise frente ao discurso de ódio nos encontros e desencontros com o feminismo negro. A pesquisa discorre sobre questões de uma psicanálise implicada no mundo, utilizando-se do feminino na sua relação com a falta e se aproximando do feminismo negro com suas lutas por reparações históricas, políticas, econômicas e sociais, para pensar a diferença não como um produto de desigualdades, segregações e apagamentos, mas considerando a diversidade enquanto possibilidade de trocas em que as diferenças não são eliminadas e sim consideradas como possibilidades de criar pontes, ao invés de muros, entre dizeres.

Palavras-chave: Feminino; Psicanálise; Feminismo Negro; Falta; Reparação.

ABSTRACT

This master's thesis aims to go through the paths that pass between sayings from a black feminist perspective intersecting with sayings of the feminine in psychoanalysis, without one knowledge being subsumed by the other. The theoretical field is Lacanian psychoanalysis and its intersections with black feminism. For the analysis, I use texts by black feminist authors at the intersection of class, gender, and race to denounce the colonial processes of naturalization of actions, languages, and ways of living and the feminine in Lacanian psychoanalysis as a subversive and punctured knowledge. The research is inserted in the Post-Graduation Program in Psychology, with a concentration area in Health Psychology, specifically in the research line "Public Policies, Culture, and Social Productions". The cartographic method is used to articulate these different sayings, stories, writings, concepts, and heterogeneous epistemologies that cross at some points, forming networks, ties, and plots. Thus, a patchwork quilt is built in which points of encounters and mismatches are sewn, arriving at the research question about what are the possibilities of intersections between psychoanalysis and black feminism as possible ways out of the alienating and colonizing discourse of patriarchy, racism and other forms of domination that make the other a foreigner to be subjugated, dominated, and what are the possibilities of psychoanalysis in the face of the discourse of hate in the encounters and mismatches with black feminism. The research discusses issues of a psychoanalysis implicated in the world, using the feminine in its relationship with lack and approaching black feminism with its struggles for historical, political, economic and social reparations, to think of difference, not as a product of inequalities, segregation, and erasures, but considering diversity as a possibility of exchanges in which differences are not eliminated but considered possibilities of creating bridges, instead of walls, between sayings.

Keywords: Feminine; Psychoanalysis; Black Feminism; Lack; Reparation.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 09

1. COLCHAS DE RETALHOS CONSTRUÍDAS PELOS CAMINHOS CARTOGRÁFICOS DA PESQUISA 14

2. COMO APROXIMO O FEMINISMO NEGRO DO FEMININO NA PSICANÁLISE 22

2.1 Cruzos Epistemológicos 42

3. LUGAR DE FALA 49

3.1 As Marcas de uma Biografia em Corpos Falantes 62

4. O ARCO-ÍRIS COMPORTA TODAS AS CORES? 74

5.CONSIDERAÇÕES FINAIS 94

REFERÊNCIAS 106

APRESENTAÇÃO

A minha alma 'tá armada
E apontada para a cara do sossego
Pois paz sem voz paz sem voz
Não é paz é medo....
Qual a paz que eu não quero
Conservar para tentar ser feliz.

Minha Alma (A paz que eu não quero) – O Rappa
(Yuka, 1999).

Começo minha apresentação com a música do grupo O Rappa, com letra de Marcelo Yuka, para dizer de como esta pesquisa surgiu por um desassossego, um incômodo desses que tiram a paz e provocam o desejo de movimento, de trocas, de uma aposta na vida e nos laços sociais. Tais desassossegos se produziram como algo que me tirou da zona de conforto e me possibilitou produzir uma escrita como ato político e que me tocou como pesquisadora. Desassossegos e incômodos que fizeram com que eu me colocasse na pesquisa, causando torções e rebuliços que se constituíram em questões-problemas.

Diante de discursos cada vez mais segregatórios e violentos, era preciso escrever e falar sobre a miséria humana, sobre quem foi colocado como outridade e para isso recorri ao feminino na psicanálise em cruzamento com os feminismos negros. Esta dissertação tem por objetivo problematizar a psicanálise neste tempo, neste mundo, interrogando-a com os movimentos feministas negros sobre quais as possibilidades de atuação da psicanálise diante desse discurso de ódio que circula na nossa sociedade representado pela figura de Jair Bolsonaro (ex-presidente do Brasil), que explicita em suas falas de conteúdos racistas, homofóbicos, misóginos, colocando-se um dito todo fechado, autoritário, sem aberturas ao diálogos, às diferenças e marcando que quem está fora desse enunciado pode ser destruído.

Esta dissertação transita pelas práticas e leituras de mulheres negras e do feminino na psicanálise de orientação lacaniana, bem como dos encontros e discussões do laboratório e grupo de pesquisa, conduzidos por minha orientadora Dra. Anita Guazzelli Bernardes. Esta escrita é feita no Programa de Pós-graduação em Psicologia, com área de concentração em Saúde. Pesquisar saúde, hoje, é pensar no e com o mundo em que vivemos, portanto, um discurso de ódio se torna, também, uma das dimensões determinantes na produção de sofrimento no nosso presente. É nesse encontro com outras/outros, esses com os quais cruzei pelos caminhos da pesquisa, que a pesquisa vai acontecendo.

Durante essa trajetória entre os diferentes dizeres e saberes com suas distintas geografias, epistemologias e práticas, fui atravessada pelas seguintes questões: Quais as possibilidades de cruzamentos entre a psicanálise e os movimentos feministas como possíveis saídas desse discurso alienante e colonizador do patriarcado, do racismo e de outras formas de domínio que tornam o outro um estrangeiro a ser subjugado e dominado? E o que pode a psicanálise nas contingências desse discurso de ódio?

A dissertação foi se construindo implicada com redes de dizeres entre múltiplas vozes do feminino e do feminismo negro. Pelos caminhos cartográficos, fui tecendo a escrita que constituiu esta dissertação, provocando giros e torções. Por intermédio das minhas escrevivências, conceito cunhado por Conceição Evaristo (2014) que fala de histórias vividas e confeccionas no encontro com outras em que a realidade e a ficção se cruzam e discorrem sobre subjetividades marginalizadas e suas potencialidades para fazer rasgos no tecido do discurso (Diz-Curso) contada pelo dominador colonialista, racista e patriarcal, por meio de rizomas que se entrecruzam em uma semiótica, na qual o dizer afetivo comparece constituindo pelas fissuras, novos tecidos que falam de uma verdade ficcional, mas também de uma ficção que diz de uma verdade. Foi assim que me aproximei do feminismo negro e de suas lutas políticas de reparação, pensando estes movimentos como a base da pirâmide da nossa sociedade que luta contra as mazelas sociais, raciais, patriarcais e misóginas, e do feminino na psicanálise com seu discurso furado da não toda na norma. É importante situar, aqui, que me aproximo tanto do feminino quanto dos feminismos por ser uma mulher, filha de retirantes nordestinos. Ser mulher não como uma condição que a natureza me outorgou, mas ser mulher em uma sociedade patriarcal, misógina que me posicionou como tal. Como mulher, encontrei-me com outros corpos que tinham e têm marcas distintas das minhas. Meu corpo é marcado identitariamente como branco, mas o ponto de partida de minhas aproximações com esses conceitos foi pelas experiências de gênero, classe social, localização/geográfica. São essas marcas que tomam volume, para mim, como mulher pelos diferentes lugares que habitei no Brasil que são, na verdade, muitos brasis, com diferentes realidades e, também, foram nesses diferentes lugares, tanto geográficos quanto inconscientes, que essas experiências começaram a se multiplicar.

Assim, esta dissertação é constituída a partir de uma metodologia cartográfica que descreve como foi se constituindo a pesquisa pelos recortes de diferentes dizeres e caminhos pelos quais se cruzam diversas histórias, uma carta-grafada daquilo que atualiza o que foi

vivenciado no presente em que escrevo e que não é apenas meu, mas se constitui nos encontros e desencontros atualizados pelos corpos grafados por essas marcas que me ajudam a escutar o cotidiano costurados por esses retalhos para problematizar o cotidiano no âmbito da pesquisa. Esse percurso não foi linear, ao contrário, se deu por travessias que se cortam e atravessam nos seus cruzamentos, mas sem apagar os territórios, sem subsumir as margens que se tocam e causam sensibilidades na travessia dessas intersecções.

A dissertação foi se construindo implicada com redes de dizeres entre múltiplas vozes do feminino e do feminismo negro. Essa trajetória não se deu sempre por caminhos lineares e resultou em quatro capítulos e dois subtítulos.

No primeiro capítulo, por meio da metodologia cartográfica, descrevo como foi se constituindo, pelos recortes de diferentes dizeres, os caminhos pelos quais se cruzam diversas histórias, uma carta-grafada. Discorro, por intermédio das trilhas cartográficas, sobre as formas como se deram os cortes e recortes que foram formando uma colcha de retalhos de dizeres, mas sem desrespeitar as fronteiras dos territórios e margens onde se deram tais encontros e sem apagamentos das diferenças. É nesse caminhar que vou situando meus trajetos de investigação e delineando minhas questões de pesquisa.

No segundo capítulo, relato sobre o percurso do feminino na psicanálise lacaniana em cruzamento com dizeres do feminismo negro e dos movimentos feministas negros como potência política de reparação histórica. Assim, aproximo o feminino na psicanálise lacaniana ao feminismo negro pelas suas formas distintas de subversões. Marco as diferentes formas de atuação desses dizeres, mas também como possiblidade de diálogos em tempos de discursos de ódio e de separação entre nós/eles que produzem as relações de inimizade.

No subtítulo “Cruzos e Macumbas”, utilizo-me dos cruzos da macumba para dizer dessas possibilidades de trocas sem subalternizações, sem apagamentos de história, como tantas vezes é feito ao se utilizar das estratégias de miscigenação e da dita democracia racial constituídas como formas de esquecer e oprimir o que não quer ver e o que se quer calar.

No terceiro capítulo, entro na discussão sobre o lugar de fala, como dizeres que saem dos discursos de opressão, daquilo que o dito do outro dominador diz, dos dizeres racistas, patriarcais, colonialistas e que são confrontados pelos dizeres e histórias ancestrais, produzindo tensionamentos nos lugares de fala. Nesse capítulo, utilizo-me também das minhas escrevivências para localizar onde me encontro e discorro sobre como os crescentes discursos de ódio no momento atual que vivemos na política do governo de extrema direita no

Brasil (2018-2022) produziram e promoveram violências na nossa sociedade e um aumento nas práticas preconceituosas.

No subtítulo desse capítulo, debato sobre os lugares de fala que dizem sobre a biografia em corpos falantes. São discursos que marcam, no real, os corpos que estão no mundo com suas mazelas e lutas cotidianas de reparações. Utilizo-me, novamente, das minhas escrevivências que dão corpo a minha escrita, registro de uma inscrição no real do meu corpo e sobre o feminino nas suas gagueiras como saídas subversivas a esse discurso alienante e colonizador do outro, uma gira por outras terreirizações, com uma invenção e uma abertura ao novo.

O quarto e último capítulo, “O Arco-íris comporta todas as cores?”, começa por uma pergunta para provocar questionamentos e a procurar por um saber furado, um saber que não se sabe e que ainda precisa ser costurado. Nesse capítulo, utilizo-me das minhas escrevivências, novamente, para dizer do local no qual me encontro e recorro à interseccionalidade como ferramenta para entender os apagamentos de cores e dizeres dos jogos de poder sobre determinados corpos. A interseccionalidade é operacionalizada, também, como denúncia e estratégias de lutas para dizer do que é abafado e escondido nesse arco-íris “democrático”, para pensar possíveis diálogos do feminino na psicanálise ao feminismo negro, diante de discursos segregatórios.

Nas considerações finais, escrevo uma carta-grafada pelos entrecruzamentos com outras não todas que me ajudaram a reconstruir minha colcha de retalhos. Minha mãe, que foi um livro vivo com suas histórias contadas oralmente, histórias fantasiosas que falavam de uma verdade “semi-dita”, sua verdade ficcional ou uma ficção que dizia da sua verdade e também histórias de minhas avós, bisavós, tias, primas e amigas, em especial a Ana, minha primeira “ana-lista”, bem como as histórias ouvidas de tantas outras mulheres em seus contos, cantos e cantigas que diziam (e ainda dizem pelo ressoar de suas vozes) de suas histórias apagadas e de dores como as histórias de Lulu e a Zulmira.

São com os próprios cacos, com os restos que se pode reconstruir o que se quiseram fazer esquecidos, para fazer assim bricolagens de vidas e mundos para restituir a possibilidade do encontro, mas mantendo os “im-passes”, para se fazer passagem para o passe que s
que é estrangeiro. Por isso, para a psicanálise ainda é hora de escutar, de entender, nã
de concluir!!!

1. COLCHAS DE RETALHOS CONSTRUÍDAS PELOS CAMINHOS CARTOGRÁFICOS DA PESQUISA

.... Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar

Preciso me encontrar – Cartola
(Candeia Filho, 1976).

E foi andando por esse Brasil, deixando o mar do meu sertão nordestino com o gosto de sal na pele que encontrei o caminho dos rios e, assim, fui construindo minha própria colcha de retalhos, costurados no encontro com outras, coletivamente, mas sem que essa colcha deixasse de ser heterogênea.

Dessa forma, escolhi o método cartográfico que é um caminho que se faz caminhando, sem começo, meio e fim, pois é um movimento de encaixe e desencaixe, fazendo novas torções. Caminho a percorrer e caminho percorrido, com encontros e desencontros que causam deslocamentos, transcendem o que foi pensado inicialmente. Entrecruzamentos de ideias vão ocorrendo nesses deslocamentos, percursos que saem do que foi ajustado e que atravessam a pesquisa permitindo a emergência da dúvida, do surpreendente e, às vezes, algo novo e não o “de novo".

Retalhos que são costurados, que se intersecionam e se transformam em outra coisa, o novo e o diferente de quando estavam em pedaços, separados em categorias, sem torções, sem emaranhados, mas ainda mantendo suas bordas e limites. Assim, o texto vai tomando um corpo como uma colcha de retalhos, às vezes estranho, por caminhos tortuosos e sem saber o que aquilo vai virar. Quais histórias e dizeres dessa colcha formada por mãos e dizeres tão diferentes podem contribuir como aposta de vida?

O método cartográfico coloca (a) pesquisadora em um lugar desconhecido e não se trata de uma verdade como realidade, mas de conhecimento que vai se costurando no encontro com outras histórias com pontos comuns e universos - une versos - diversos, respeitando o que é heterogêneo e, assim, possibilitando o surgimento de versos e conversas. Kastrup e Passos (2013, p. 264), citando Maturana e Varela (1990, p. 21), citam “todo ato de conhecer traz um mundo às mãos, [...] todo fazer é conhecer, todo conhecer é fazer”. Esse processo de criação transversal entre diferentes exige uma responsabilidade ética e política diante dessa costura.

No artigo Cartografar, Kastrup e Passos (2013, p. 265) escrevem sobre a importância de se traçar um plano comum:

> Trata-se de incluir as múltiplas linhas ou vetores que Gilles Deleuze e Felix Guattari (1997) chamam de rizoma e que Bruno Latour (2000; 2007) evoca como rede de articulação e composição, para que possamos fazer emergir o entendimento de uma realidade complexa.

Assim, começo o caminho de uma escrita interrompida e retomada depois de um longo tempo. Um caminho a ser escrito, inscrito e, assim, formar uma escritura. Essa história se inicia com uma amiga, a Ana, com quem comecei a relatar oralmente as minhas histórias e ela a me contar as dela. Foi assim que fui relembrando, ressignificando e entendendo algumas cenas que hoje podem ser escritas e fizeram uma inscrição, que forjaram uma escritura nas minhas escrevivências.

Foi por meio dessa Outra que fui me emaranhando em dizeres que se encontravam com outras histórias. O encontro de duas estrangeiras que se cruzam e, a partir daí, reencontram-se com suas memórias, afinal é no encontro com outros que construímos enredos. Histórias e mundos tão diferentes e, ao mesmo tempo, que se tocam em suas margens. Duas estrangeiras se acolhem e recolhem suas dores e vivências.

São desses entrecruzamentos de dizeres que me surge o desejo de escrever sobre esse emaranhado de dizeres do feminino com os dizeres do feminismo, precisamente agora a terceira onda, a do feminismo negro. Quais os pontos de encontro e desencontros desses dizeres? Como tensionar diferenças e, ao mesmo tempo, encontrar pontos de intersecção entre esses dizeres?

Em um momento da pesquisa, perguntei-me: como escrever 100 páginas? De repente, percebo que ter que enquadrar todos esses dizeres em um determinado padrão me deixa (sem) palavras. Como falar do óbvio, mas também do que é insuportável? Como tocar na ferida e dizer que todos estão certos, mas também estão errados, certos e errados. Não tem caminho único, caminho dito, fechado e que aponte para uma única verdade.

Como somos enlaçados pela cultura colonialista? Pensar sobre essa pergunta demanda localizar a colonialidade no enlace da subjetividade com a cultura, pois se trata de pensar de modo situado, desde a Terra da qual falamos. A psicanálise, aqui, passa a ser tensionada pelas colonialidades, pela Terra colonizada. Este é um assunto que interessa tanto a psicanálise quanto ao feminismo negro. O patriarcado, o racismo e outras formas de subalternizações políticas, econômicas, epistêmicas, geram violências, colonizam e subalternizam uma

sociedade coletivamente, embora uma a uma sintam na sua singularidade e coletivamente essa opressão de maneira diferenciada.

Minha questão de pesquisa: Quais as possibilidades de cruzamentos entre a psicanálise e os movimentos feministas como possíveis saídas para o discurso alienante e colonizador do patriarcado, do racismo e de outras formas de domínio, que torna o outro o estrangeiro a ser subjugado e dominado? E o que pode a psicanálise frente a isso nesse contexto de ódio?

Essas perguntas foram sendo formulada durante o trajeto da pesquisa em uma relação com o que fui experenciando nas leituras, nas vivências com os grupos de estudo e pesquisa e como toda essa experiência foi me tocando em um jogo de vida nas trocas com outros, assim foi surgindo esta escrita com seus remendos, rasuras e inscrições. Uma escrita de encontros, desencontros, de encruzilhadas e intersecções costuradas ao longo da dissertação. Escrita que será mostrada pela cartografia, "carta-grafada", indicando como meu caminho de pesquisa foi acontecendo. Apesar de a questão ter sido colocada já desde o início, ela foi tomando corpo ao longo da pesquisa. Aconteceu no caminho, durante o caminho e continuou fazendo o caminho. Caminho não pronto, mas construído durante a caminhada.

É importante, já de partida, apontar alguns alertas que compõem essa pergunta de pesquisa, porque isso faz parte da própria política da pesquisa: o feminino na psicanálise e o feminismo negro possuem pontos de desencontro, com campos de saberes, de experiências, atuações e intervenções próprias e, em alguns pontos, com dizeres aparentemente antagônicos. A psicanálise trabalha com a falta que é estrutural no sujeito, enquanto o feminismo negro trabalha com a reparação, entretanto, ambos atuam na ordem da existência, da experiência, da linguagem como formas de desalienação e, nesse ponto, atravessam-se, mantendo as diferenças nos possíveis laços marginais.

É nesse lugar desterritorializado que procuro caminhar com minha pesquisa, um lugar de uma estranheza a tudo, o estranho-conhecido. A vida com sua fragilidade e impermanência é movimento e a palavra tem potência de ação, de deslocamento, um fugir para adiante, um dizer próprio que subverte e tira o sujeito do lugar de puro objeto do outro.

Dessa forma, vou me utilizar do lugar que o feminino ocupa na psicanálise, a partir de Freud e Lacan, em interseccionalidade com os dizeres do feminismo negro, buscando tensionar esses significantes com suas questões que lhe são próprias, como um ponto de partida, para discutir meu problema de pesquisa. O objetivo é pensar esses dizeres como possibilidades de laços e de potência, sem apagamentos de dizeres. Por meio de seus furos e

tensões, provocar deslocamentos levando em consideração as possibilidades discursivas do feminino na psicanálise e do feminismo negro, em intersecções com outras categorias de subjugação e marginalização, com o propósito de produzir movimentos, de modo a possibilitar entrecruzamentos de ideias, para que a palavra circule, gire, faça voltas com toda sua potência de ação.

A palavra aparece como um ponto comum entre os dois campos que me aproxima desses diferentes dizeres. A palavra como um lugar de circulação com sua força de movimento, de criação, mudança e de prática de liberdade. Sendo a tomada da palavra - não se trata de um dar a palavra ao outro, mas de um tomar a palavra - um elemento importante em termos de luta política, com efeitos no simbólico, no atravessamento do real do corpo e no imaginário, tanto no que se refere à reparação ou à falta, e não como elemento de opressão e violência.

Esses atravessamentos são importantes em um momento histórico de intensificação de um sistema fascista em que vemos o retorno aos discursos conservadores acerca dos valores e da moral e, ao mesmo tempo, discursos ultraliberais na economia, com perdas de direitos e garantias conseguidos ao longo de anos de muitas lutas pelos movimentos sociais de base, juntamente com um discurso de ódio como suporte de violências colocadas em ato na fala, na economia, na política, nas restrições de direitos, com o rompimento das vozes das minorias que são, na verdade, maiorias. Assim, torna-se necessário pensarmos em ampliar as alianças e criarmos novos caminhos onde a palavra circule e não fique presa em um círculo fechados pelo ódio.

Portanto, faz-se necessário intensificar as alianças e os desafios de caminharmos nos diálogos, mantendo as diferenças que devem ser enfrentadas de frente. Desse modo, a psicanálise não pode recuar diante desse real que está em jogo, pois o inconsciente é a política que se manifesta em seu tempo. Assim, devemos atuar com outros espaços e ampliar discussões e as trocas de experiências com a proposta de abertura aos diferentes dizeres.

A psicanálise deve estar implicada em seu tempo, se não estiver atenta às questões de sua época estará fadada ao fracasso. É importante, enquanto analistas, que possamos ouvir e discutir com a sociedade a realidade concreta, juntamente com a incapacidade de alguns grupos em aceitar a alteridade radical de outros. Alguns dentre os quais se produz o fomento da agressividade e do discurso de ódio em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida. Mesmo que tenhamos desafios diante

dessas alianças, precisamos fazer circular a palavra que não cala, mas que transgride, que faz trocas e cruza caminhos.

A analista como um sujeito inserido em um dado momento histórico/político, não pode recuar no seu dizer. Para participar efetivamente na pólis, deve promover as diferentes formas de discurso e apontar o engodo do discurso totalitário e alienante, saindo, portanto, de seu princípio de neutralidade, de seu dizer silencioso, da análise em intenção para a análise em extensão, em um trabalho para além das paredes dos seus consultórios. Haverá sempre uma tensão entre o indivíduo e a cultura, sendo a analista aquela que vai articular o universal à singularidade de cada sujeito.

A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero, ou qualquer outra forma de discriminação, ofende a subjetividade da humanidade. Precisamos revisitar questões sociais, hoje tão atuais, como a opressão, o poder e a política de domínios de corpos. Questões vistas já por Freud em "*o Mal-estar da civilização*" (1930/2010), como também no seu livro "*Psicologia das massas*" (1921/2011), pois, segundo o autor, a psicologia individual é desde o início a psicologia social, por sua vez, Lacan diz: o inconsciente é o discurso do Outro.

A psicanálise, apesar de não ser dada a revoluções, é subversiva, pois aponta para a divisão do sujeito como ser falante, ser coletivo e singular. Aponta para os limites das verdades únicas e isso não significa se relacionar com o outro de forma destrutiva, ao contrário, entender sua diferença radical para suportar o outro nos seus desencontros e encontrar meios para ainda assim fazer laços com esse outro social e é com ele que temos que lidar de forma a fazer algo que engendre modos de trocas menos destrutivos nas relações sociais.

Dessa forma, a psicanálise tem seus limites e recortes, pois se crermos verdadeiramente que podemos tudo e fazer dessa crença uma verdade, nos colocamos diante do perigo de projetarmos modelos únicos de formas de viver. Lacan, escreve que "não há nada mais contraditório que a crença que causa uma cegueira em um saber único. Escreve, também, sobre o quanto o sujeito coloca no próximo a sua agressividade, podendo até levar esse outro à morte (Lacan, 1986/2008a) [...] e que o subdesenvolvimento é um produto do capitalismo e uma condição do progresso capitalista" (Lacan, 1971/2009). O que está posto na condução estrutural de nossa política, na posição subjetiva do feminino na psicanálise, me faz querer me embrenhar nessas questões dos dizeres do feminino na psicanálise e no feminismo negro e suas intersecções com outras formas de subalternizações.

Além de Freud e Lacan, converso, também, com autoras feministas do movimento negro como Lélia Gonzales, Grada Kilomba, Chimamanda Adichie, Angela Davis entre outras. E me utilizo, também de textos que tratam de escrevivências, tendo como referência Conceição Evaristo.

Lembrando que a escrevivência narra histórias e diz de algo de uma vivência e de um sentir, vivenciados com outros, fala de uma experiência coletiva que tocou o sujeito. Essas histórias de escrevivências podem ser as histórias de tantas outras mulheres ou meninas, ou de quem um dia já foi o rebotalho, outridade, excluído e resto.

A escrevivência não é uma biografia, mas um lugar de uma inscrição coletiva e singular que passa por histórias vivenciadas e ficcionais. A verdade só pode ser "semi-dita" e tem estrutura de ficção, uma ficção que não se trata da mentira ou verdade, nem verificação de fatos reais, mas da história sentida por quem a conta, em torno de um coletivo.

Ouvir histórias, ouvir as vozes do feminino que é não todo e que na psicanálise se refere ao que é furado, ao que é atravessado pela falta, pelos restos, bem como os dizeres contados pelas vozes do feminismo negro sobre aquilo que foi escondido e o que tem a dizer no que lhe foi atravessado no corpo e na língua, são as razões que justificam entrar em uma discussão que permeia discursos diferentes, mas que, em algum momento, cruzam-se sem empalidecer suas particularidades para, assim, suportar o insuportável do desencontro.

A pesquisa busca uma aproximação da psicanálise com os acontecimentos atuais que atravessem esses corpos falantes em suas diferenças radicais, para que a diferença não seja causa de desigualdades.

Para isso, trabalhei com dizeres distintos, mas que, em algum momento, margeiam-se na busca de uma linguagem em sua experiência com o corpo real. Trata-se de um ponto incisivo de corte que não retrocede no seu dizer ético decidido de rompimento com o que aliena e subjuga, possibilitando laços e não um nó entre o feminino na psicanálise com o feminismo decolonial negro na nossa atualidade.

Esta escrita vai se costurando a partir da cartografia, inspirada nas escrevivências de Conceição Evaristo (2014), pois essa cartografia se torna texto, como uma carta-grafada em várias línguas pelos caminhos que vão se construindo pelas minhas contações de histórias que permitem o encontro com corpos femininos/feministas e com seus dizeres que em alguns pontos se tocam. O meu campo empírico ganha forma escrita por essas histórias de experiências singulares e coletivas, ficcionalizadas em um tempo do inconsciente, que falam

de várias vidas, são elas tias, irmãs, avós, mães, colegas, filhas, pacientes, entre outras tantas que os caminhos cruzaram e entrecruzaram.

Essa carta-grafada é inspirada nas escrevivências com casos e causos de vidas compartilhadas e esse caminho já está atravessado pelo efeito dos encontros entre o feminino na psicanálise e os feminismos negro. Não se trata de um estudo de caso em que o pesquisador se encontra em uma postura imparcial, como um observador a interpretar o outro. As escrevivências se aproximam do mundo, esses "causos" são casos de vidas compartilhadas, de histórias entrecruzadas, em que o eu e o nós, não habitam espaços geográficos distintos, mas estão interligados nas suas singularidade e diferenças em um emaranhado de enredos. Assim, vai se construindo uma carta grafada em uma pesquisa cartográfica.

É sempre pelas margens que esses encontros acontecem, não há invasões, mas sim um margeamento de experiências em que as trocas acontecem sem apagar o que é particular a cada dizer, sem que os dizeres se dissolvam em um só discurso e possam tecer essas vivências que são coletivas, mas não uniformes, construindo encontros de retalhos de dizeres dos restos, do marginal, de quem em algum momento foi outridade e esteve na margem.

2. COMO APROXIMO O FEMINISMO NEGRO DO FEMININO NA PSICANÁLISE

Pra cada braço uma força
De força não geme uma nota...

Já se pode ver ao longe
A senhora com a lata na cabeça
Equilibrando a lata vesga
Mais do que o corpo dita

O que faz o equilíbrio cego
A lata não mostra
o corpo entorta
Pra lata ficar reta

...E a força que nunca seca
Pra água que é tão pouca

A Força que nunca seca – Chico César
(César & Da Mata, 1999).

Essa música me tocou profundamente, pois fala sobre o sofrimento em um espaço onde se falta o básico e visibiliza a força de um povo para sobreviver com tão poucos recursos. Como mulher branca, nordestina e retirante, que passou por todas as dificuldades, resultante da diáspora, tão comum ao povo nordestino, um povo que se coloca estrada afora com o coração dividido entre a saudade de sua terra e a esperança de encontrar caminhos menos áridos, solidarizo-me com a dor do povo negro e, especialmente, das mulheres negras que, pelas interligações de raça, classe e gênero, são colocadas como os restos dos restos de uma sociedade expropriatória capitalista. Mulheres negras que representam todo um povo que não teve nem direito de escolha, pois foram arrancadas de suas terras, obrigadas a se subjugar aos costumes, religião e colocar os seus corpos forçadamente à disposição do Outro escravagista, patriarcal e perverso.

E é assim, a partir de uma inconsistência, de uma falha, uma desproporção, que me surgem questões sobre os impasses da psicanálise diante de políticas de exclusões, opressões patriarcais e racistas sobre certos corpos e dizeres. Esses sistemas colonialistas e capitalistas tocam o real do corpo, com seus gozos perversos e o simbólico como estrutura de subjugação e negação da palavra e da língua do outro que foi feito de outridade. Assim, questiono-me sobre o que pode a psicanálise diante desses discursos capitalistas, aproximando-me das múltiplas vozes do feminino na psicanálise e do feminismo negro com o desejo de escutá-las

em seus encontros, mas também nos seus desencontros e, dessa maneira, vou me aproximando da minha questão de pesquisa que vai se delineando e tomando corpo sobre os possíveis cruzamentos entre esses dizeres como saídas desse discurso alienante e colonizador do patriarcado, do racismo e de outras formas de domínio que tornam o outro o estrangeiro de si mesmo.

Como escreve Duras, citada por Gallano (2011, p. 16), o que surge a partir da "falha na lógica do universo" é a própria falha da linguagem, seja nas suas exclusões ou no que não consegue alcançar e, a partir disso, a possibilidade de irromper um amor ao saber. Um saber não todo que suporta a heteridade com seus desencontros. Heteridade não como marca normativa, mas como o registro da alteridade que não se cala diante de normas coercitivas e repressivas que visam a subjugação.

Na música de Chico Buarque e Gilberto Gil, o cantor diz: "pai afasta de mim este cálice" (1978). O sistema patriarcal paternalista, diz: beba este cálice. O cálice também era "cale-se". Mesmo assim, ainda se pode dizer não ao pai, ao poder patriarcal, racista e poder cuspir este cálice "o que me importa ser filha da santa, melhor seria ser filha da outra, outra realidade menos morta" (Buarque & Gil, 1978).

Parte de mim morreu no real do corpo, da carne marcada no rosto, no nome, renasço aos poucos para fazer algo diferente, poder cuspir esse cálice. Essa herança de sofrimentos, de ficar com o pior que foi a herança deixada por quem nos colonizou. Podemos cuspir essa herança, todos que um dia foram excluídos e não negaram suas misérias, mas criaram algo com seus próprios restos.

Freud também dizia que somos marcados por uma história, mas temos algo que nos é inato e Lacan fala também dessa irredutibilidade, uma marca indelével, algo perdido para sempre, um saber que não se sabe, mas se sente. Estar em uma posição feminina, para a psicanálise, é estar mais aberta a novas inscrições, a um escrito que marca no corpo, mas tem algo que escapa e é inapreensível pela linguagem e está fora da norma.

O feminino diz de algo que se sente, mas que é indizível e que traz uma alteridade radical que não pode ser nomeada pela linguagem, um gozo suplementar e não complementar, que é aberto e não um todo colonizado pela linguagem.

Ana Paula Prates em "*Misoginia e Psicanálise*" (2022, p. 138-139), escreve:

> O feminino também faz objeção ao discurso capitalista por meio do seu modo de gozo. O próprio modo de gozo não-todo fálico da mulher se recusa a ser totalmente colonizado pelo discurso do Outro. Para a psicanálise, é a mulher que aponta para essa perspectiva do não todo.

No texto de Ana Emília, esta coloca que temos um "Corpo-herança, corpo bio-gráfico", corpo marcado por uma história. Grafias que marcam esses "corpos-sujeitos-falantes", mas que também temos algo que não se é capaz de se apreender, "um granito de *fatum*, uma marca irredutível". A autora do texto fala de um "destino espiritual". Esse destino seria uma "marca irredutível" que se teima em escrever (Lobato, 2021, p. 28). Somos, portanto, formados bio-graficamente por uma história, mas temos algo de uma essência que Lobato chama de destino espiritual. A autora escreve:

> O corpo, em sua materialidade, sua arquitetura, sua paisagem, é também um texto, uma escrita da vida que foi se tecendo... A cada aprendizado, cada espanto, cada gesto... recortando e costurando, escolhendo e decidindo nisso que foi herdado; aprendendo a partir disso que não se 'aprende nunca', desse chão simultaneamente granítico e espiritual, singular e irredutivelmente plural (Lobato, 2021, p. 28-29).

O feminino, na psicanálise, aproxima-se do que é ancestral no que se refere a algo que não foi ocupado pelo discurso, uma abertura a um fazer singular e às diferenças, um feminino ancestral que produz alteridades, pluralidades sem produzir desigualdades, nem complemento e sim suplemento, não tampona, mas é aberto e não universal. Tem algo impossível de ser colonizado pela linguagem desse Outro com seu dito imperioso e toca o que lhe é alheio, ao que tocou no real do corpo, que permeia o que não tem sentido, mas é sentido no feminino. Assim é que o feminino com seus furos fez e faz resistência ao discurso dominante do todo colonizador.

Para se construir o inédito precisamos, antes, nos apropriar da própria história que é construída conjuntamente com outros. Os dizeres do feminino na psicanálise e dos feminismos negros são uma aposta em novos caminhos, caminhos esses que me tocam, que me sensibilizam e me fazem querer construir laços de dizeres que rompam silêncios de histórias interrompidas por dores que precisam ser inscritas como uma potência criadora do

feminino e dizeres do feminismo negro. Não posso deixar de marcar que há uma distinção entre teorias feministas negras e os movimentos feministas negros em termos de práticas: a primeira se organiza em um âmbito não só acadêmico, mas também de formulações teóricas e conceituais; a segunda em torno de lutas por direitos civis. Entretanto, essas dimensões não são excludentes e no âmbito das discussões sobre interseccionalidade de Collins e Bilge (2020), são pensadas como coextensivas, na medida em que uma está implicada na outra como forma de afirmação e luta política. Nessa trajetória, atenho-me ao feminino na psicanálise, porém, já afetada com o feminismo negro, tanto em termos teóricos como em relação aos movimentos sociais e suas implicações com a linguagem nas suas formas de opressão. A psicanálise passa a ser situada em um espaço patriarcal, colonial, capitalista, racista que me permite certa inflexão sobre o que pode a psicanálise frente a esse contexto de ódio, vivenciados no discurso presente nesses últimos tempo da nossa política, especialmente no governo bolsonarista (2019-2022).

O que pode, portanto, a psicanálise frente ao ódio que rejeita o diferente, que se coloca em uma posição do todo, do totalitário, fixo em valores patriarcais, racistas, homofóbicos, sexistas, xenofóbicos e a todos os tipos de preconceitos e que privilegiou uma parcela específica da população que detém o controle econômico e político? Esse discurso de ódio tem o objetivo de manter o *status quo* de quem sempre se beneficiou, por meio de um discurso moralista da "pátria, família, propriedade e Deus", para manter os privilégios herdados do sistema colonialista, patriarcal e racista. Dessa forma, entendo que tanto o feminino na psicanálise lacaniana, com seus furos, no sentido de não tamponar faltas e mantê-las abertas dentro e fora dos seus consultórios, e o feminismo negro em suas lutas por restituições e reparações tenham muito o que contribuir nessa comunicação entre singularidades heterogêneas, favorecendo a construção de um diálogo com abertura para a diferença.

O Brasil, como em diferentes localizações do mundo, tem se apresentado cada vez com menos encobrimentos com relação às estratégias políticas da extrema direita alinhada ao neoliberalismo selvagem. Essa intensificação pode ser visualizada pelos contornos peremptórios das eleições presidenciais de 2018.

Durante as eleições de 2018 e durante todo o governo do Bolsonaro, bem como após sua derrota para um presidente eleito democraticamente, podemos presenciar várias consequências desses discursos de ódios que passaram a se repetir, a começar pelo

impeachment da presidente Dilma Rousseff, quando Bolsonaro dedicou seu voto a Ustra, dizendo: “Dedico meu voto ao terror da presidente Dilma, o Coronel Ustra”. Assim, ele já demonstrava a que vinha, pois com um discurso perverso sempre encorajou a todo tipo de violências e abusos, além de diversas outras práticas destrutivas.

Durante a pandemia, comportou-se com desprezo e cinismo diante do número crescente de mortos pela Covid-19, negou a doença, dizendo que era só uma gripezinha e, com isso, muitos de seus(suas) seguidores(as) deixaram de se vacinar.

Foi um ferrenho opositor do projeto de lei da Câmara (PLC) n. 122 (2006) que buscava criminalizar a homofobia e todos os crimes de discriminação ou preconceito de gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero. Chegou a defender que os pais pudessem agredir fisicamente os(as) filhos(as) para mudar o comportamento deles(as), caso suspeitassem que o(a) filho(a) fosse homossexual.

Com relação aos(às) professores(as) que buscaram construir uma escola sem censura, promovendo os direitos democráticos, Bolsonaro os(as) demonizou e perseguiu, os chamava-os(as) de escória, esquerdistas, comunistas. Defendeu hiprocritamente a escola sem partido, que na verdade é uma luta falaciosa que procura amordaçar o dizer das(os) professoras(es) cujo único objetivo da censura era evitar discussões e questionamentos políticos e históricos, uma condição para um senso crítico da memória de um povo. Também brigou para aprovar o *homeschooling*, para dar o direito aos pais de blindarem seus filhos do convívio com pensamentos discordantes da família, afastando essas crianças do convívio social. Felizmente, não conseguiu que esse projeto fosse aprovado.

Com relação aos nordestinos, também se utilizou de vários termos pejorativos. Replicarei aqui alguns trechos de manifestações discriminatórios feitas por esse senhor:

> [...] falaram que revoguei o luto de Padre Cícero, lá do Pernambuco, é isso mesmo? Que cidade fica lá? Cheio de pau de arara aqui e não sabem em que cidade fica Padre Cícero, pô? Juazeiro do Norte, parabéns aí. Ceará, desculpa aí. Lula venceu em nove dos dez estados com maior taxa de analfabetismo. Vocês sabem quais são os estados? (Uol, online, 2022).

"[...] Um deles é cearense, um cabeçudo aqui do meu lado também. Porra, eu acho que o estômago é maior do que a cabeça dele. Imagina como ele come, né?" *Em live, quando era deputado, com Olavo de Carvalho*" (Redação CUT, 2022, online, grifo do autor).

Continuando com seu dito segregatório, utiliza-se de uma fala misógina "Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher" – Discurso pronunciado na palestra proferida na sede do Clube Hebraico, no rio.(Redação Forum, 2017 online).

E continua a proferir sua mensagem discriminatória e racista ao longo de todo seu governo: "[...] Eu fui num quilombo em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R$ 1 bilhão por ano é gasto com eles" (Congresso em Foco, online, 2017).

> "Ô Preta, eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro o risco porque meus filhos foram muito bem educados e não viveram em ambientes como lamentavelmente é o teu" (G1 Brasília, online, 2011).

Essa foi a resposta que Bolsonaro deu à cantora Preta Gil, quando perguntado sobre o que faria se seu filho se apaixonasse por uma negra, em março de 2020, mas que depois disse ter entendido errado a pergunta, afinal é crime o que disse e seria penalizado se confirmasse o seu discurso racista.

Bem como em diversos momentos deixou explícito nas suas manifestações a promessa de se manter no poder a qualquer custo, utilizando-se de um discurso antidemocrático e fascista, como o reproduzido abaixo:

> [...] "Nossa bandeira jamais será vermelha! Só será vermelha se for preciso o nosso sangue para mantê-la verde e amarela" (Comício em Rio Branco, segurando um tripé de TV como se empunhasse um fuzil, durante a campanha eleitoral, 1°/9/2018). Eu quero todo mundo armado. Que povo armado jamais será escravizado". (Discurso da posse, parlatório do Palácio do planalto, 1°/1/2019). "Só saio preso, morto ou com vitória. Quero dizer aos canalhas que eu nunca serei preso". (Reunião ministerial no Palácio do Planalto, 22/04/2020) (Medeiros, online, 2022).

São tantas frases e discursos racistas, homofóbicos, sexistas, cínica, imitação de gente sem ar na pandemia, descaso e desmanche da saúde, das escolas e instituições públicas, incentivos a queimadas, invasões violentas às comunidades, um total descaso com os povos indígenas, tendo como consequência o etnocídio do povo indígena Yanomami e de tantos outros povos originários e tradicionais, o aumento da fome e da violência policial nas favelas e atos terroristas, como a tentativa de acionar bomba próximo ao aeroporto de Brasília e a invasão às sedes dos três poderes da república, (Palácio do Planalto, Congresso Nacional e ao Supremo Tribunal Federal), com destruição de obras de arte e outros bens públicos, entre tantas outras falas e ações de violenta discriminação desse governo que fortaleceram esse discurso de ódio no nosso País. Essas descrições não se referem, aqui, a apenas uma pessoa, mas a um contexto amplificado por uma figura ubuesca. Essa figura toma corpo em um contexto, amplifica-se nesse contexto, portanto, não é a fala dela em si mesma, mas o que a fala dela faz falar, o que ela nos diz daquilo que vivemos em nossa atualidade.

Nesse contexto, as discussões hoje sobre questões raciais, classe, gênero, defesa do meio ambiente e dos povos originários/tradicionais, questões humanitárias, políticas públicas, política de cotas, discussão antimanicomial e tudo que se refere às questões marginais, mais do que nunca precisam ser discutidas publicamente, conversarem, para criar espaços de lutas conjuntas sem apagar o que é heterogêneo, sem eliminar dizeres.

O racismo diário vivido por mulheres negras, a deslegitimação do conhecimento, costumes e crenças produzidos por essas mulheres, assim como os abusos, a miséria, o subemprego e a consequente falta de segurança alimentar, além dos abusos físicos e sexistas, são formas de controle e dominação étnico/racial, negando a certos corpos o direito a garantias básicas. Nesse sentido, Mikki kendal coloca que “quando o trabalho centraliza os alvos mais marginalizados de abuso e assédio sexual, ele beneficia não só os mais marginalizados, mas todo mundo” (Kendal, 2022, p. 78). A fala dessa autora reforça a importância de um trabalho nas políticas de poder sobre ‘certos corpos’ como o das mulheres negras em que se refere a junção de raça, classe e gênero e por isso se encontram em uma posição marginal, colocada pelo sistema como restos, pois a mulher negra está na base da pirâmide de desigualdades.

As instituições públicas precisam agir prontamente com medidas concretas que garantam equidade de direitos em relação a problemas sociais graves como a fome e a saúde, mas também em programas que promovam condição de ascensão e desenvolvimento às

mulheres negras, destinando recursos econômicos, estruturais e organizacionais que viabilizem políticas públicas, possibilitando com que essas mulheres tenham voz, pois elas falam e têm muito a dizer sobre as condições em que vivem. Só assim o estado demonstrará vontade política para resolver essas questões de classe, raça e gênero.

Assim, no livro "*Misoginia e Psicanálise*" (Gusso et al., 2022), no capítulo sobre "Racismo e Misoginia" (Villas Boas, 2022, p. 165), é possível ler: "A mulher negra está na base de quase todas as pirâmides que possamos pensar: de pobreza e distribuição de renda, de taxa de desemprego, de acesso à Saúde... Isso significa que a mulher negra é quem mais padece no sistema capitalista".

Portanto, faz-se necessário visitar o passado para escancararmos os processos violentos de opressão racial e patriarcal de subjugações aos quais o povo negro foi submetido e que ainda se perpetuam, especialmente para mulheres negras que tiveram como consequência o apagamento de suas histórias ancestrais que lhe foram arrancadas e que, hoje, lutam pelo direito de revivê-las. O feminismo negro luta para reparar e restituir o que lhes foi negado, usurpado e suas vozes caladas na calada das noites e dos dias. São vozes de um discurso vivido no corpo das mulheres negras que o feminismo negro busca corporificar nas lutas por reparações e restituições das suas memórias e seus contos.

Entender os processos de colonização, é entender o funcionamento do capitalismo que se utiliza do patriarcalismo, do racismo, da misoginia e de todas as formas de opressão como modo de exercer poder para excluir alguns e privilegiar outros, em geral aquele outro que é branco, homem, cisgênero.

Isso implica considerar que a psicanálise deve ter um discurso oposto ao do capitalista e Lacan anuncia isso no seu seminário "de um discurso que não fosse semblante", quando coloca:

> Uma coisa muito concreta, que temos ao nosso alcance, é o chamado subdesenvolvimento. Mas isso, o subdesenvolvimento, não é arcaico: é produzido, como todos sabem, pela extensão do império capitalista. Eu diria cada vez mais, é que o subdesenvolvimento é, muito precisamente, a condição do progresso capitalista...É preciso ver é que temos de enfrentar um subdesenvolvimento que será cada vez mais patente, cada vez mais extenso. Há uma lógica subdesenvolvida. Que tem sua raiz no

> discurso do mestre. Chave de diversos problemas que se proporão a nós (Lacan, 1971/2009, p. 36).

Ainda em “a ética da Psicanálise”, Lacan cita Freud ao colocar o quanto o homem pode ser violento e agressivo com o outro, tornado este um objeto a ser destruído, abusado, um resto. Para que a psicanálise possa estar à altura de seu tempo, ela deve estar atenta aos fenômenos de grupo que geram discursos de ódio, que são produtores de segregação, racismo e todo tipo de subjugação. A psicanálise trabalha com o que se encontra com algo que não se enquadra no discurso do todo, mas sim com os furos dos discursos, com a alteridade da linguagem.

Os discursos são lugares de fala e o discurso da psicanálise é anticapitalista no sentido que trabalha com a falta que é estrutural e não com a promessa de tamponar essa falta com objetos de consumo, um discurso que se propõem a ouvir e não a dar respostas prontas, ao contrário, trata-se de se abrir ao que não é fixo e fechado.

É nessa abertura ao que não é fixo e fechado que o feminino na psicanálise, na sua alteridade, aproxima-me de uma intersecção com os discursos da pólis e, mais precisamente, a ouvir o que tem a dizer as feministas negras, apesar de ser um lugar de tantos desencontros e tensionamentos, pois apesar da psicanálise ser subversiva, nem sempre os/as analistas o são.

Lacan no seminário da “*ética da psicanálise*” compara o ato de Antígona da tragédia grega de Sófocles, com o ato do analista de um desejo decidido que não recua diante da ameaça de um poder que se coloca soberano. A personagem de Antígona luta pelo direito de sepultar e conservar a memória de seu irmão, de forma radical, coloca-se em cena esse desejo decidido como um desejo que sustentou seu dizer até o final, mesmo que tivesse que pagar com a própria vida. Nesse caso, Antígona não recuou diante do direito de enterrar seu irmão e colocar seu nome na lápide, dando-lhe um registro, não anulando sua história, pois sem isso seria a morte da morte, uma segunda morte, sem registro de um passado e, assim, Antígona pagou com o corpo por sua decisão.

Lacan faz uma aproximação da ética da psicanálise com o mito de Antígona, pois esta toma sua luta pelo direito de sepultar e conservar a memória de seu irmão de forma irreversível, sem recuar no seu dizer, nisso não aceitou mediações ou acordos, seu desejo foi firme e decidido.

Assim, Lacan aproxima o ato de Antígona ao ato da analista que se coloca decidida sem recuar diante do seu ato, na clínica e na pólis, de não concordar com um dito autoritário e de uma paixão à ignorância, sendo esse dizer do analista contrário ao discurso do mestre, do Um. Nesse sentido, não se pode recuar diante de discursos opressores, preconceituosos, racistas, misóginos, sexistas, fascistas que geram a desumanização, tornando alguns corpos abjetos, restos, mas se colocar ao diálogo e às trocas com o outro. Lacan, no seminário "*Mais, ainda*" (Lacan, 1975/2008b), dá um passo a mais ao dizer de um desejo advertido "desse não todo, desse não tudo, que dá um testemunho estrondoso" e está justamente do lado feminino, pois é da "elaboração do não todo que se trata de romper o caminho" (Lacan, 1975/2008b, p. 63-64), portanto, elas estão mais próximas do real.

Antígona, segundo a mitologia, era movida pelo amor e não pelo ódio. Lutou contra a paixão da ignorância. E quantas vezes não testemunhamos, em histórias da realidade, no dia a dia, diversas histórias que foram Antígonas e pagaram com a própria vida, passaram por torturas, estupros, mutilações e toda uma vida de luta contra essa desumanização e apagamento da sua história, movidas pelo desejo de justiça?

Esse é um momento que devemos ouvir os dizeres desses que são colocados na margem, tirarmos o véu da negação, ouvirmos as denúncias e as dores, rompermos com o silêncio de quem viveu na pele o racismo sob o jugo do poder patriarcal colonizador.

A partir disso, devemos discutir sobre os possíveis avanços e não nos omitirmos diante dos discursos de dominação, ao contrário, precisamos aliar os dizeres da descolonização do feminismo negro e a descolonização do inconsciente, pois só assim a psicanálise estará amparada pela realidade que se apresenta na atualidade. Os precursores da psicanálise, baseados nos seus discursos datados por suas épocas, deixaram espaço para o questionamento e para uma psicanálise em construção, não toda pronta.

Desde Freud à Lacan, a psicanálise está em uma posição subversiva de deslocar e desterritorializar lugares, olhar os sujeitos nos seus avessos, fora da lógica formal, onde não se enquadra e, sobre isso, o feminino tem muito a dizer. Gonzalez cita Miller em sua Teoria da Alíngua (1976):

> O que começou com a descoberta de Freud foi uma outra abordagem da linguagem, uma outra abordagem da língua, cujo sentido só veio à luz com sua retomada por Lacan. Dizer mais do que sabe, não saber o que diz, dizer outra coisa que não o que se

> diz, falar para não dizer nada, não são mais, no campo freudiano, os efeitos da língua que justificam a criação das línguas formais. Estas são propriedades ineliminíveis e positivas do ato de falar. Psicanálise e Lógica, uma se funda sobre o que a outra elimina. A análise encontra seus bens nas latas de lixo da lógica. Ou ainda: a análise desencadeia o que a lógica domestica (Gonzalez, 1984, p. 225).

A autora se utiliza da psicanálise para explicar sobre esses dizeres e ditos, como linguagens estruturadas em uma lógica neurótica. A psicanálise escuta o sujeito que está em sofrimento, propõe-se a ouvir algo que falha no discurso com o intuito de deslocar e desterritorializar lugares, de escutar o sujeito nos seus avessos, em que algo escapa e não se enquadra na lógica formal e nisso o feminino tem muito a dizer, pois enquanto posição subjetiva também está fora da norma, tem um resto que não é colonizado pela palavra do outro e falha.

Para tanto, a psicanálise lacaniana vai trabalhar com a palavra e os furos desta se apoiando no conceito do feminino como ferramenta analítica para a compressão do psiquismo. Faz, portanto, uma aposta em um discurso em que entra a alteridade como suplemento e não complemento, com seu discurso fechado, que tampona, mas para pensarmos a não toda como produtora de multiplicidade e não de desigualdades.

Gallano (2011), na apresentação do seu livro Alteridade Feminina, escreve: “Lacan é bem alheio a um pensamento único e o saber psicanalítico deixa, a porta aberta à *heteridade*” e ainda coloca que “a condição do sujeito, o que realmente lhe dá sua existência, está ligado ao real” (Gallano, 2011, p. 65). Sendo a alteridade feminina a que mais se aproxima do laço com o real. Lélia Gonzales no seu livro “*Por um feminismo negro afro-latino-americano*”, defende como mulher negra e psicanalista que o inconsciente é uma produção do sujeito frente a um campo social que reflete em consequências psíquicas e sociais (Gonzalez, 2020).

Assim, o feminino na psicanálise lacaniana e o feminismo negro podem contribuir com uma aposta nos atravessamentos teóricos e práticos, para tensionar os discursos segregatórios de ódio e promover trocas, cruzamentos que atravessem subjetividades heterogêneas e promova multiplicidades de diferenças.

O discurso da analista é o avesso do discurso do Um, do discurso do capitalista que se coloca com seu dito fechado, de um dizer que quer unificar, universalizar verdades e saberes. O lugar de fala da analista é se colocar como objeto a, como um objeto de uma falta, de um

desejo para que a outra se escute e possa encontrar seu próprio dizer e não um discurso que decreta verdades. Estar em uma posição feminina é descer do todo para suportar a não toda, um dizer furado que transgride e rompe com uma experiência do todo falocêntrica universal, inclusive na própria forma de escrever, que faz desaparecer o feminino e poder elevar o significante a uma outra categoria, afinal é com a linguagem e seus furos que trabalhamos.

Nesse sentido, é importante discutirmos o papel ancestral da mulher negra nos processos de formação cultural da nossa história. O quanto na figura da mãe preta está representada a neurose brasileira de recalque das suas origens culturais e da linguagem nos seus primeiros sons da Alíngua, como descreve Lélia Gonzales. A mãe preta ficava como uma figura de integração do negro à sociedade, quando na realidade se tratava de um processo de escravização e subalternização de corpos de mulheres que foram apagados, inclusive naquilo com que contribuíram para a formação da língua no País. Lélia Gonzalez fala das inúmeras formas de resistência empregadas pelo povo negro durante a escravização e cita também "assim como às formas de resistência passiva (mas ativas quanto à sua eficácia simbólica) representada pela atuação da mãe preta" (Gonzalez, 2020, p. 63).

É com a linguagem que a psicanálise trabalha, mas sem excluir o corpo, portanto deve participar no trabalho analítico a palavra e corpo. Dessa forma não podemos deixar de lembrar que os primeiros contatos com a língua nos países colonizados tiveram influência das vozes e dos corpos de mulheres negras, sendo necessário darmos visibilidades ao que essas vozes e corpos tem a dizer.

Desde a escravidão essas mulheres estiveram presentes nos cuidados dos filhos de mulheres brancas. Essas diferenças trazem privilégios e benefícios para algumas mulheres e para outras subalternizações e estes são marcadores sociais das desigualdades. Mulheres essas, na sua maioria negras, que tiveram que deixar suas famílias, os cuidados com seus filhos para cuidar dos filhos de outras mulheres brancas.

As marcas da nossa africanidade, costuradas nesses primeiros cuidados, foram posteriormente recalcadas e ocultadas, só que isso fala e o que é esquecido por repressão falha e irrompe o que se tentou apagar, negar, excluir das nossas origens, como escreve Lélia Gonzalez:

> o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar emergente de uma verdade que se estrutura como uma ficção.

> Consciência exclui o que memória incluí... e que fala através das mancadas do discurso da consciência (Gonzalez, 2020, p. 78-79).

Nas sociedades ocidentais colonizadoras, esses lugares de rejeição, fortalecidos por um discurso de subalternização e negação das nossas ancestralidades, transmitidas por mulheres negras, tanto do período da escravidão quanto em tempos posteriores, quando as mulheres de classe média começaram a ingressaram no mercado de trabalho e tiveram que deixar seus filhos aos cuidados de outras mulheres, sendo uma grande parte mulheres negras que fizeram esses papeis dos primeiros cuidados. Isso traz uma marca na língua de um povo e esses dizeres das mulheres negras que foi negado, recalcado, retornam pelas mancadas do discurso. São esses dizeres que precisam ser revisitados para revivermos nossa história naquilo que nos transpassou na língua e nos primeiros sinais e signos linguageiros do ser falante - o falasser - neologismo criado por Lacan para dizer que somos seres falantes e que nos organizamos pela linguagem que é a política e Alíngua, o real da língua, como os primeiros sons que tocaram o corpo desse fala-ser - ser que fala - e que teve forte influência das mulheres negras no mundo ocidental colonial.

É primordial recuperar as histórias, sons e linguagens recalcadas, o que foi desmentido pela cultura, para entendermos como se deram os processos de colonização e racismo que tornaram essas outras dejetos, a partir de um mecanismo de defesa, transformadas em excluídas e como até hoje não deixaram de ser tratadas como essa outra em termos de outremização, portanto, ainda precisamos desnaturalizar o que foi naturalizado pelo discurso dominante, pois como canta Caetano Veloso: “O que herdei da minha gente nunca posso esquecer” (1997).

Algo não é acessado pelo que foi domesticado pela consciência, mas são acessados por outras vias onde o discurso manca, falha e aí fala por outros caminhos da memória afetiva, do sentir, mesmo que não faça sentido. Assim, são as vozes do feminino na Psicanálise que se manifestam de modo que o gozo Outro, esse gozo feminino é suplementar e não complementar, não todo fálico. A música “Sonho Impossível”, cantada por Bethânia, diz desse gozo outro:

> Romper a incabível prisão, voar o limite improvável. É minha lei, é minha questão virar esse mundo, cravar esse chão. Não me importa saber se é terrível demais, quantas

> guerras terei que vencer por um pouco de paz e amanhã se esse chão que beijei for meu leito e perdão, vou saber que valeu delirar e morrer de paixão. E o mundo vai ver uma flor brotar do impossível chão (Buarque & Guerra, 1972).

No estudo de Freud sobre a histeria, o autor inaugura a palavra como um tratamento de cura, dessa forma, subverte o discurso médico-científico que coloca o paciente como subjugado a um saber que vem do Outro, um mestre. As mulheres com quem trabalhou, chamadas de loucas, passam a ser escutadas, tirando a histeria do campo da loucura e indo um passo à frente da moralidade de sua época no que se refere ao tratamento dessas mulheres. Mas Freud se pergunta: O que quer uma Mulher? E disso ele nada sabe e diz que isso o faz desconfiar de todo o processo. Freud esbarra no rochedo da castração e deixa em aberto algo para que a psicanálise continue a questionar e ouvir, sem compreender rápido demais, de modo que a partir dessa abertura se permita uma inflexão, uma interrogação sobre a psicanálise estar aberta aos acontecimentos históricos de cada época.

Assim, para atualizar o conceito, temos que tensioná-lo com o momento em que vivemos, pois desde Freud não é a teoria que predomina sobre a prática psicanalítica. É preciso saber da teoria para nortear o tratamento, mas também para prescindir no encontro da prática com o outro, produzindo deslizamentos que promovam espaços de movimentos e novos territórios de questionamentos já que é com a linguagem que a psicanálise trabalha e uma linguagem viva que permeia os acontecimentos da política do inconsciente que se atualiza nos acontecimentos de seu tempo.

Freud, por meio da escuta dessas mulheres que estão situadas em determinado espaço e tempo, sustenta um outro lugar para o que não se adapta e a partir dos dizeres dessas mulheres cria uma teoria sobre o inconsciente. A construção do inconsciente é constituída na relação com o outro, portanto, esses corpos são pensados dentro de uma cultura. Havia algo dessas mulheres que se apresentava de certa forma relacionado com a vida que viviam na era vitoriana europeia, em um contexto cultural, social, político, econômico. A histeria é fundamental para a hipótese de um inconsciente a partir de uma relação com o outro da cultura e o sofrimento causado nessas relações que provoca uma divisão no sujeito e diz de um sintoma que marca essa divisão.

Pensar a psicanálise no mundo patriarcal, racista, colonialista e capitalista demanda pensar de que modo essas questões estão interligadas com o universo psíquico do sujeito do

inconsciente, que toma forma na relação com o outro da cultura e como toca uma a uma, e no campo social com seus corpos que estão nesse mundo e no nosso caso, corpos latinizados. A psicanálise pode entrar nessas brechas, nesses efeitos que produz a partir do momento que se encontra com isso.

O feminino entra como potência transgressiva, de ruptura, de gagueira, tropeço com o que é homogêneo, entra em contato com nossas raízes linguísticas, o pretuguês, a Alíngua dos primeiros contatos com a língua africana por intermédio das mães pretas. Trata-se de pensar a mulher que cria, mas é apagada sem nenhum direito, como condição da branquitude. Não houve uma integração social, muito menos uma democracia racial.

Lacan, a partir de sua leitura da obra de Freud, dá esse passo a mais ao falar de um outro gozo fora da norma fálica. Lacan se atém a esse gozo outro do feminino como uma posição e não como um dado biológico. Se diz gozo Outro porque este está relacionado ao gozo no real do corpo, onde uma parte da linguagem não alcança, é um gozo sem palavra ou sentido, que transborda ao que pode ser dito, por isso é suplementar e não complementar, pois é aberto, não todo na norma da língua.

A linguagem faz borda, margem, mas não diz tudo dela, por isso Lacan coloca como aquele que está do lado feminino como sendo a não toda que passa pela linguagem, mas não totalmente, tem algo do real que escapa. Foi esse passo a mais que Lacan deu sobre a questão do feminino, indo além da questão binária homem/mulher, para além do binarismo da linguagem, embora não desconsidere o atravessamento da linguagem nesses corpos.

Há um muro intransponível, que Freud não conseguiu ultrapassar, apesar de questionar e problematizar sobre a mulher. Esse passo a mais foi dado por Lacan que coloca o feminino e seu gozo outro como um gozo para além do falo e, assim, Lacan deu um passo a mais da ordem falocêntrica. Esse gozo outro suplementar que está na lei, mas não todo na lei, que passa pelo gozo fálico, mas algo escapa e aí é onde está o gozo Outra do feminino, que caminha para além do falo.

Nos anos 70, Lacan formula suas elaborações sobre o todo fálico e o não-todo fálico e esclarece que o não todo fálico está em uma posição de alteridade. O feminino está não todo na norma fálica patriarcal, algo escapa e não se adapta ao discurso de dominação. Essa “resistência” à dominação, essa transgressão ao todo fálico me empurra ao encontro de feministas negras que como corpos e como movimentos políticos também estão na margem

das normas estabelecidas pelo poder colonial/europeu do homem branco cisgênero. Um feminino começa a se encontrar com um feminismo.

O discurso fundamentado no capitalismo e no colonialismo com suas estratégias patriarcais, racistas e heteronormativas, tornou as mulheres invisibilizadas e as mulheres negras, especialmente, estão na base dessa pirâmide de violência física, econômica, psicológica e social com questões que estão diretamente implicadas pelo racismo e misoginia.

Quando aproximamos os discursos do feminino na psicanálise e do feminismo negro, em um primeiro momento, estes parecem ser antagônicos, pois têm trajetórias diferentes, constituem-se por corpos e geografias diferenciadas, bem como suas atuações práticas, políticas e epistemológicas também têm seus próprios caminhos. Mas há algo de nosso presente que os aproxima em alguns pontos e, cada um no seu litoral, ainda assim podem se conversar como movimentos de resistência ao modelo de poder vigente do neocapitalismo e para sair do padrão que segue a premissa fálica, do discurso do Um que enquanto agente simbólico produz um discurso fechado que produz um todo, avesso ao que é hétero[1]. Hétero aqui, faz referência àquilo que é múltiplo, plural, diverso no que se refere ao que é a alteridade, uma marca do que está omitido no discurso normativo e por isso é rechaçado, ocultado, desmentido ou recalcado.

Portanto, vou me aproximando da minha questão de pesquisa recorrendo aos acontecimentos que vivemos no nosso presente e que produzem novas necessidades, pois nossos corpos estão em um mundo, portanto, real, simbólico e imaginário se enodam com essas novas realidades, com essas "línguas" que se aproximam por esse mundo que inventamos e vivenciamos. São nessas trocas que me aproximo da minha questão de pesquisa sobre o que pode a psicanálise nesses cruzos com as vozes do feminismo negro diante desses contextos segregatórios, racista, patriarcal que se ampara por um discurso de ódio.

Discursos que foram disseminados desde 2018 com um governo que produziu uma necropolítica (Mbembe, 2020) com práticas de extermínio de corpos como, por exemplo, a violência policial com a população negra, especialmente jovens negras e negros, mediante os quais muitos perderam suas vidas, extermínio visível também na falta de políticas publicas que amparem essa população e os povos originários/tradicionais, colocando em operação uma política proposital de morte desses povos, onde muitos pagaram com seus corpos e com suas vidas, como foi denunciado recentemente com a população indígena Yanomami que se

[1] Gallano, C. 2011. Morin, I. "Une castracion singulière pas sans privation". *Lettre Mensuelle. Bulletin interne à l'Ècole de la Cause Freudienne.* Paris, n.5/1997.

encontrava vivendo em uma total miséria, chegando alguns(algumas) a uma desnutrição que os levou à morte em decorrência da política indigenista desse último governo.

Citando Prates (2022, p. 138):

> A grande contribuição que a psicanálise traz, e revela, e mostra a partir de sua prática clínica é que é possível um sujeito se posicionar na sua própria vida e na relação com o outro - no laço social – mais além desse fechamento do todo.

Foi esse dito do todo, sem abertura para o diferente, fechado à possibilidade de mediações da palavra que produziu o discurso de ódio que resultou em uma política de morte. Lacan diz a 'Mulher não existe' e é mesmo por isso que elas se reinventam, são heteros, singulares, uma a uma "ex-iste". Com seu gozo outro, que parte está fora da linguagem, esta cria, delira e inventa suas saídas: canta, escreve, ama, odeia, pinta e borda, representando cada uma um papel no teatro da vida sobre o que é ser uma mulher e assim produzem laços abertos à diferença. E é essa posição feminina mais aberta à alteridade que pode constituir possibilidades de abrir caminhos que façam uma aposta na vida e não no todo violento, absoluto e, portanto, mortífero.

Na literatura, na arte e na vida vemos vários exemplos da não toda. A personagem de Antígona luta pelo direito de sepultar e conservar a memória de seu irmão. No filme '*As Horas*' a personagem de Virgínia Wolf tem uma fala em que diz: "Não se pode achar a paz evitando a vida" (Daldry, 2002) e esta se utiliza de sua escrita para suportar o insuportável, escrevendo várias obras, entre elas "*Um Teto Todo Seu*" (Wolf, 1929/1985). Carmem Silva luta pelo direito à moradia mediante a ocupação urbana de imóveis. Seja na ficção ou na vida, elas se reinventam, cada uma a seu jeito e pagam o preço dos seus desejos, afinal de contas cada uma constrói com suas possibilidades o teto que é possível. Como canta Lula Queiroga: "cada ser tem sonhos a sua própria maneira" (2004).

Na clínica, uma analisanda me fala da sua necessidade de espaço para colocar em movimento seus desejos, nesse caso é um passo importante, pois estava sempre tentando realizar o desejo do outro e ao me mostrar uma pintura, pergunto: você pinta? Ela diz: "pinto e bordo" e ri; ela é não toda, pois apesar de estar na norma, algo escapa do gozo fálico, o que Lacan chama de gozo Outro, um gozo fora da norma binária. Outra paciente que se encontra devastada com o fim de um romance diz que só consegue sair do vazio pela música, pois

“com a música se sente viva e com o seu canto, encontra um canto”. E, ainda, uma outra diz que é “dividida como um hashi e a partir dessa divisão é que consegue se movimentar”. E como estar do lado feminino é uma questão subjetiva, não se refere somente ao corpo biológico e nem mesmo à escolha de objeto: um paciente que se questiona sobre onde está seu desejo me diz: “quando conheço uma menina, preciso falhar para confiar”. Ele precisa primeiro falhar para poder confiar e com a falha do falo, o desejo surge não todo falo, ele está em uma posição mais feminina.

Lacan, coloca que: “No psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como ser macho ou fêmea...o ser humano tem sempre que aprender, peça por peça com o Outro” (Lacan, 1964/2008c, p. 197). Portanto, a sexualidade, desde que nos tornamos seres falantes, está desconectada do instinto, desde que entramos na linguagem ser homem ou ser mulher é algo construído. Lacan diz ainda: “não se é forçado, quando se é macho, de se colocar do lado do todo fálico. Pode- se também colocar-se do lado do não-todo. Há homens que lá estão tanto quanto as mulheres...eles entreveem que deve haver um gozo que esteja mais além” (Lacan, 1975/2008b, p. 81-82). Do lado feminino está esse gozo outro, o impossível de ser dito e, por isso, para suportar essa loucura indescritível se inventa e se reinventa. Na psicanálise, coloca-se que do lado masculino se tem um penduricalho e quem está nessa posição masculina deve se haver com isso, fazer algo com o que se tem. O feminino por não ter o penduricalho, vai à procura do ser e se pergunta: o que é ser uma mulher? E por não ter um significante que a represente, se cria e se inventa uma a uma como ser uma mulher.

Para se estar desse lado não todo, a mulher se produz uma a uma, não há A mulher. No seminário XXI, Lacan fala que “A mulher não existe. Mas uma mulher, isso se pode produzir, quando há nó, ou melhor trança” (Lacan, 1973-1974/2018, p. 114). É mesmo por isso que ela segue sendo uma mulher entre outras, pois é definida pelos trançados que se é capaz. É por essa trança que uma mulher pinta e borda com o gozo outro, aberto, não todo fálico, meio louco, mas não todo, que faz arte. Tem algo mais subversivo, mais feminino e feminista que esse gozo outro que está não todo na lei, pois há algo que escapa?

Quem está em uma posição feminina, não está toda na lei fálica, há algo que transcende, pois é não toda, por isso se aproxima mais do real, por isso Lacan diz que as mulheres são mais próximas do real. Elas estão mais abertas a esse gozo outro, seja como

semblante de objeto a, - objeto da falta, do desejo - ou como a outra dela mesmo, pois transita com mais facilidade nessas posições subjetivas.

Quem não tem: forja, inventa, representa, cria poesias, ficções, tragédias e comédias. Esses movimentos são instrumentos imprescindíveis para suportar o impossível do real, do furo da não relação - do desencontro da linguagem - isso é estar em uma posição mais feminina, onde comporta um gozo suplementar. A escrita, com suas ranhuras e sulcos, provoca uma inscrição, circunscreve, circunda algo desse real impossível de ser dito, pois como diz Lacan em Real, simbólico e imaginário (RSI) (Lacan, 1975, p. 21): 'Não há tecido que não seja tecido'.

Quando não puder mais falar, quando se sentir amordaçada, algo pode ser inventado, uma construção para esse amordaçamento no encontro de uma saída, um novo laço, um amor laçado que possa intermediar um auxílio, uma possibilidade de suporte, atravessado por um gozo feminino, o gozo outro. Nessas horas que não há a fala e a linguagem não dá conta de dizer o indizível, o que resta é uma inscrição, pois algo tocou o real do corpo e este corpo "bio-grafado" na pele procura alguma inscrição, um registro de uma marca para além do falo, pois a posição feminina para a psicanálise é não toda fálica, há algo para além, indecifrável e resta poder fazer algum enlace para esse lado não toda falo, uma parte desse outro gozo que é loucura, devaneio, é um gozo outro, sem lei, não binário e por isso faz arte.

Nesse sentido, o feminino e seu gozo outro, transcende as normas e entrecruza com o feminismo negro que luta para descolonizar o que está imposto como normas de controle, de domínio de corpos relacionados ao patriarcado, racismo, colonialismo, ao capital com seu gozo de consumo ilimitado que diz: Goze. Goze do trabalho do outro, do seu corpo, do seu tempo, extraia tudo que puder, desfrute e depois descarte, o outro colocado como outridade, puro objeto, abjeto, resto.

Entre esses cruzos existem vários pontos de tensão, de suspensão, de desencontros, mas também tem abertura ao encontro, ao que é múltiplo, ao plural, ao diverso, ao diferente que não cause desigualdades, mas sim alteridades, sem complementos, mas sim suplementos.

Nesse percurso, a psicanálise tem a linguagem como recurso a esse discurso de ódio, para atuar nas questões da nossa atualidade, como vemos com o racismo estrutural institucionalizado na nossa cultura. A palavra transforma e nisso o feminismo negro desponta como as formas de luta podem operar contra as injustiças sociais e todo tipo de discriminação e desigualdades.

2.1 Cruzos Epistemológicos

Não mexe comigo
Que eu não ando só
Eu tenho ***Zumbi,*** *Besouro*
O chefe dos tupis, sou tupinambá
...Mão de cura

A velocidade da luz, o escuro da mata escura
O breu, o silêncio, a espera
Eu tenho Jesus, Maria e José
Todos os pajés em minha companhia

...Não misturo, não me dobro
A rainha do mar anda de mãos dadas
Comigo...

Me sumo no vento, cavalgo no raio de Iansã
Giro o mundo, viro, reviro

... Sou como a haste fina
Que qualquer brisa verga
Mas nenhuma espada corta.

Não mexe comigo
Que eu não ando só
Que eu não ando só

Carta de amor – Maria Bethânia
(Bethânia & Pinheiro, 2012, grifo meu).

Começo, aqui, com essa música de invocações, de coragem, súplicas e proteção. Essas invocações musicalizadas representam as dores e a força de um povo. Uma música que encanta e canta fazendo giros e giras que cruzam: “os caminhos de Zumbi, mão de cura, todos os pajés, rainha do mar, giro o mundo, viro, reviro, pois sou como a haste fina, que qualquer brisa verga, mas nenhuma espada corta”. A música Carta de amor faz uma celebração à vida, fala de encantamentos, é uma música que invoca ações por meio de feitiços, terreiros e cruzos. Tem como estrofe uma frase que remete às lutas coletivas, às forças e aos enfrentamentos por meio das crenças e religiões africanas: “Não mexe comigo, que eu não

ando só”. Essa música invoca o que o colonizador tentou apagar da cultura negra, suas lutas, crenças, oralidades e tradições.

No show de lançamento de ‘carta de amor’, Bethânia trouxe Fernando Pessoa para o palco citando uma frase do poeta: “Todas as cartas de amor são ridículas, afinal, só as criaturas que nunca escrevem cartas de amor é que são ridículas” (Pessoa, 1944). Dessa forma, são nas cartas de amor que se pode fazer furo no real pela palavra e onde o real atravessa a linguagem, tocando uma posição feminina com seus furos e remendos.

Assim, vou me apropriando de alguns dos cruzos da macumba, com suas giras sem que ocorra apagamento das diferenças. Nesses cruzamentos, fui atravessada por caminhos diferentes que me possibilitaram pensar sobre os limites e possibilidades de dizeres que transitam por caminhos que não são opostos ou complementares, mas que permitem trocas sem que um se perca no outro.

Cruzos e Cruzamentos, conceitos trazidos por Simas em aula no YouTube (Escritos IBICT, 2019) ao falar da macumba como um encantamento do mundo, como o poeta que encanta pela palavra e cria um mundo de encantos e magias. Simas (Escritos IBICT, 2019 entende esses processos como conjunto de práticas políticas e poética, produtora de outras formas de viver.

O cruzo é uma experiência de trocas sem que formas de vida e suas histórias sejam subsumidas, anuladas ou colonizadas, não há apagamentos de histórias, mas há cruzamentos, pontos de encontro em suas pluralidades, encontros imprevisíveis, abertos às diferenças. Como em uma roda, em que circulam energias, os dizeres e os não ditos e suas alteridades também podem girar como potencialidade de vida para se fazer arte e criar o inesperado, com possibilidades de laços.

De forma plural se pode discutir questões importantes da cultura epistemológica no Brasil, pois epistemologias podem se entrecruzar, formando uma encruzilhada de pluralidades.

Assim como na umbanda, em que cada casa trabalha em uma perspectiva que pode ser de ancestralidade, de antepassados, músicas, danças, a arte de uma forma geral, a psicanálise com seus dizeres e os dizeres do feminismo decolonial negro também têm suas próprias perspectivas que não se sobrepõem umas às outras.

Como seres da modernidade temos a mania de racionalizar e separar de forma cartesiana, mas nem tudo pode ser completamente racionalizado, pois a vida é uma

experiência de impermanência, de disponibilidade do corpo para viver outras perspectivas e outras experiências.

Para a psicanálise, A mulher não existe, pois uma a uma se constrói singularmente. Isso não quer dizer que não façam laços sociais, mas sim que algo vai escapar da norma universal e é isso que permite a criação de algo novo. É um processo aberto, dessa forma, abre-se espaços para interação com outros dizeres e se permite outra percepção do ser.

Como um passeador, um andarilho está em constante giros e giras, com novas dimensões, deslocando-se para outras percepções de mundo sem apagamento, sobreposição ou colonização de histórias e sim de encontros, de cruzos nas encruzilhadas, construindo-se a política da presença, do aconchego, de como chego no outro sem me apoderar dele.

Macumba, mandiga, terreiro são lugares de passagem que se entrecruzam e constroem pontes que desenodoam e evitam o amordaçamento de um sujeito sobre o outro, ou de um terreiro sobre outro, de histórias sobre outras, de conhecimento epistemológicos de um povo sobre outros povos.

O encantamento é um ato de vida onde se inclui a morte, pois “o contrário da vida não é a morte, mas é o desencanto” (Rufino, Haddock-Lobo, 2020). O desamor, preconceitos, racismo, violências, domínios de corpos, o domínio epistêmico que estimula a política do ódio, do universal, de uma única forma de ser e estar no mundo, que propõe a superficialidade, o raso. A morte, seja simbolicamente e no imaginário está sempre presente na fala, na linguagem, fazendo, portanto, parte da vida. A aposta na vida é também saber lidar com a morte, pois esta faz parte da vida. O desencantamento é o contrário da vida. Assim, entendo que o contrário da vida é uma total falta de encantamento. Como diz o ditado popular: “quem canta seus males espanta” e nesse cantar se encanta. O terreiro provoca a vida, intermediada pelos enfeitiçamentos (enfeitiça a mente), pois estar enfeitiçado pela vida é estar aberto ao encontro, a reunião de si e do outro como diferente, pois em um encontro há dois ou melhor mais de um, vários e não UM.

A macumba é um movimento que cruza passado e presente, poesia, rodas de danças e incorporações dos encantados, histórias, crenças, danças que foram e são marginalizadas. Um lugar de pertencimento e de acolhimento de alteridades, cada terreiro tem suas formar de lidar com seu espaço, não há apagamentos e sim cruzamentos. Há uma troca entre gerações, por meio da ginga se gira saberes que foram por longo tempo subalternizados.

Luiz Rufino e Rafael Haddock-Lobo escrevem no dossiê Filosofia e macumba (2020, p. 11) que o terreiro é um espaço de produção de vidas, celebradas pelos encontros, de pontos de cruzos que produzem alteridades e a multiplicação de subjetividades, resultando em novas formas de se inscrever no mundo em uma criação de mundos e não de apagamentos.

É um encontro com a ancestralidade, o resgate com o coletivo, uma demonstração potente da vida e da resistência, são trocas e não apagamentos de uma cultura e formas de viver, por meio dos feitiços, pelos encantamentos e dos seus encantados, unem culturas, gerações, formas de viver plurais. É uma produção de existências sem subsumir outras vidas.

A epistemologia da macumba inclui o masculino e o feminino, o giro e a gira em um movimento cíclico, tendo o terreiro uma ligação forte com o feminino que está presente desde o início da vida até a morte representada pela mãe terra que receberá a todos em um movimento vivo de energias que circulam, que criam giras, que inclui a natureza e a ancestralidade. Portanto, o feminino é forte nas tradições africanas e está muito presente nos terreiros, inscrevendo caminhos para as vozes femininas por meio de feitiços, danças, cantos e encantamentos.

A macumba trata de um movimento vivo, poético e político, pois inscreve uma epistemologia popular, múltipla, diversa e diferente, com pontos de cruzamentos, não há homogeneização, mas sim pluralismos. Os saberes das religiosidades africanas e ameríndias, provocam um giro no pensamento pragmático, utilitarista, antropocêntrico e colonialista. São religiões que ligam e entrecruzam saberes sem subsumi-los, são saberes cósmicos, ancestrais, e incluem a força da natureza, sem se fechar às diversidades e a outras maneiras de ser no mundo. Um cruzo, como descreve Simas (Escritos IBICT, 2019) para descrever a macumba, faz um cruzo de ideias que transitam por lugares distintos, mas que tem pontos que se tocam, sem um submeter o outro.

O povo negro teve suas vozes caladas, sem uma identidade ligada as suas origens em vida e sem uma inscrição em morte, um registro do assassinato em massa de todo um povo, de sua cultura, lendas, músicas, misticismo. Povo que se tornou descartável, os inumeráveis. É preciso produzir outros sentidos da história até então reproduzida por quem colonizou, de modo a buscar a restituição do que lhes foi usurpado das suas ancestralidades históricas como um direito dos colonizados e uma dívida de reparação dos colonizadores para com a identidade do povo negro. Dar um outro sentido aos acontecimentos, pois quem contou a história foi o dominador patriarcal e racista e contou do jeito dele, dando o significado que lhe

convinha, não houve espaço para quem foi colonizado de forma violenta, em uma luta armada e feito de outridade de contar a sua versão da história.

Lélia Gonzalez aponta “o candomblé, religião afro-brasileira de origem iorubana, e praticamente berço das demais religiões negras do Brasil como um outro tipo de resistência, surgida no (final do século XVIII, início do século XIX) e que perdura até os dias de hoje”. (Gonzales, 2020, p. 63).

Os terreiros são territórios de resistência liderados, muitas vezes, por mulheres negras e pobres, as ‘mães de santo’ que até hoje são alvos de discriminação. Essas mulheres exercem importante papel nas comunidades em que vivem, são figuras fortes, com grande capacidade de liderança como “Mãe menininha e Mãe Estela”.

No livro Torto Arado (Vieira Junior, 2019), as histórias são relatadas pelas vozes femininas que falam de questões sociais por meio do feminino e extrai de sua aparente fragilidade a sua força. Verdade e ficção se misturam ao longo da história e há uma relação do corpo e a terra como sendo um só, assim também do corpo com o tempo e isso fala muito de uma posição feminina.

A questão de evocar a ancestralidade e esse senso de comunidade são retratados na obra de ficção Torto Arado que fala de um Brasil profundo e de suas raízes na escravidão e no colonialismo patriarcal, mas mostra também a força construída por um senso de comunidade e solidariedade, a terra e o chão têm um sentido de vida e nesse sentido o mais forte é o mais fraco, a mulher negra.

O tempo do feminino não é o da pressa, mas o tempo de construir outra relação com a terra, com as relações de trabalho, a política, e uma força de uma luta constante e perene, pois “Cada mulher sabe a força da natureza que abriga na torrente que flui de sua vida” (Vieira Júnior, 2019, p. 260).

Segundo Lacan, a verdade tem estrutura de ficção, não pode ser toda dita, “é por esse impossível, inclusive, que a verdade tem a ver com o real” (Lacan, 1973/2003, p. 508), algo do inapreensível que não faz sentido, mas é sentido e que se apresenta como uma ficção biografada em um corpo que fala. É nesse entrecruzamento entre dizeres do feminino e da ancestralidade que me encontro com o feminismo negro que me permitiu, então, uma modificação na minha questão de pesquisa, formando uma colcha de retalhos que ajudou a compor minha pesquisa e me possibilitou ir construindo uma cartografia de escrevivências, que se trata de uma ficção vivenciada pelas pessoas de forma singular com seu meio social.

Trata-se de pensar cruzamentos do feminino na psicanálise com o feminismo negro, dentro de uma perspectiva de giras e transgressões de pensamento, com possibilidades de abertura para vários dizeres e, assim como uma mulher não é fechada e toda, os furos estão presentes com suas contradições e novas possibilidades de criação.

A psicanálise e os feminismos negros são dizeres que geram tensões, mas que também podem se utilizar desses cruzos e giras como possibilidades de trocas de experiências, como potência de vida. Esses encontros e desencontros de dizeres que não se complementam, mas podem ser suportes de cruzamentos de ideias e a partir disso promover giras, voltas que fazem girar e movimentar ideias e promover uma abertura ao diálogo, ao diferente, ao que é contingencial e geram cruzamentos, trocas de olhares, ver por um outro ponto de vista e principalmente uma abertura a um outro dizer, criando intersecções que não fecham caminhos, mas sim abrem espaços de dizeres diferentes. Esta pode ser uma saída para novas torções em momentos que os discursos de ódio se tornam predominantes.

Esse cruzo da macumba é uma forma de mostrar como as diferenças podem ser mantidas nesses cruzamentos de ideias, mas possibilitando giras, voltas, círculos que promovam encontros sem um dizer subjugar o outro. Na psicanálise, uma história precisa dar várias voltas, circular a palavra, voltas para girar dizeres, assim como o feminismo negro faz seus giros e gingas, fazendo uma roda de conversar e seus ritornelos. Isso é fazer transitar ideias, novas formas de sentir, criar possibilidades de abertura à diferença, fazer laços afetivos mais abertos, sem domínio do dizer e do corpo do outro.

No livro Interseccionalidade, Carla Akotirene escreve sobre as dores de um povo arrancado das suas terras, de suas histórias ancestrais e escravizados:

> No mar Atlântico temos o saber duma memória salgada de escravismo, energias ancestrais protestam lágrimas sob o oceano. Segundo profecia iorubá, a diáspora negra deve buscar caminhos discursivos com atenção aos acordos estabelecidos com antepassados. Aqui, ao consultar quem me é devido, Exu, divindade africana da comunicação, senhor da encruzilhada e, portanto, da interseccionalidade, que responde como a voz sabedora de quanto tempo a língua escravizada esteve amordaçada politicamente, impedida de tocar seu idioma, beber da própria fonte epistêmica cruzada de mente-espírito (Akotirene, 2019, p. 15).

São várias histórias contadas a partir desses cruzos, dessas giras, que juntam-se às minhas escrevivências com as vozes do feminino na psicanálise e o que passa a ecoar das vozes do feminismo negro que podem contribuir para a minha questão de pesquisa como possibilidades de caminhos para os cruzamentos entre esses diversos dizeres, como ferramenta de oposição para o discurso violento e segregador do colonizador patriarcal, racista e de outras formas de domínio que tornam o outro subjugado e dominado.

3. LUGAR DE FALA

Sonho meu
Vá buscar quem mora longe
Sonho meu
Vá mostrar esta saudade
Sonho meu
Com a sua liberdade
Sonho meu

No meu céu a estrela guia se perdeu
A madrugada fria só me traz melancolia
Sonho meu

Sinto o canto da noite, na boca do vento
Fazer a dança das flores no meu pensamento

Traz a pureza de um samba
Sentido, marcado de mágoas de amor
Samba que mexe o corpo da gente
O vento vadio embalando a flor
Sonho meu

Sonho meu
Sonho meu
Vá buscar quem mora longe

Vá mostrar esta saudade
Sonho meu
Com a sua liberdade
Sonho meu

No meu céu a estrela guia se perdeu
A madrugada fria só me traz melancolia
Sonho meu

Sinto o canto da noite, na boca do vento
Fazer a dança das flores no meu pensamento

Traz a pureza de um samba
Sentido, marcado de mágoas de amor
Samba que mexe o corpo da gente
O vento vadio embalando a flor
Sonho meu

Sonho meu
Sonho meu
Vá buscar quem mora longe

Sonho Meu – Maria Bethânia e Gal Costa
(Lara & Carvalho, 1978).

Começo este capítulo sobre o de lugar de fala, contando as histórias de escrevivências de uma menina branca, retirante, nordestina, sempre estrangeira, formada por dizeres diferentes, com sotaques, paisagens e cores diversas. Conforme escrevi no início: minhas escrevivências, minhas cartas-grafadas começam por aquilo que me marca identitariamente como mulher nordestina pobre retirante em um Brasil patriarcal e colonial. São essas interseccionalidades que me aproximam de outros corpos, a partir dos quais começo a perceber em determinado momento que além dessas marcas, também sou branca, também vivi no Norte, no Centro-Oeste e não só no Nordeste, também me escolarizei nessas várias terras por onde me abriguei. As escrevivências de Conceição Evaristo (2014) falam que uma história é construída a muitas mãos, falam de muitas mãos e de muitos pés na terra. E assim começam as cenas destas escrevivências.

CENA 1: Histórias da casa grande

Às vezes precisávamos de ajuda e íamos à casa do senhor da grande casa. Essa casa me parecia tão grande, comprida com várias outras casas que a circundavam em suas intermediações. Tinha outra casa ao fundo, ao lado um conjunto de quatro casas menores e duas maiores em cima que eram os apartamentos e do outro lado da rua havia outro conjunto de casas, essas eram um pouco maiores e pareciam mais independentes, mas todas eram de uma mesma família que havia casado seus filhos com as filhas de uma outra família e parecia formar agora uma mesma família... A casa grande tinha vários quartos, mas além da porta principal tinha outras portas que davam acesso de um quarto a outro.

Nós não morávamos perto, morávamos do outro lado da cidade, demorávamos algumas horas até chegar na casa grande, pois morávamos na água fria. Ainda erámos independentes dessa morada da casa grande, mas, às vezes, precisávamos pegar alimento lá.

Um dia quando fomos pegar o alimento, pedi a minha mãe que fizéssemos um bolo de areia, não sei bem o porquê de ter esse nome, mas é um bolo que se faz com manteiga e no Nordeste usamos manteiga da terra. Ajudei no preparo do bolo, todo batido na mão, com a força de nossos braços, como escreveu Carolina de Jesus “eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido” (Jesus, 2014, p. 39).

Era na cozinha da casa grande, que ficava no fundo da casa, onde ficávamos a maior parte do tempo, parecia ser lá o lugar mais afetuoso da casa, com seus cheiros e gostos e todas

aquelas mulheres que circulavam por ali. A panelada feita de tripa de carneiro que a Zulmira escaldava bem para sair o cheiro forte, a galinha à cabidela feita no sangue, a paçoca feita no pilão, o arroz de leite, a bala de café.... Tudo parecia mágico naquele lugar.

Era uma cozinha cheia de mulheres, tinha a Zulmira, a negra forte, trabalhadeira e muito topetuda e casada, assim era falada na casa do senhor. Tinha também a Lulu, que cuidou de todos os filhos do senhor da casa e de seus netos. Até hoje elas ainda estão nessa família, passaram-se anos e ainda estão lá. A Zulmira, além de ser mulher, trazia ainda outra marca, a da "cor". Uma marca de outremização trazida pela linguagem do discurso do senhor, sendo este um conceito cunhado por Toni Morrison, segundo o qual a outremização é uma forma de objetificar o outro (Morrison, 2019) tornando este outro um resto a ser explorado como uma coisa, um objeto inumano. Como discute Tony Morrison na sua obra "*A origem dos outros*" (2019), pelo simples fato de ser a única que é caracterizada como negra, registra nesse dito uma diferença como signo travestido de desigualdade, que se torna uma marca de objetificação.

Minhas tias, minha avó de quem herdei o meu nome, uma homenagem do meu pai, pois dizia ter me dado esse nome porque minha avó era uma santa, a que tudo suportava, a que servia a todos e se calava, nada reclamava, tudo via e nada falava. Viria a morrer de mal de Parkinson sem conseguir dizer uma palavra.

Atrás tinha uma sorveteria com vários sorveteiros, eram empregados do senhor da casa. Nas minhas andanças pelo quintal eles me observavam nas minhas conversas imaginárias. Conversava sozinha, percebia os olhares curiosos deles, mas continuava a brincar no meu faz de conta, sabia que não era real, era só um faz de conta no qual acreditava.

Nesse dia do bolo eu estava feliz e falante, mas me calava cada vez que algum dos meus tios ou meu avô aparecia nessa cozinha, a tia Margarete também me dava medo, dizia que eu era gasguita, minha mãe dizia que era "espilicute", mas, às vezes, quando derramava ou quebrava algo dizia também que era lesada, em um outro momento da vida me fez sentido essa palavra.

Tinha duas tias e um tio que eram tratados de forma "especial", algo aconteceu e eles eram diferentes, hoje sei que elas eram escondidas em alguns eventos ou mandavam que ficassem quietos quando tinha visitas, sempre ouvia o senhor e alguns outros dizerem: fiquem quietas, parece louca ou abestado. Diziam que isso poderia ter acontecido porque meus avós eram primos legítimos, carnais, entendo hoje como primos de primeiro grau. Tinha várias

lendas na família e entre elas as histórias que envolviam os três. Uma nasceu de choque, minha vó estava passando roupa em uma chuva e levou um choque, por isso ela nasceu desse jeito diziam; o jeito dela aos meus olhos e da minha família é um jeito que defende todos que ama e sempre foi excluída.

A outra irmã tinha problemas porque ela veio em seguida a que nasceu de choque, ouvia que minha vó passou muito nervoso com os ataques da filha que nasceu de choque e vivia dentro do hospital gravida da próxima filha e ela já nasceu nervosa. As duas são unha e carne, vivem juntas na mesma casa até hoje, sozinhas.

O outro tio que nasceu algum tempo depois e também tinha problemas, tinha o nome do meu avô, nasceu forte e dizem que era um menino inteligente, até ia bem na escola dizia a tia Margarete, mas ainda menino levou uma queda de cavalo e ficou assim perturbado e passou a se chamar Lela. O Lela ficou lelé da cuca, era o que ouvia e muitos anos mais tarde foi diagnosticado como esquizofrênico.

Apesar do Lela ser muito agressivo conosco, muitos anos depois entendi que ele era um reflexo de tudo o que a família pensava e fazia de forma sorrateira, perversa e negacionista, assim se criou uma mentira familiar conjunta sobre o comando de um senhor idealizado. Um faz de conta que todos ali acreditavam ou fingiam que acreditavam e, no fim, o tio Lela era só a antena parabólica que colocava no real da cena a vista de todos, o que os outros sob a tutela do senhor faziam disfarçadamente.

Talvez o meu faz de conta infantil tinha um pouco dessa esquizofrenia, mas eu sabia que era só uma brincadeira, um faz de conta para suportar o insuportável do não dito. Assim a garganta adoeceu e a palavra se calou.

Como se doma uma língua selvagem? Amputando-a. O interior de uma casa guarda segredos inimagináveis que uma garganta gasguita é proibida de dizer e assim minhas amidalas foram arrancadas e cicatrizadas quando pude falar sobre o que vivi nesses anos dessa casa.

Essa cozinha tinha cheiros e gostos, sempre muito viva, muitas mulheres; tia Socorro que via espíritos, tia Margarete a brava, tia Beladiza a bonita e inteligente, e tinha grande prestígio, tia Francisquinha que acabou louca. Tinha também a louca da rua, a Regina, essa, diziam: era louca varrida. Todas as crianças tinham medo dela, estava sempre com o cabelo desarrumado e entrava nas casas sem ser convidada, às vezes levantava a saia e mostrava a calcinha. Com o passar dos anos descobri que os verdadeiros loucos não eram estes chamados

de loucos, eles deixavam à vista a loucura dos que se diziam ‘normais’ e por trás dessa normalidade tinham muito a esconder, muita perversidade que os anos passados lá me mostraram o quanto esses chamados por vezes de anormais reproduziam na cara, à vista de todos os que se diziam normais faziam escondidos, de forma maldosa e articulada em uma maldade premeditada e prazerosa.

Eram cinco tias avós, minha avó, minha bisa, as cinco filhas do senhor, a Zefa, a Lulu e as cunhadas dos cinco irmãos da minha mãe e minhas cinco primas. Era um mundo de mulheres e meninas. Todas viviam em torno da casa grande.

No dia desse bolo que minha mãe e eu fizemos juntas, batemos aquela massa com a força dos nossos braços, lembro que estava com muito desejo de comê-lo. O bolo ficou lindo, mas me segurei, queria levá-lo para casa. Sabia que ia ser difícil, pois levávamos as compras de mercado nas mãos, eram dois ônibus e algumas horas para atravessar a cidade. Meus dedos de menina de cinco anos ficavam vermelhos e, às vezes, roxos, mas queria levar para comer em casa com meu pai.

Quando estávamos no portão, o senhor disse: bolo não, só leva arroz e feijão, se quiser comer bolo come aqui e tirou o bolo das mãos de minha mãe. Bolo feito pelos nossos braços, ficou com ele e ainda disse: não vai levar bolo para o vagabundo do seu marido.

Minha mãe tinha 19 anos e o meu pai 23 quando se casaram. Fui registrada um mês depois de nascer. Sempre recebo os parabéns no ano seguinte, pois nasci em dezembro e fui registrada em janeiro do ano seguinte. Depois soube por conversas trazidas pelo vento que não foi sem querer que isso aconteceu, mas para cumprir com o que minha mãe aceitou como imposição de uma família, afinal não poderia nascer de dez meses.

Nessa época minha mãe teve que parar de estudar e meu pai fazia faculdade particular com bolsa, trabalhava de garçom desde o período da tarde até de madrugada. Ele trabalhava na peixada do Meio que ficava no meio da praia de Iracema de frente para o mar.

Eram épocas em que vivia no meu próprio mundo, as histórias que minha mãe contava e cantava, as lendas familiares, um tempo que passávamos em cada casa que morávamos tinha uma magia. A da Jovita Feitosa me assustava com a sorveteria ao lado, aqueles homens, trânsito e bonecos assustadores, era cheia de luzes e sombras, mas era nossa casa. Depois saímos do centro e fomos para a parte periférica da cidade, era bem distante, mas era mais calmo. Lá moramos em várias casas, pois mudávamos a cada vez que o aluguel subia. Tinha a casa branca das baratas que minha mãe gritava de medo, eu achava engraçado toda a gritaria e

seu medo de baratas, nunca tive medo de baratas, tinha medo era dos homens e de algumas mulheres como tia Margarete que parecia ter alma de homem e talvez tivesse. A outra casa tinha um pé de jambo, essa eu adorava, aquele pé, para mim, foi como no livro "O Meu Pé de laranja Lima" (Vasconcelos, 1968) que li anos depois quando já estava em outras terras no norte do país e chorei igual uma desesperada ao ler esse livro, já devia ter aí uns dez anos.

Foi nesses anos que meu pai foi embora para o norte à procura de trabalho, foi como um retirante que se retira de sua terra na procura de novas oportunidades. Lembro do meu pai dizendo: "o Nordestino é antes de tudo um forte", frase dita por Euclides da Cunha em sua obra "*Os Sertões*" (1902) e tantas vezes repetida e reeditada por meu pai.

Quando li Carolina de jesus em seu livro "*Quarto de despejo*" o relato de um sonho: "Sonhei que eu residia em uma casa residível... Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga" (Jesus, 2014, p. 39).

Esse trecho do sonho da Carolina de Jesus me relembrou um acontecimento nunca esquecido da minha infância, uma cena que me marcou amargamente por longos anos e que me assombra até hoje.

A casa da qual falei anteriormente parecia ter um discurso único que ecoava do senhor da casa em toda a família e o discurso era o de que os indesejados estavam dando despesas e à noite nossa carne foi cortada. Como já estava magrinha e vivia doente da garganta em uma noite minha mãe colocou o bife escondido no meu prato e jogou o arroz por cima e me disse para comer na garagem. Lembro até hoje, as luzes estavam apagadas, eu comi escondida entre dois carros, na frente era uma caminhonete, comi o bife e nesse dia as lágrimas caiam e foi a noite onde meu coração ficou apertado e o nó na garganta se tornou insuportável, o bife tinha gosto de fel, nunca comi nada tão amargo. Minha mãe nunca soube, mas preferia ter comido o arroz puro.

Esses foram os anos mais duros e secos, meu pai foi embora e fomos morar nos arredores da casa grande.

De medo de Leão passei a onça braba
Onça pintada

Pintada de esperança
Pintada de desejo.

Com esta vestimenta, me pintei de coragem
Pintada de guerreira para lutar contra minhas dores e medos.

Sou onça pintada fêmea: A onça
E não Leoa, a fêmea do Leão
Sou: A onça Pintada!!!

Se diz: A Onça macho
A Onça fêmea

O que sou?
Não sei
Só sei que sou onça pintada e da Braba.

Alguns anos depois meu pai veio nos buscar, lembro-me que tinha acabado de fazer a cirurgia da garganta, tinham retirado minhas amídalas, pois vivia com elas inflamadas e muita dor de garganta, esse foi um sintoma físico que me acompanhou nesse período de minha infância. Se chupava algum picolé da sorveteria do senhor, caía de cama doente, aí só uma benzetacil na bunda que dava jeito.

Viajei recém-operada em uma viagem de cinco dias de Fortaleza a Pimenta Bueno em Rondônia, em uma Belina Branca com sete pessoas no carro e não reclamei nenhuma vez. Estava com minha família indo para longe. No caminho tivemos muitas aventuras, nos perdemos, passamos por um penhasco que tinha umas pedras se soltando de cima, passamos por rios onde paramos para banhar e foi tudo uma aventura para mim, foi aí que entendi que nos caminhos tortuosos da vida sempre haverá um rio no meio do caminho, pois como escreve Carlos Drummond de Andrade em seu poema "no meio do caminho tinha uma pedra" (Andrade, 1967, p. 61), em meu caminho, além de pedras também houve rios. Assim, parafraseando Drummond, sempre haverá, para mim, além das pedras, rios: “no meio do caminho tinha um rio, tinha um rio no meio, tinha um rio e eu rio”.

CENA 2: Histórias de outras terras

Glória Anzaldúa (2000, p. 229) em "*Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro Mundo*", escreve: "Porque os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito". Vivenciar isso, como fala Glória Anzaldúa, dos olhos brancos como olhos que não quiseram ver e ouvir um dizer e uma língua que apontava para uma verdade do insuportável e por isso tinha que ser exilada. Línguas originárias que foram proibidas de serem faladas, epistemologias reprimidas, apagadas, mas nunca deixadas de lado pela resistência e existência da história do povo negro. Assim, foram exilados para outras terras. O apagamento de uma história ocorre não só pela violência física, mas também pelo fazer calar, fazer uma história ser esquecida e dizer: CALE-SE.

As minhas escrevivências surgem no encontro com outras mulheres e quando entrei em contato com a literatura de mulheres negras que escrevem através das suas dores e lutas, de um lugar que envolve uma realidade ficcional, uma forma de se escrever e se inscrever no mundo.

Foram nessas novas estradas e percursos, nas curvas de rios, que uma família de retirantes tomou outros rumos. Nessas outras terras, terras que não eram nossas origens, mas que nos receberam não como forasteiros, mas como um encontro de diferentes exilados. Em uma mesma rua tinha gente de todos os lugares: do Sul, do Nordeste, do Sudeste. Era o Norte recebendo todos em suas misérias e esperanças. Lá recuperei minha voz, encontrei outras famílias que também tinham perdido tudo e foram para lá só com a esperança nos olhos, a coragem e a força do desejo de encontrar trabalho e construir uma vida nova, em um movimento diaspórico.

Ao chegar nessas novas terras, novos cheiros, gostos, movimentos e formas de falar foram se misturando. Macaxeira podia ser mandioca, aipim.... Foi nessa terra onde todos eram sem-terra, exilados de suas origens, onde me senti pertencente. Diziam ser a terra distante de tudo, onde tudo faltava, não havia estrutura, nem de saúde, nem de educação, uma mistura de cores, sotaques e culturas, efeitos dos cruzos.

Nossa casa era de madeira de cor amarela, tinha dois quartos onde ficávamos, em um, meu irmão, uma tia e eu, e, no outro, meus pais. Era uma casa emprestada por meu tio que veio antes para essas terras, mas era nossa casa, ali fazíamos o que queríamos. Tinha um

grande quintal, com um pé de manga gigante. Mais tarde esse quintal serviu para criação de carneiros e bodes, depois coelhos, rãs. A cada ideia nova do meu pai, uma nova criação. A casa amarela era cheia de sonhos e gorda de esperanças, não era o amarelo da fome, era o amarelo do sol, iluminada.

Os carneiros eram os que minha mãe mais odiava, pois tinha que limpar toda a sujeira da área pela manhã, ela dizia: “onde já se viu criar bicho em quintal”. Nessa época fiquei conhecida na escola como a menina dos carneiros. Não lembro de isso ter sido uma chateação, pelo contrário, adorava os carneiros, especialmente, a esmeralda. A Esmeralda pulava quando me via e me seguia quando saia de casa, ela me escolheu. Cheguei a ajudar e ver alguns partos. Era mágico ver os bichos nascerem todos envoltos em uma gosma transparente e a mãe lamber até limpar tudo aquilo, gostava de ver, atiçava minha curiosidade.

Foi nessas terras que conheci muitas amigas, meninas que uma a uma me ajudaram a me reencontrar. Joelma, Márcia, Maggi, Ana. Essa última, a Ana, teve uma grande importância ao longo de toda minha vida, foi uma amiga de uma importância ímpar na minha história. Ana foi minha primeira ana-lista. Ana uma menina de uma terra distante da minha, eu do Ceará, ela do Paraná, erámos diferentes na origem, mas juntas nas dificuldades.

Nós duas juntas fomos refazendo as nossas histórias, colecionando lembranças e construindo sonhos futuros. Se comprava uma calça tinha que caber em mim e na Ana, pois com o passar dos anos meu pai conseguiu um trabalho melhor, mas os pais da Ana não conseguiram, então quando comprava uma roupa pensava se daria em nós duas.

Muitos anos depois em uma sessão de análise falando de um sonho com minha analista, disse: “sonhei que comprava um ingresso para mim e uma amiga, mas ela não se sentava no mesmo lugar”, minha analista se levanta e diz: “E tem como dois se sentar no mesmo lugar?”. Foi aí que percebi o quanto esperava essa outra mulher que estaria no mesmo lugar, na mesma posição que eu estava, procurava o encontro, o fim do vazio, uma existência de dois no mesmo lugar, uma outra mulher que me dissesse o que fazer e dizer diante de um mundo de homens que nos dizia o tempo todo o que fazer. É quando se vive o terror que se tem dois caminhos, desistir pela via do ódio ou se salvar pelo amor, pelo sonho, que marca um desejo.

Como diz Lélia Gonzales (2020, p. 44): “o discurso emocional traz uma verdade contundente da denúncia presente na fala do excluído”. Esse discurso, segundo Lélia Gonzales, não implica um fora da razão, mas sim uma outra razão que destaca as emoções, a

subjetividade e torna o discurso mais humanizado. O maior risco do total desencontro é não ouvir o outro, não levar em conta a alteridade, o outro não como um igual, mas como um parceiro de caminhada. E estar do lado feminino traz essa possibilidade de alteridade, pois é um saber rachado, furado, não é complemento e sim suplemento, por isso saí da lógica binária do encontro.

Chimamanda fala também sobre o quanto somos "impressionáveis e vulneráveis diante de uma história, particularmente durante a infância" (Adichie, 2019, p. 7). Encontramos o real, onde há marca, onde houve corte e algo foi perdido. "Se o discurso analítico funciona, é porque perdemos alguma coisa em outro lugar" (Lacan, 1975, p. 5). Portanto, a infância é a terra que pisaremos por um tempo imanente, que nos transcende e diz de uma história ancestral.

No artigo "*A docência como uma performance feminista*", Oliveira, recorrendo ao pensamento de Val Flores (2010) escreve que "a palavra é o destino de quem recusa o cativeiro" (Oliveira, 2020, p. 5). Um dizer como uma possibilidade de sair do cativeiro com a confecção de novos arranjos, para que nenhuma mulher, em especial as mulheres subalternizadas por raça, classe, gênero como as mulheres negras, indígenas e trans que estão na base da pirâmide, precise pagar com seu corpo e com seu silêncio. Dizeres que atravessem em ato e que as permitam sair da subalternização, inventada e criada não pelo sujeito marginalizado, mas por uma projeção do Outro social.

Lélia Gonzales discute sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo e diz que a partir do lugar onde o sujeito se coloca ele abstrairá suas interpretações, portanto, o dizer do sujeito é fruto do lugar que ele se vê e se escuta, por isso Lacan coloca que o inconsciente é a política. Segundo a mesma autora, o racismo é constituinte da "neurose cultural brasileira" e, portanto, um sintoma (Gonzalez, 1984, p. 224). Essa autora se utiliza da psicanálise para explicar sobre esses dizeres e ditos, como linguagens estruturadas em uma lógica neurótica produzindo um sintoma que está na linguagem, no discurso do mestre contemporâneo do capitalismo.

No que diz respeito à identificação, Grada Kilomba fala das dificuldades relacionadas a esses enlaces identificatórios em uma sociedade que "de-turpa", perturba, deixa a visão turva da/o negra/o sobre si mesmo. Escreve: "O sujeito negro é submetido, em uma luta para se identificar com o que se é, mas não como se é visto no mundo conceitual branco – uma ameaça" (Kilomba, 2020, p. 153) e afirma que o racismo é um constructo discursivo e não

biológico, pois o ser humano é produto do discurso (Diz-curso). O sujeito é falado antes mesmo de nascer e desde os primeiros contatos com o Outro da cultura, este traz a marca da língua e de todos os ditos contidos nos discursos. Essas formas de controle se estendem a todos que um dia já foram restos.

Grada Kilomba fala da tomada da palavra como processo de descolonização por meio dos "processos de negação, culpa, vergonha, reconhecimento, reparação" (2019, p. 11). Esses processos são formas de a palavra ser ressignificada e ocorrer, assim, uma responsabilização de um dito e, por sua vez, o sujeito ou um povo poder se apropriar de sua história.

Oliveira também faz referência à palavra por intermédio da 'auto-história', conceito elaborado por Gloria Anzaldúa (2000, p. 233, citado por Oliveira, 2000 p. 5), que liga o coletivo ao singular, em formato de "ficção autobiográfica". A autora do artigo coloca que se deve: "escrever para não esquecer e também para ocupar espaços dos quais fomos terrivelmente apartadas" (Oliveira, 2020, p. 5). Um segredo guardado oprime, algo não dito paira no ar e o opressor, em um processo de projeção, continuamente sente o oprimido como o ameaçador.

> A boca é a superfície de domesticação e, ao mesmo tempo, da resistência sexo-colonial, e essa ideia se inspira nas discussões feitas por Grada Kilomba (2019) sobre a boca da escrava Anastácia. (2020, p.8) ... De acordo com Maldonado Torres (2019), a voz das(os) colonizadas(os) produz ansiedade em quem as ouve, pois existe uma fobia em relação às pessoas escravizadas e colonizadas e também um terror dos(as)sujeitas(os)-cidadãs(ãos) modernos quando se deparam com o fato de que a(o) colonizada(o) também pode ser agente (Oliveira, 2020, p .8).

O silêncio oprime, mas não apaga as marcas de uma história. Dessa forma, essas escrevivências, essas falas e dizeres que fazem uma "auto-história" se amarram com essas possibilidades de trocas e ampliação de discursos do feminino na psicanálise, na sua forma de alteridade, uma marca de radicalidade da diferença em conjunto com os feminismos negros. Anzalduá (2000) fala da força de uma língua, da palavra e seu dizer como formas de resistências e forma de existir como sujeito, como povo que quer saber da sua história, da sua ancestralidade.

Encontro de histórias em que há marcadores de diferenças, mas que trazem lugares de dizeres que subvertem a lógica da opressão, que dizem cada um a seu modo de lutas políticas, sejam elas a política do inconsciente ou a busca por reparações. Afinal, é quando temos voz que a garganta cura e a palavra ganha lugar de fala.

Dessa forma, a proposta é de abrir diálogos com espaços para encontros subversivos, que se propunham a dialogar levando em conta os diferentes litorais entre o feminino e o feminismo. Histórias de contracolonialidades, contadas por mulheres negras, histórias de lutas, que se cruzam com minhas histórias e com outras que também se encontram em uma posição de marginalização.

Minhas contações de histórias, minhas "auto-histórias", são escrevivências que trazem o meu lugar de fala, juntamente com histórias de outras mulheres que foram tolhidas nos seus dizeres, caladas pelo discurso patriarcal, racista, colonizador, autoritário, discurso do Um que não faz cruzamentos com outros dizeres.

Esses encontros de dizeres são estratégias metodológicas que me ajudaram a pensar na minha questão de pesquisa no que se refere às possibilidades de cruzamentos entre a psicanálise e os movimentos feministas negros como saídas desse discurso alienante e colonizador do patriarcado, do racismo e de outras formas de dominação que tornam o outro o estrangeiro a ser subjugado, dominado e, também, meu exercício para compreender/produzir discussões que questionem esse discurso de destruição do outro, que questionem as práticas que buscam excluir a diferença. Esse percurso entre esses diferentes dizeres, foi se costurando em um emaranhado construído ao longo da pesquisa, fazendo-me chegar a uma questão-problema e, por fim, permitindo a possibilidade de que a pergunta de pesquisa ganhasse corpo.

Esses encontros de dizeres são estratégias metodológicas do método cartográfico que me ajudaram a pensar na minha questão de pesquisa no que se refere às possibilidades de cruzamentos entre a psicanálise e os movimentos feministas negros, por um processo rizomático que conduziu um exercício de pensamento sobre a questão das possibilidades de trocas da psicanálise no encontro com o feminismo negro. Esse percurso entre esses diferentes dizeres, foi se costurando fazendo a pesquisa ganhar corpo.

3.1 As Marcas de uma Biografia em Corpos Falantes

Meu choro não é nada além de carnaval
É lágrima de samba na ponta dos pés
A multidão avança como um vendaval
Me joga na avenida que não sei qual é

Pirata e Super Homem cantam o calor
Um peixe amarelo beija a minha mão
As asas de um anjo soltas pelo chão
Na chuva de confetes, deixo a minha dor

Na avenida, deixei lá
A pele preta e a minha voz
Na avenida, deixei lá
A minha fala, minha opinião
A minha casa, minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar

Quebrei a cara e me livrei do resto dessa vida
Na avenida dura até o fim
Mulher do fim do mundo
Eu sou e vou até o fim cantar

Meu choro não é nada além de carnaval
É lágrima de samba na ponta dos pés
A multidão avança como um vendaval
Me joga na avenida que não sei qual é

Pirata e Super Homem cantam o calor
Um peixe amarelo beija a minha mão
As asas de um anjo soltas pelo chão
Na chuva de confetes, deixo a minha dor

Na avenida, deixei lá
A pele preta e a minha voz
Na avenida, deixei lá
A minha fala, minha opinião
A minha casa, minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar

Quebrei a cara e me livrei do resto dessa vida
Na avenida dura até o fim
Mulher do fim do mundo
Eu sou, eu vou até o fim cantar

Mulher do fim do mundo
Eu sou, eu vou até o fim cantar
Cantar, eu quero cantar até o fim
Me deixem cantar até o fim

Até o fim eu vou cantar
Eu vou cantar até o fim
Eu sou a mulher do fim do mundo
Eu vou, eu vou, eu vou cantar
Me deixem cantar até o fim

La, la, la, la, la, la, la
La, la, la, ia, la, la, la, ia
Até o fim eu vou cantar
Eu quero cantar
Eu quero é cantar
Eu vou cantar até o fim
La, la, la, la, la, la, la, la, la, ia

Eu vou cantar, eu vou cantar
Me deixem cantar até o fim
Me deixem cantar até o fim
Me deixem cantar
Me deixem cantar até o fim

Mulher do Fim do Mundo – Elza Soares
(Coutinho & Fróes, 2015).

Aqui trago as questões das marcas grafadas no corpo do ser falante, a partir do que Lacan forjou enquanto neologismo "Falasser", por sermos seres marcados pela linguagem no real do corpo e por sermos seres atravessados pela linguagem, trazendo essas marcas grafadas no corpo vivo, vou amarrar aqui as vozes do feminismo negro com minhas escrevivências que trazem essas marcas biográficas, cruzando com a minha questão de pesquisa, em um processo de investigação e reflexão sobre as possibilidades do feminino na psicanálise e do feminismo negro nessa constituição de lugar de fala e da linguagem como constituição desses "falaseres" e suas marcas biográficas.

CENA 3: Escrever, escritura, inscrição

Começo o caminho de um dizer que foi interrompido, no período da casa grande, período em que só observava e tinha que me calar até que essa fala é retomada no encontro com outras mulheres, especialmente minha amiga Ana, e foi nesses encontros que fui me apropriando das minhas histórias ancestrais. Histórias de uma menina nordestina, retirante, branca, pequena, com aparência frágil, mas que nos caminhos da vida com outras meninas e mulheres, com a ajuda posteriormente da minha análise, pude assim me ouvir e redescobrir uma coragem e, desse modo, ressignificar a minha história, minha escrita, uma inscrição e

uma marca, pois como meu pai sempre me dizia ao citar Euclides da Cunha, na sua obra Os Sertões: “O nordestino é antes de tudo um forte” (Cunha, 1902).

A análise tem um papel importante nesse processo que começou com minha amiga Ana, a do sonho de duas serem uma, mas que também desse amor surgiu a fala, um dizer. Foi com Ana que comecei a relatar oralmente as minhas histórias e ela a me contar as dela. Foi assim que fui relembrando, ressignificando e entendendo algumas cenas que hoje podem ser escritas.

Nas culturas africanas e indígenas, as tradições orais têm uma importância fundamental na transmissão das histórias de seu povo, sua cultura, a forma de se relacionar com o que é místico, com o outro, na comunidade e nas artes. Histórias trazidas pelos ventos de lugares distantes, de outros continentes, de nativos que já estavam aqui nestas terras quando os colonizadores chegaram e tentaram apagar suas histórias, sua ancestralidade. Esses povos ancestrais têm lutado para reviver suas histórias, após tantos anos de apagamento.

Nos espaços de análise também trabalhamos com a fala, é pelo dizer que o sujeito vai reconstituindo as suas histórias, dizeres em relação com o outro, ditos vindos de outros, pois como seres falantes, somos falados. Calar um dizer, tirar a história do sujeito, de um povo mesmo sendo esta sua ficção, é destruidor. A psicanálise vem como uma possibilidade desses dizeres reaparecerem e os movimentos sociais dos feminismos negros como conquistas de recuperar essas vozes de forma afirmativa com medidas concretas.

Nas minhas escrevivências, nos contos e conversas trazidas pelo vento, contadas e recriadas por esse universo do feminino ao meu redor e, principalmente pela minha mãe que como no personagem do torto arado era um livro vivo, aproximo-me das tradições orais africanas e indígenas e me dou conta da importância da transmissão oral de um povo, de suas histórias e de sua ancestralidade, bem como na escuta dos dizeres nos espaços de análise do feminino, pois é sempre esse sujeito que fala, que conta uma história que deve ser escutada, desde o lugar que fala, a fim de possibilitar com que essa fala se constitua enquanto um signo, uma inscrição, uma escrita que traduza essas falas em texto e um lugar de fala.

A dificuldade com a escrita começa quando escuto que existem pessoas que aprendem sem esforço e outras precisam se esforçar e, segundo minha mãe, eu seria a que precisaria se esforçar. Morando na casa grande, minha mãe dizia: “A Lina tira dez sem esforço, você tem que se esforçar para tirar dez, mas é inteligente”. Era um dito dúbio que me atravessava e me fazia hesitar e duvidar. Isso me pareceu como uma insuficiência que também percebi

acompanhar meus irmãos. Mais tarde percebi que era minha mãe que questionava a sua própria capacidade de aprender e como o fruto não caí muito longe do pé, ela se questionava seus frutos. Uma história anterior a mim e aos meus irmãos, provavelmente algo de uma construção anterior a nós.

No Nordeste ser inteligente é algo fundamental para sobreviver, sempre ouvia: "êêê tem cabeça grande, sinal de inteligência". A lenda da cabeça chata do nordestino começa com o dito tão familiar para o nordestino: "Esse menino é inteligente e batem na cabeça da criança... quando crescer vai para são Paulo".

O estudo para o nordestino é uma forma de se sobressair e conseguir vencer na vida, como tantas vezes ouvi dizerem, pois sabemos que nem sempre o esforço é suficiente, o mérito como alguns pregam funciona como manobra para dizer que se um consegue todos podem. Sabemos que nem sempre o esforço de sol a sol é recompensado. Povo sofrido, trabalhador, guerreiro, vive com a força do trabalho, são os excluídos dos que têm acesso ao capital. O próprio discurso da meritocracia passa disfarçadamente uma mensagem opressora, racista e preconceituoso e me utilizando de um termo de Lélia Gonzales no lugar de "faça acontecer", esconde um "Impeça que aconteça". O trabalho e o tempo de um corpo que se coloca à disposição de outros deveria ter valor, mas no sistema do capitalismo é o capital apenas que se é valorado. Talvez por isso ouvi muitas vezes que era importante ser inteligente, quase uma dádiva, pois para um povo que sempre teve seu corpo explorado, como força de trabalho físico, conseguir estudar e exercer um trabalho intelectual é algo valioso, que vai além da força do braço.

Quando minha mãe ia me ensinar e eu errava, ela dizia: "aprende" e, às vezes aterrorizada que eu não fosse aprender, puxava meus cabelos. Notava um desespero dela nesse momento. Na casa grande o senhor dava estrelas aos filhos. Esse é quatro estrelas, essa três, esse duas, uma ou nada. Minha mãe contou em suas histórias que era sempre mediana. Assim morria de medo de seus filhos serem medianos e não conseguirem "vencer na vida".

Também conta de que nunca lhe foi possível arrumar os dentes e quando ficava com cárie demoravam para levá-la ao dentista e assim muitos dentes lhe foram arrancados. Ela me conta de um episódio em que o dentista disse que teria que arrumar os dentes, mas seu pai disse: deixa para depois, vou arrumar primeiro os da mais velha. Ela chorou ao relatar esses fatos de um passado atravessado no seu ser, tanto que até então ainda não tinha conseguido arrumar esses dentes, pois estava com os pés presos nas correntes desse passado. Nesse dia

lhe disse: “deixe disso você não é mais aquela menina, já pode arrumar seus dentes”. Não é fácil cortar essas raízes, sem antes dizer delas para depois digeri-las. Silvia Cuzicanqui escreve: “Passado não digerido, que surgem como fúria acumulada” (Cuzicanqui, n.d., p. 295, tradução livre).

Em “*Como domar uma língua selvagem*”, Gloria Anzalduá: (2009, p. 305) interroga: “como você doma uma língua selvagem, adestra-a para ficar quieta, como você a refreia e põe sela? Como você faz ela se submeter?” Línguas selvagens não podem ser domadas, elas podem apenas ser decepadas. “E nossas línguas ficaram secas o deserto secou nossas línguas e nós esquecemos como falar (Klepfisz 1986, p. 49 citado por Anzalduá, 2009, p. 306). O que houve com o povo negro é incomparável, é uma história ancestral que foi violentamente apagada.

O opressor quer fazer calar porque o dizer do oprimido o desmascara, mas o silêncio imposto, o não dito, continua a pairar no ar e engendra o seu próprio horror, por isso o ódio do dominador sobre o dominado, o escravizado, o diferente, o estrangeiro: ele(a) é a testemunha do seu ódio. Às vezes desaprendemos a falar a língua originário, aquela da diferença radical, que faz laço, mas também nos faz único, mas que foram arrancadas, são vozes gasguitas e para reaprender essa língua é preciso recuperar quem se é. Se eu tivesse nascido muda ou feito um voto de silêncio durante a vida toda em nome da minha segurança, eu ainda sofreria, ainda morreria. Meus silêncios não me protegem, ao contrário me violentam. Grada diz: “Alguém pode falar somente quando sua voz é ouvida” (Kilomba, 2019, p. 29). Só assim pode se ter um lugar todo seu, o seu próprio dizer.

O que aconteceu com todo um povo, não se pode

Meu sotaque se misturou a tantos outros que fica indecifrável para alguns dizerem de onde sou. Quando volto ao nordeste, eles dizem que mudou, não sou mais de lá, quando estou em outros lugares dizem: Você não é daqui. Sim, minha primeira infância foi a maior parte no Nordeste, uma parte no Norte, com um retorno ao Ceará, à casa grande, pois queria entender o que aconteceu por lá. Dos 18 aos 20 fui morar em Minas e dos 20 aos 23 volto ao norte e até hoje estou no Mato Grosso do Sul e assim já se vão mais 23 anos nestas terras. Em uma mistura de línguas, escritas, escrituras e inscrições, há uma mistura de sotaques e cenas. Passei a vida nessa multiplicidade de palavras e sotaques.

Uma professora pediu para estudar a linguagem da minha mãe e de uma vizinha que era do Rio Grande do Sul. Ela achou que era mais complicado decifrar as palavras da minha

mãe nordestina: Fechicler (fecho ecler), espilicute (menina tagarela), cabrita, cruzeta, dimdim, merenda, ce(i)bola, gasguita, arretada, aperreada, arengar, arrudiar, boliu, mangou, barruou, basculho, aporrinhada, amostrada, avexada, ariado, fuleiro, cafundó, rebola no lixo, arroz escoteiro, baixa da égua, botar boneco, não vale um pequi pôde... Palavras transmitidas pela tradição oral, tanto que tive que corrigir a maioria delas quando as escrevi, pois não estavam nos livros e não era ensinado na escola, mas estão coladas à minha identidade ancestral. Se trata de uma linguagem identitária por ser ancestral.

Lembro de ler Lélia Gonzales em seu texto "*Racismo e Sexismo na cultura Brasileira*" em que conta uma passagem de uma reunião de brancos que falam sobre os negros e os chamam para assistirem as discussões até que "Uma neguinha atrevida vai lá e fala o que pensa, catimbando a discurseira e aí tava armada a quizumba. Se não tivesse dado com a língua nos dentes...." (Gonzalez, 1984, p. 223). É disso que se trata, quem faz a confusão é o oprimido que quer falar dele e usando seus próprios termos. O opressor pensa: Quem ele pensa que é? Vamos falar correto e do nosso jeito, deixa que a gente sabe falar por vocês.

Por isso a importância da abertura ao diálogo, para ouvir outros discursos, outras falas, sair do dito colocado pelo outro para encontrar com novos dizeres e poder sair do discurso colonial eurocêntrico. A psicanálise deve estar implicada aos acontecimentos de sua época, pois do contrário estará fadada ao fracasso; assim, ouvir essas vozes é uma urgência para o campo psicanalítico, esses diálogos são necessários para a psicanálise começar fazer outros cruzos e assim democratizar seus divãs, manter sua ética decidida e questionar o que foi colonizado como norma, sair do isolamento das instituições psicanalíticas para ouvir o que os movimentos feministas negros têm a dizer de suas dores, tendo a palavra como potência de transformação, de aposta na vida.

Apesar da psicanálise ser subversiva, no sentido de ouvir o outro sem enquadrá-lo em uma moral e promover com que esse outro encontre seu próprio dizer, devemos sempre lembrar que é a prática viva desse encontro como o outro que promove o novo, que transgride teorias e que as torna vivas em seu tempo. Portanto é importante que essa escuta esteja atenta a ouvir o que esses corpos do feminismo negro estão dizendo.

É importante demarcar que a psicanálise no seu nascimento foi norteada pelo pensamento eurocêntrico, dessa forma, anteriormente, a psicanálise não estava discutindo sobre a problemática desses corpos negros colonizados. Esses corpos estão encontrando com isso neste tempo, porque seus dizeres não entravam no campo de visibilidade, não entravam

no discurso. O feminino se atualiza em uma experiência colonial que é patriarcal, racista, sexista, heterossexual e, portanto, o feminino pode se apresentar como potência de criação e o feminismo negro como uma ferramenta importante para entendermos como esses corpos atuam em uma luta política em um campo colonial.

Um corpo é grafado pela linguagem, onde se constrói uma história viva com seus traços bio-gráficos. A palavra faz inscrição como ato que toca um corpo e faz marcas.

Parte de mim morreu no real do corpo, marcada no rosto, no nome, renasço aos poucos para fazer algo diferente, poder cuspir esse cálice. Essa herança de sofrimentos, de ficar com o pior que foi a herança deixada por quem nos colonizou. Podemos cuspir essa herança, todos que um dia foram excluídos e não negaram suas misérias, mas criaram algo com seus próprios restos.

O real bate na carne, marcada pelo descaso e desamparo. Ferida aberta, não dá para fingir mais que não existe. Há algo estampado na cara, algo que retorna e marca de forma bruta, real, sem intermediações.

Algo invade e faz marca, uma marca na alma e no real do corpo, marcado pelo imaginário e, em todos os meus tecidos significantes costurados pelo simbólico, fez-se um nome, nome que não consigo pronunciar, o meu horror me encara de frente e não encontro palavras para descrevê-lo. É pelo desejo de um saber que ainda precisa ser costurado que se pode encontrar o seu próprio dizer. Somos marcados no real do corpo por uma história.

Precisamos ouvir os movimentos feministas, movimentos sociais coletivos, grupos minoritários, estarmos atentos às novas formas de dominação, acordos de poder que subjugam, expropriam colonizam e desumanizam corpos e seus dizeres. Os movimentos feministas em intersecção com outras minorias, ampliam as discussões e lutas de quem vivência, de alguma forma, na pele, na sua bio-grafia, grafada no seu corpo as diversas formas de violência. O encontro com esses movimentos se deu pelas identificações desses dizeres com minhas escrevivências, minha “auto-história”, pelo encontro com a história de outras mulheres, os causos e contos contados por minha mãe, minha avó, bisavó, minhas tias, primas, a Zulmira, a Lulu. Encontro que se deu pelas histórias e nas histórias. As histórias orais de um Brasil que não é visto, vozes de mulheres em um mundo patriarcal e racista. São conversas que fizeram versos nesse encontro com outras, diálogos e lições (Li-ações) de vida que marcam minha escrita.

Depois que a linguagem nos dividiu como seres falantes, fomos separados da natureza no seu estado natural, de puro instinto e nada mais é puramente natural. A linguagem é construída nesses jogos de poder, é cerzida (remendar com pontos miúdos, quase imperceptíveis, juntar algo, combinar, incorporar). Ouvia minha mãe dizendo que ia cerzir minhas roupas. Cerzir pelo outro da cultura, mas estar em constante movimento e por isso é possível desnaturalizar o que foi colocado como natural e normatizado, pode ser ressignificado, elevado a uma outra categoria ou mesmo ser modificado.

A psicanálise vai atuar com a linguagem, mas também nesse rasgo da linguagem, no encontro com o real do corpo marcado por essa inscrição. É nessa divisão, do que se diz, mas também do não dito, na falta que atua, por isso é subversiva, mas não é reparadora e a dor persiste. Esta é sua ética e seu limite, embora possa ouvir e fazer trocas com esses outros saberes sobre tais reparações.

Nas minhas escrevivências, encontro-me com outras histórias que se entrecruzam com os dizeres do feminismo negro e os dizeres nas análises das não todas em um entrelaçamento de dizeres que formam uma rede cujos diferentes caminhos levaram à construção da minha pergunta de pesquisa sobre a possibilidade de uma rede de dizeres que não se fechem ou se hierarquizem, mas se intercruzem para construir pontes com suas tensões e torções como potência de ato e não muros.

Mesmo que a linguagem não apague as marcas do real do corpo e que não dê conta de tampar completamente a falta, é ela que faz suplência ao desencontro e também se produz enquanto uma ferramenta de luta para possíveis saídas ao discurso de ódio, diante de discursos que desumanizam, com o objetivo de tornar o outro abjeto, resto a ser exterminado, a psicanálise não pode se omitir diante disso.

Isso me faz recordar o episódio da cebola que me foi marcante, pois no Ceará se escreve igual, mas falamos o (e) com som de (i). Visitando uns parentes paulistanos do meu parceiro no interior de São Paulo, o meu jeito de falar virou chacota. Eles tentaram a todo custo me provar que a minha pronúncia estava errada, apesar de explicar que o sotaque de alguém não pode ser considerado errado. A discussão se estendeu e se tornou agressiva, por fim saí da mesa em que estávamos almoçando muito abalada. Mas uma coisa pensei: jamais trataria qualquer pessoa que estivesse me visitando na minha casa dessa forma, novamente, senti o que é estar na casa do Outro patriarcal, dono da verdade e que tudo pode dizer,

imprimindo seu dito sobre o dizer do outro. Mas, afinal, quem é uma mulher do nordeste para dizer que a forma dela de falar estava correta?

Angela Davis no seu livro "*A liberdade é uma luta constante*" (2018) fala sobre os movimentos do feminismo negro que, ao se deslocar de posição na pirâmide social, todas as redes de poder econômico, social e político também se movem, promovendo mobilidades de minorias e interseccionalidades entre as margens. Só para reforçar o quanto a linguagem de uma minoria causa rebuliços, muitas das palavras que escrevi da minha origem nordestina, como também as que Lélia citou no seu texto, o corretor do programa de processamento de texto "Word" tenta corrigir, essas palavras aparecem como sendo inexistentes no dicionário oficial, mas deixei como as escutei, pois foi através da transmissão oral, pelas histórias que ouvi da minha mãe, vó, bisavó e das mulheres que viviam naquela cozinha ao fundo da casa grande.

Durante muitos anos acreditei que meu dizer oral ou escrito era para ser silencioso e cuidadoso. Estudei em escola pública, no interior de Rondônia, onde se faltava professores, onde vi acontecer preconceitos, mas também ali todos se misturavam em seus sotaques, culturas, histórias. Havia as merendas coletivas, as lendas compartilhadas, as disputas entre as meninas, a violência, a agressividade, o machismo, mas também os encontros. Dessas histórias ficaram sim algumas dificuldades escolares, mas também ficaram as riquezas de trocas que hoje se faz cada dia mais distante.

Em "*Torto Arado*" (Vieira Júnior, 2019) a personagem que era a mãe das personagens que relatam as histórias, começa a falar e se torna um livro vivo. Um livro vivo carrega as lembranças e histórias que trazem marcas vivas de um tempo já passado e de um futuro ainda por vir. Minha mãe sempre foi um livro vivo de histórias onde a ficção e a realidade se misturavam a ponto de tudo ser uma coisa só.

Grada Kilomba (2019, p. 14) escreve: "A língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade". A política, o poder patriarcal, econômico, racial, desumaniza, faz do outro resto, coisa, puro objeto.

A posição feminina marca algo do real que passa pela linguagem, mas algo escapa a esta, um resto desse real não é colonizado pela linguagem. Sinto-me perto desses restos, é aí que me encontro. O Feminino diz de um lugar, de uma posição furada, sem um saber todo e carrega a força radical da alteridade. O gozo outro feminino como um gozo fora da lei produz

uma mulher singularmente no que se refere ao seu encontro com o real, mas que também produz laços sem suplantar diferenças e suas possibilidades de se reinventar com os trançados que é capaz de fazer ao longo de sua história. Uma mulher é sempre a Outra dela mesma, uma mulher é toda Tabu. Apesar de a psicanálise dizer desse feminino como uma posição e não algo do natural, não desconsidera o corpo, ela não deixa de levar em consideração o real do corpo, pois apesar de um homem poder se encontrar em uma posição feminina e vice-versa, nem por isso o que acontece no corpo de mulher deve ser desconsiderado. A ausência do falo imaginário a partir de uma falta real que se traduz no simbólico pela linguagem marcada por uma ausência, por um vazio, provoca o horror, mas é a partir dessa falta que pode surgir uma criação única e coletiva, é com essa falta que a psicanálise lacaniana vai trabalhar.

Lacan diz no seminário "*Mais ainda*" que as mulheres são mais amigas do real. Esse real que é circunscrito pela linguagem, que passa por ela, mas algo escapa, pois se trata de um sentir que toca o corpo no real e que a linguagem faz uma borda, mas não diz tudo, pois esta verdade, assim como no feminino, só pode ser "semi-dita", sem deixar de considerar o real do corpo da mulher e suas vivências a partir disso.

Dessa forma, quando fala do feminino está falando dessa alteridade e de uma posição que é subjetiva, mas sem deixar de considerar que as mulheres se aproximam mais dessa posição feminina, embora todos que estão fora da norma estabelecida por quem detém o poder e torna o outro excluído se tornem mais próximo dessa alteridade, em uma posição de hétero, não como norma em uma posição heteronormativa, mas como a marca da diferença como condição de exclusão, de Outro, do que está excluído do significante, citando Gallano: "Toda exclusão feminiza, toda exclusão situa o excluído em posição de hétero, de Outro" (Morin, 1997, citado por Gallano, 2011, p. 85-86).

O feminismo negro fala da exclusão de gênero, raça e classe com suas consequentes desigualdades políticas, sociais, econômicas e históricas, portanto, marcam essa outremização. Foi por meio das minhas histórias que fui entrando em contato com o que foi feito de resto, marcado pela diferença como algo a ser excluído e, assim, aproximando-me dos dizeres do feminismo negro, pois a partir da escuta dessas histórias foram sendo criadas novas marcas e registros bio-gráficos no corpo e nas minhas narrações.

A história de um sujeito subalternizado, mesmo quando apagada pela história contada pelo colonizador, continua viva pelos registros bio-gráficos, marcados por dizeres e significantes que tocaram seus corpos. Reescrever esses dizeres, trazer novos sentidos,

ressignificando o que tentaram deixar esquecido e apagado, isto é recuperar a própria história de um sujeito e sua ancestralidade. Como escreve Anzalduá: *"*Asfixiadas, cuspimos a escuridão. Lutando contra nossa própria sombra, o silêncio nos sepulta" (Anzalduá, 2009, p. 306).

O silêncio oprime, mas não apaga as marcas de uma história. Essas mulheres, artistas da escrita e da fala, dizem da dor do silêncio imposto, da violência de tirar a história do sujeito, sepultar sua ancestralidade, suas origens, sendo esse ato a morte da história de um sujeito e, no caso do racismo, de um povo. "'Quem disse que privar um povo de sua língua é menos violento do que guerrear?' – Ray Gwyn Smith" (Smith, n.d. citado por Azanduá, 2009, p. 305). O silêncio oprime, mas não apaga as marcas de uma história.

Dessa forma, o real do corpo não pode ser desconsiderado e o dizer deve estar amarrado com essas bio-grafias tanto do feminino, com suas grafias vivas, singulares e coletivas, como no feminismo negro que se utiliza dessas grafias nos seus dizeres, tornando-as visíveis e aliando-as aos ativismos que denunciam os abusos no real do corpo, sofridos por um sistema patriarcal, colonialista, racista, sexista e que se utiliza de todas as formas de opressão.

Esse encontro entre o feminino na psicanálise lacaniana e o feminismo negro se trata de um encontro de corpos, da terra pisada e vivenciada como morada, como se descreve no livro de ficção do Torto Arado: a terra como extensão do corpo (Vieira Júnior, 2019). Assim, o feminismo negro me faz escutar de outro modo as histórias que produzem questões, me afetam e trazem elementos que me aproxima do real e, portanto, do feminino como abertura ao não dito e a um dizer que ainda está por vir e que não apaga o que foi vivenciado no real do corpo. O lugar de fala do feminismo negro é aquele que coloca o pé na terra, é a psicanálise na rua, se colocando a ouvir o que as mulheres das periferias, as trans, as comunidades da favela, quilombolas, os povos originários e todos e todas que foram colocados como restos, tem a dizer. Para pensar a teoria nesse tempo, tensionar conceitos a partir desses encontros com outros(as) autores(as) que vivem no corpo a colonialidade. O feminino como uma experiência de abertura singular e coletiva ao se encontrar com o feminismo negro pode produzir tensões como ferramenta de movimento e, enquanto analistas, nos implicarmos com isso, pois nossa realidade é de um país colonizado, latino e estruturalmente racista. Assim, o feminismo negro me faz escutar o feminino de outro modo nas histórias e traz elementos que mostram isso em termos de corpos.

Pelo fato de ser uma mulher nordestina, retirante, nortista, que sofre na pele os efeitos da violência patriarcal, que viu o racismo muito cedo em meu entorno, vi e ouvi mulheres serem massacradas, terem suas vozes caladas, as mulheres negras trazendo a marca da cor como identidade de raça, pois na casa grande só a Zulmira tinha cor. Essas experiências fizeram marcas no meu corpo e no meu dizer. Ao me encontrar com essas histórias do feminismo negro, afeto-me, pois apesar de não ser negra e nunca vou saber exatamente o que uma mulher negra vivencia na pele, as suas história me sensibilizam, tocam-me, algo se encontra com uma parte de mim, com meus restos e furos a partir dessas trocas. A partir dessas vivências, aproximo-me dessas dores e essa aproximação me fortalece e me encoraja a produzir minhas escrevivências marcadas e biografadas em meu corpo de mulher branca, pequena, com sotaques misturados pelo Norte/Nordeste e que sempre ouve não importa onde esteja: "você não é daqui". Sou do Nordeste, com uma parte no Norte e outros tantos aqui pelo Centro-Oeste, de aparência frágil, mas que ando descobrindo que ser frágil pode ser fortaleza, pois como meu pai sempre me diz, o nordestino é forte pelas próprias condições que teve que enfrentar e, como canta Maria Bethânia (Bethânia & Pinheiro, 2012): "Sou como a haste fina, que qualquer vento me verga, mas nenhuma espada corta" e, assim, vamos caminhando por vezes só e, às vezes, com esses laços possíveis entre furos e reparações.

4. O ARCO-ÍRIS COMPORTA TODAS AS CORES?

Era uma vez Liliane

Filha de professora

Matéria da vida

Dona Neuza

Eu tô na corrida lembro, escola

Tinha bolsa
Nada no bolso
Vivia sempre no calabouço
No meio da perifa'

Queria mais que aquilo
Não virar alvo de tiro
Melhor lugar pros meus filhos
Corri pra buscar

Deus que deu meu brilho
Não sai do trilho, não olhei pro lado
E olha que era difícil não comparar

Minha vida
Com quem tinha até demais
De sobra
Tipo que não ouve não
E não era só eu
Até hoje as minas como eu
Não tão acostumadas se ver na televisão

E sonhar
Com um mundo um pouco melhor
Espalhar
Mais sorriso por aqui
Olhar pro espelho saber que o tempo passou correndo
E que hoje a Liliane lá do bairro virou Negra Li

Nunca foi fácil ser mulher de aço
Mas tive que ser
Hoje posso ser
Tudo o que eu quiser

Eu vim de baixo, mas aqui do alto
Sei o que é viver
Não é sobreviver
É sobre viver

Lenda viva, preta diva
Negra Li, 4-2 contrariando a estatística
Eis me aqui
Virei o jogo de Brasilândia à Nova Zelândia
Brinquei na rua, mas meus filhos brincam na Disneylândia

Os hits, os feats Dina Di, Charlie Brown, Akon
A mãe tá on
Quer mais açúcar ou tá bom?
Relembro a trajetória do conforto do edredom
É bom lembrar, vim de um lugar onde rap é o som

Hoje eu sou tudo o que eu queria
Saí da periferia, mas a periferia não saiu de mim
Aprendi com RZO com o saudoso Sabota'
Eu nunca fui de sabotar quem correu por mim

Sempre soube que não ia ser fácil o caminho de uma mulher preta
No meio de vários MC
Dona Márcia me jogou pra cima
Me deu esperança de chegar mais longe
Hoje eu tô aqui

Nunca foi fácil ser mulher de aço
Mas tive que ser
Hoje posso ser
Tudo o que eu quiser

Eu vim de baixo, mas aqui do alto
Sei o que é viver
Não é sobreviver
É sobre viver

Era Uma Vez Liliane – Negra Li

(Carvalho, Moreira, Ferreira, Leite, & Garcia, 2022).

Essa Música, interpretada por Negra Li, é sobre viver e sobreviver, fala das dificuldades que é para uma mulher negra conseguir viver com dignidade, saúde, educação, segurança, moradia e todos os direitos que deveriam serem garantidos pelo Estado, mas que na realidade prática não asseguram de forma igualitária os direitos, pois existem certos corpos que sofrem os efeitos do racismo, como os corpos de mulheres negras. Portanto, mulheres brancas ainda sofrem efeitos do patriarcado, da misoginia, mas o fato de ser branca, já tem

mais amparo social, econômico e políticos do que a mulher negra, pois a brancura, na lógica da branquitude, coloca a mulher branca em uma posição de privilégio, ainda que esta sofra outras formas de violências. Por isso, é tão importante fazer a pergunta: O arco-íris comporta todas as cores? A letra dessa música serve de reflexão sobre essa marca como marca de exceção e diz das dificuldades de ser mulher de aço.

É importante essa representatividade, mas sempre lembrando que não se pode falar em meritocracia em um país tão desigual. Assim como Negra Li, também brinquei na rua, estudei em escolas públicas quando se faltava tudo no Norte do país, mas também pude viver nessa riqueza de diversidades que foi, para mim, a escola pública, o que não se tem em uma escola particular, visto que se tornou um lugar de apartheid, de uma profunda segregação uma vez que a presença de pessoas não brancas nessas instituições se constitui como uma exceção. Por isso se faz tão importante discutir políticas públicas de garantias em relação às questões raciais, como as cotas.

Levei, anos depois, os meus filhos à Disney, o que não foi fácil, nem financeiramente, nem emocionalmente. Tivemos que nos organizar para conseguir ir e para que pudesse superar o discurso do meu pai que nunca deixou os filhos estudarem a língua dos neo-colonizadores. O inglês sempre nos foi a língua proibida, inclusive ao pronunciá-la era para abrasileirá-la. Assim como os colonizados rejeitam que falamos, o “pretuguês” (Gonzalez, 2020, p. 90), o nordestino, além de ser atravessado por essas questões, tem também sua fala considerada como um dialeto à parte, trazendo uma marca de diferença excludente e, muitas vezes, sua fala é ridicularizada.

Foi no interior de Rondônia que foi possível meus filhos viverem um pouco o que vivi nas escolas públicas, pois em uma mesma rua puderam fazer amigos de culturas, classes e origens distintas. Por Rondônia ser um estado novo, tinhas pessoas vindas de todo o lugar do país, realidades, portanto, complexas e desiguais. Nesse contexto, brincaram e aprontaram com amigos de diferentes classes, raças/etnias/cores e gêneros. Assim conviveram com diferentes realidades e aí está toda a riqueza de diversidades. Um amigo se casou cedo e já é pai, outro está se formando em pedagogia, outro fez um curso profissionalizante, outro está preso, atualmente, pois nem todos(as) tem a chance de escolha. E, assim, crescemos nesse emaranhado de histórias.

Na minha família eu sou cearense, meu companheiro e eu nos encontramos em Rondônia, onde nasceu meu primeiro filho e o caçula já nestas terras de Mato Grosso Sul.

Eles tiveram essa oportunidade de viver o Brasil diverso, com suas contradições, belezas e, muitas vezes, injusto. Conviveram com a desigualdade e sabem que nem sempre todos vão conseguir superar as dificuldades tão profundamente enraizadas na meritocracia branca, patriarcal, racista e, sexista que produz todo tipo de preconceito acerca dos que não tem o estereótipo para se enquadrar no modelo neo-capitalista e colonizador.

Pensando essas questões com meu problema de pesquisa, alguns questionamentos nesse percurso começam a tomar mais forma. É a partir da diferença das cores do arco-íris que começo a discorrer sobre a pergunta presente no título deste capítulo, utilizando-me da interseccionalidade como ferramenta política para problematizar a questão da diferença como produtora de desigualdades, mas pode se tornar potência de vida e de diálogo.

O sincretismo foi utilizado como justificativa para apoiar o mito da democracia racial no Brasil (Nascimento, 2016) como uma forma de apagar as diferenças, enquanto o cruzo suporta esse encontro com os seus desencontros. Os caminhos podem se intercruzar, apesar ou justamente pelas diferenças e nesse encontro interseccional a diferença não precisa ser sincretizada, miscigenada ou apagada.

Suportar a diferença singular ou coletiva, sem subsumir ou apagar as cores da diferença, é o que ocorre no cruzamento de diferentes ideias e formas de ser no mundo. Esse movimento provoca torções de aproximação, mas não de um apagamento, além de operar com a possibilidade de manter as diferenças com alguns pontos de encontro.

Esses marcadores de diferenças são importantes para não apagarmos os dizeres e estes virem a ser produtores de diversidades e não marcadores de desigualdades, por isso a afirmação da diferença se faz importante.

A Psicanálise trabalha com a subversão da falta. Não há complementaridade, mas suprimento, sendo a alteridade feminina para a psicanálise um dos nomes dessa incompletude e desse suporte ao desencontro.

Os movimentos feministas devem ser pensados como forma de combater desigualdades e não de apagar e destruir diferenças. Dessa forma, precisamos de políticas específicas para as desigualdades que desnaturalizem o que foi colocado como natural. Nesse sentido, o discurso psicanalítico que promove o respeito às alteridades pode se interseccionar com esses movimentos sem realizar apagamentos de dizeres.

A psicanálise vai ouvir o que está desajustado ao modelo normatizado, o que claudica, manca e que vem representado pelo sintoma do sujeito, ligado à sua alteridade radical. Assim,

nessa posição de escuta, é possível se encontrar com conceitos de intercruzamentos e interseccionalidade com o movimento feminista negro de descolonização.

Os movimentos feministas tocam nesses conceitos de alteridade por outros caminhos, mas se cruzam, pela interseccionalidade, com a psicanálise, um como ferramenta analítica, descolonizando o inconsciente e o outro como tensionamento mediante os movimentos sociais para dar forma a suas políticas públicas de igualdade de direitos que são marcos legais fundamentais para os projetos de justiça social.

O livro de Angela Davis "*A Liberdade é uma Luta Constante*", inspirou-me a escrever sobre o que realmente me toca. Faço uso da frase de Martin Luther King que Angela Davis cita no final do seu livro para dizer de um sentimento que se perpetua em mim sobre a indivisibilidade da justiça, onde a diferença não deve ser causa de desigualdades, pois: "A injustiça em qualquer lugar do mundo é uma ameaça à justiça em todo o mundo" (Davis, 2018, p. 117). E essa injustiça indivisível me aproxima agora, como pesquisadora, de corpos do feminino e de corpos feministas.

São várias lutas que se tocam para ampliar a interligação de desigualdades de raça, classe, gênero, sexualidade, identidade de gênero, religião, idade, pessoas com deficiência, sistema prisional, xenofobia, políticas de imigração e todos os que se encontram à margem de um sistema.

A psicanálise trabalha com esses restos, com aquilo que está fora da norma estabelecida, mas é desse claudicar que se trata uma caminhada, é aquilo que aponta para uma diferença com o conjunto, mas que a partir dessa alteridade radical com o outro da cultura, pode ser possível fazer laços menos opressores. Mas aí está seu limite, pois vai trabalhar com a falta do sujeito e não com uma reparação.

É preciso se colocar a ouvir para que o sujeito se escute e encontre seu próprio dizer que foi emaranhado e tecido na cultura, mas que deixou algo escapar da linguagem e, portanto, está fora da lei e aí deve ficar. Nessa esteira de pensamento é o que aponta para sua diferença fundamental que o distingue, mas não todo, pois suportar sua diferença, seu desencontro o permite também suportar a diferença com o outro, os desencontros com o outro da linguagem.

Os movimentos sociais apesar de se utilizarem desses conceitos de desigualdades interseccionais, precisam trabalhar em conjunto para que suas bases de transformações e de lutas políticas consigam obter reparações, direitos, leis mais justas que amparem e protejam.

São caminhos, epistemologias e atuações diferentes, mas que podem se cruzar, desde que possamos entender os espaços de cada um e suas peculiaridades, afinal o sujeito se faz no social e o inconsciente é a política, mas toda teoria é um recorte e tem seus limites. Suas bordas podem conversar com outras, fazendo bordeamentos, enfim um bordado que se toca, mas deixando as marcas de seus limites para que um não subsuma o outro e esse encontro possa provocar torções que suportem os desencontros e gerem espaços de reflexões e não um espaço de complemento, um espaço estável. São espaços de tensões, mas também de suplências.

São as diferenças que geram movimentos e permitem que algo ande, caminhe, mesmo mancando. “O artigo 119 da Declaração do Fórum das ONGs na WCAR inclui uma definição da abordagem interseccional da discriminação:

> [Ele] reconhece que toda pessoa, homem ou mulher, existe em um quadro de múltiplas identidades, com fatores como raça, classe, etnia, religião, orientação sexual, identidade de gênero, idade, deficiência, cidadania, identidade nacional, contexto geopolítico, saúde, incluindo o status soropositivo e qualquer outro, que são determinantes para suas experiências com racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerâncias relacionadas. A abordagem interseccional destaca a maneira como se dá a interação simultânea da discriminação como resultado de múltiplas identidades (Collins & Bilge, 2020, p. 137).

Nesse sentido, podemos pensar como a interseccionalidade entre diferentes discursos pode contribuir com as trocas para lidar com esses marcadores de desigualdades e ampliar direitos para que vários corpos e dizeres possam ter a sua alteridade respeitada e não serem mais alvos de violências autorizadas por políticas de opressão de alguns corpos em benefício de outros.

Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge escrevem que a “interseccionalidade permite fazer equivalências intercambiáveis, que toquem em vários corpos e seus dizeres sobre discriminações, desigualdades e violências: mulher, negra, indígena, imigrante, presidiária, trans, travesti, imigrante” (2020, p. 143).

Os analistas no exercício do seu ofício em extensão, podem contribuir como analistas Cidadãos, ouvindo e se posicionando em discussões que os coloquem a participar com a

sociedade, com o seu tempo, estando atento às políticas de sua época. A ética da psicanálise é respeitar o dizer de cada um - desde que este não seja o de destruir o outro - e, assim, poder sustentar essa diferença radical.

O divã enlaça o coletivo, a singularidade e uma a uma fazem seus laços sem que tenha que oprimir, suprimir, subsumir o outro, e não tornando dois ou mais um só. Não faz fenômenos de grupos, mas sim elos de solidariedade, de suporte, de suplência que sustenta a diferença e nos quais o outro não precise ser destruído para que apenas uma verdade prevaleça.

Esse é o limite da ética da psicanálise, não se procura fechar furos ou apagar sintomas, mas sim fazer outra coisa com este, algo que coloque o sujeito em movimento de vida, de desejo e produza novos tecidos dele com o outro nas suas alteridades. Mas seu fazer tem seu recorte, limites, precisamos ouvir os movimentos feministas, a coletividades, os grupos minoritários, estarmos atentos às novas formas de dominação, acordos de poderes que subjugam, expropriam, colonizam e desumanizam corpos e seus dizeres.

Os movimentos feministas em intersecções com outros discursos, ampliam as discussões de questões sociais como classe, raciais, relações étnicas, capacitismo, sexismo, gênero, meio ambiente, imigração, povos indígenas, sistema prisional, tráficos de pessoas, de armas, drogas, conflitos e a tomada de poder por sistemas fascistas.

São lutas que devem ser de todos, mas que precisam respeitar o que as pessoas que dizem e vivenciam as violências em seus corpos e que estão na base de um sistema racista têm a dizer, pois são eles que vivenciam de alguma forma na pele, na sua bio-grafia, grafado no seu corpo de seres que são falados, mas que também falam de todas as formas possíveis.

É nesse rasgo da linguagem que a psicanálise vai atuar, nessa divisão, na falta, por isso é subversiva, mas não é reparadora, esta é sua ética e seu limite, embora em extensão possa ouvir e fazer trocas com esses outros sobre tais reparações, mas sem negar que a linguagem nunca dará conta de tampar o furo.

Os movimentos coletivos feministas em intersecções precisam pensar em formas de diminuir danos, de crias leis, direitos, acordos, em uma luta constante como fala Angela Davis (2018) no seu livro: *A liberdade é uma luta constante*.

Dessa forma, precisamos que os movimentos feministas atuem em uma luta que está em uma constância de movimento, em uma busca por justiça sociais, levando em consideração questões coletivas e ao mesmo tempo com pontos de vistas controversos,

discussões amplas que façam conexão de pontos nevrálgicos em uma prática crítica e analítica que provoque tensionamentos, baseada em trocas e que, coletivamente, faça parte de um diálogo mais amplo e cada vez mais global, mas respeitando as particularidades.

Por sua vez, a psicanálise deve estar aberta ao que acontece na polis, não ficar ensimesmada e encouraçada. Assim, deve se articular com as necessidades de nosso momento atual, ocupando novos espaços de escuta, portanto, é preciso que procure alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época.

Os discursos de nós/eles promovem o ódio e marcam certas subjetividades com seus corpos e dizeres enquanto restos a serem descartados ou, quando muito, para serem explorados e nisso todos somos responsáveis.

A psicanálise vai procurar se afastar desses efeitos de cola que o grupo trás. Evitar insuflar o imaginário "Nós Versus Eles" para que se possa encontrar a diferença radical e assim construir encontros menos imaginários de efeitos de completude, mas que tenha efeito de trocas e laços, sem a perda da alteridade e sem subsumir, sem tornar todos um só, mas sim o direito de todos terem o direito a ser diferente.

Os movimentos feministas são fundamentais nas organizações interseccionais para que se consiga quebrar as barreiras impostas pelo modelo econômico neoliberal e seu sistema hegemônico. São epistemologias, atuações e recortes diferentes que têm seus próprios limites, mas podem se conversar, trocar informações, desde que não se coloquem como detentores de verdades, mas ciente de seus limites e atuações.

São os cruzamentos de ideias na luta pela vida que possibilitam um movimento por direitos mais amplo. Esse modo de pensar baseado em "nós/eles" identifica um segmento da população considerado digno dos benefícios da cidadania plena e relega alguns, "outridade", a um status inferior, por vezes, inumano.

O feminino na psicanálise diz de uma alteridade radical, com uma criação uma a uma, mas que faz apostas em laços costurados por essas diferenças, podendo formar colchas coloridas, sem apagamento das cores.

No texto "Mulheres negras e a força Matricomunitária", Katiuscia Ribeiro conta do dom ancestral do feminino nas tradições africanas e escreve:

> A mulher como força para gerir e gestar a vida *gerir e gestar organizações* ancestrais, sociais, econômicas e políticas de um povo, assumindo o papel de *matrigeradoras* e

> *matrigestoras* de uma comunidade.... Matrigeradoras e matrigestoras da comunidade, revestido por um valor sagrado que faz parte da roda cíclica da existência (Ribeiro, 2020, p. 26).

A subjetividade se constrói pela linguagem, mas algo transcende o simbólico e toca o real do corpo biológico. Não podemos também deixar de ver e de ouvir que determinados corpos sofrem preconceitos e ações políticas, sociais e econômicas desiguais. A psicanálise fala da posição feminina para além do biológico, como uma posição subjetiva, mas não deixa de considerar o real do corpo e o feminismo negro também reconhece que certos corpos, principalmente algumas intersecções com raça/cor/etnia, sexualidade, gênero, repercutem nesses corpos na forma de violências, preconceitos e marginalizações. Pautadas em um modelo racista, patriarcal, essas diferenças repercutem em formas de dominação, onde a diferença gera desigualdades.

Somos seres de linguagem e, portanto, falados e nomeados antes mesmo de nascer e por sermos seres falantes, atravessados pela linguagem, o que se diz do biológico, não é mais natural, mesmo que tenha sido naturalizado pela linguagem. Essa construção de linguagem se dá a partir de discursos que performam corpos a partir de determinadas lógicas de poder, tomando esses corpos a partir de uma determinada concepção que, em geral, é determinista, ou seja, uma forma “bio-lógica” de justificar desigualdades. Essa biologia, enquanto falada, não é anterior a nada, é uma construção do discurso e ela acontece com o próprio sujeito.

As mulheres como matrigeradoras e matrigestoras possuem matéria durável com poder de ligar e tecer a vida e é dessa impermanência e aparente fragilidade que surgem as possibilidades de se reinventar e criar. É desse equilíbrio dinâmico que vem sua força e esta age sobre os processos de construção da política, da economia da comunidade e da vida, como suporte e estrutura. Segundo Katiuscia Ribeiro “No momento da dor, a saída era olhar para trás... Olhares, falas, cicatrizes, curas ancestrais, toques, cheiros, afetos, choros, risos e principalmente escutas e observações” (Ribeiro, 2020, p. 26).

Dessa forma, trago na minha pesquisa dizeres do feminismo negro e do feminino na psicanálise como uma posição subjetiva, mas sem deixar de considerar a materialidade desses corpos. Por meio das minhas histórias, revelo vozes de mulheres atravessadas no real do corpo e na linguagem por sua condição de mulher, como ponto de partida para discutir o

feminismo negro que fala sobre questões de gênero, classe e raça e do feminino enquanto uma posição subjetiva e, assim, anuncio a escolha que me toca no lugar do qual falo.

Uma a uma e juntas construindo e tecendo vida, dando importância ao que é considerado desimportante. Como escreveu Manoel de Barros em seu poema "*O apanhador de desperdícios*" (Barros, 2018, p. 25) "Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes". Valores que vão de encontro à pressa da produção e do consumo e ao colapso social em que nos encontramos.

Perder tempo com coisas banais, mas que alimentam as trocas, uma relação com a natureza e com o outro mais afetiva e menos expropriatória, provocando o movimento de gerar e gerir a vida. Estas são oportunidades de se reinventar e criar novas possibilidades de se relacionar com a natureza, com as políticas de corpos, com a diferença e encontrar saídas desse projeto exploratório capitalista que tem se mostrado inviável para a sobrevivência da terra.

Pensar em novas formas de políticas de corpos em que o frágil pode ser o forte, construir novas respostas para a expropriação econômica no neoliberalismo e buscar maneiras de se relacionar com a natureza e com os meios de produção em um novo modo de dar corpo e cores aos movimentos em seus processos de tessitura da vida.

Para isso, precisamos repensar novas políticas, pensar em garantias de direitos que abarquem a todos, um modelo econômico que não destrua o meio ambiente e explore e abuse do trabalho de alguns, os estrangeiros. Olhar para outras formas de manejar com a natureza, de uma maneira menos expropriatória.

Um saber conceber o tempo da espera, da pausa que gera movimento em um processo dinâmico e constante. A vida, a comunidade, precisa do tempo de pensar para gerir, tempo da pausa de sentir para criar, gerar dizeres e fazeres, uma borda a todo esse caos, o que impulsiona o movimento de passagem, de mudança de lugares e posições, desterritorização e a criação de algo novo.

As alteridades não são para serem destruídas, pois estas são pura resistência e por isso podem criar formas de funcionamento social que aceitem a diferença, formas menos opressivas, menos devastadores e destrutivas.

Angela Davis fala sobre a força de resistência a todas as injustiças e violências hierárquicas coloniais de poder e saberes e coloca as mulheres negras como as bases dessa resistência: "Quando as mulheres negras se movem, toda a estrutura política e social se

movimenta na sociedade...movimento das mulheres negras desestrutura e desestabiliza as rígidas e consolidadas relações desiguais de poder no sistema capitalista" (Davis, 2018, p. 9). Os feminismos negros tiveram e têm a potência de movimentar diferentes espaços, de desestabilizar diferentes saberes, inclusive a própria academia, aquela que de algum modo considera-se universal, para todos, mas na verdade nem todos estão incluídos nesse todo. Os feminismos negros que trouxeram corpos e intelectuais negras e negros para a academia pluriversaram esses espaços, começaram a provocá-los, a interrogá-los, de modo a deixá-la de ser "uni", para caminhar para um "pluri", com diversidade e alteridades que possam conviver nas suas diferenças, com suas gagueiras e aí a psicanálise pode contribuir nesses espaços, onde se está o que manca no discurso social, o que claudica, o que falha e isso fala.

A partir da escuta de Freud dos dizeres do que as histéricas apontavam da sociedade em que viviam, mostrando que algo não estava funcionado e Lacan com o feminino, como uma posição não toda na norma fálica e assim como a sua escuta dos psicóticos encarcerados em hospitais psiquiátricos públicos, como os renegados é que surge a possibilidade de uma abertura de espaços para esses dizeres como um local de escuta para o que na sociedade era rejeitada, suas gagueiras. Foi se deixando tocar por essas vozes que a psicanálise se movimentou, modificou-se e provocou subversões. Portanto, para não paralisar e continuar viva, a psicanálise precisa escutar quem está à margem, o que está desencaixado e apontar para o que está falhando, pois o sujeito se constitui pelo outro e o inconsciente é a política. Só assim a psicanálise continuará a ser subversiva, saindo do discurso do um, do discurso capitalista, para uma escuta dos ecos do que foi e é abafado pela colonialidade do poder de um dito sobre os dizeres dos que foram colocados como outridade.

Para que a psicanálise não perca o bonde da história, precisa estar implicada com discussões atuais sobre racismo, sexismo, gênero e todas as formas de marginalizações e opressões, é preciso também entender que ela se fez dentro desse contexto eurocêntrico colonial e isso produz efeitos nos modos como se organiza no próprio campo social. Umas das formas de fazer isso é democratizar seus divãs, oportunizando a quem está na margem, quem foi colocado como o resto do resto o acesso aos consultórios, ao discurso analítico tanto como formação ou como pacientes, dentro ou fora dos muros de suas salas, bem como a leitura crítica e atualizada de seus conceitos, como a posição feminina que está não toda na norma e escapa ao binarismo da linguagem, pois o discurso analítico deve ser o contrário do discurso capitalista e, portanto, não pode ser muro, ponto final, mas sim pontes, caminho.

Dessa maneira, um significante pode passar a ter um outro sentido e ser elevado a uma outra categoria e, portanto, passa a ter um outro significado. Isso não significa tamponar a falta, mas deixar com que essas faltas cheguem aos nossos consultórios, ouvir o que esses discursos marginais têm a dizer, dar espaço de fala àqueles(as) que tiveram suas vozes caladas e mostrar como os(as) psicanalistas também estão assujeitados a uma cultura colonialista, por isso devem estar abertos a realidade que se apresenta, não podem se calar diante dessa real do racismo, pois nos seus consultórios participa a palavra e o corpo, bem como devem estar implicados com seu trabalho em extensão como cidadãos analistas. É importante, como responsabilidade ética e política, que a psicanálise promova diferentes discursos, debates, questionamentos e trocas com a sociedade entre diferentes autores(as) e subjetividades heterogêneas, mas com questões comuns a serem atravessadas. Assim, pergunto-me se os narcisismos dos(as) analistas não atrapalham a condução do seu trabalho de escuta na clínica e como isso interfere nas instituições psicanalíticas? São perguntas que abrem questões com espaço para rever nossa posição diante de realidades marginalizadas e das nossas próprias misérias.

Como cidadã(ãos) e analista(s), podemos questionar as vantagens de uma elite branca que teve o acesso a estudar em boas escolas, condições de saúde, trabalhos bem remunerados, garantias trabalhistas, moradias, empréstimos e todas as vantagens econômicas, sociais e políticas com direitos que deveriam se estender a todos(as), mas foi com a exploração dos corpos escravizados do povo negro e indígenas, no passado colonial e no presente com as novas formas de exploração colonialistas estendidas a todos(as) que são feitos(as) de restos considerados marginais por esse sistema do capital acima do humano, que alguns poucos obtiveram seus privilégios.

O que se denomina hoje de cotas sempre existiu, mas a serviço de beneficiar, justamente, homens cis, brancos, héteros, de descendência europeia e agora quando se fala nessas garantias de igualdade e equidade em termos de direitos, essa mesma elite que sempre se beneficiou de diversas vantagens dadas pelo Estado e pelo poder econômico atrela suas conquistas à meritocracia, como uma forma de justiça, de merecimento conquistado por quem se esforçou quando, ao contrário, foram privilégios que obtiveram colonizando os corpos de alguns feitos de outridades, de restos (Gilx Araujo, 2022).

Assim o feminismo negro denuncia um racismo que é estrutural, derivado de um colonialismo patriarcal, racista, capitalista e quando esta estrutura cede ao domínio racista,

sexista e misógino também cede a todas as outras relações de poder. As relações são estabelecidas a partir dos jogos de poderes transmitidas pela linguagem e esta é a política tanto social como a política do inconsciente, uma marca que faz grafias no real do corpo.

A psicanálise não ocupa um espaço de salvadora, mas ela é sim subversiva, porque escutar o outro nos seus avessos, sem ocupar um lugar moralista sobre o desejo do outro, sem tentar convencer esse outro a seguir um dito caminho, aponta para a sua subversão, como Lacan diz: convencer, 'que cão quer vencer"? O cão interno, como vimos agora no Brasil e no mundo, por meio de um discurso totalitário, conservador, discurso do novo mestre, que é o discurso capitalista, onde não há espaços para a diferença e se ampara em um gozo perverso que não tem uma intermediação da castração por isso que a psicanálise não é para os canalhas. Esses que não estão prontos para perder nada, só querem ganhar e rejeitam seus próprios restos, depositando seus ódios nos outros, sem possibilidade de fazer laço com social, a análise nada tem para lhes dar, pois esta fará o sujeito entrar em contato com suas misérias e estes nada querem saber disso.

Estamos presenciando, nessa sociedade capitalista, esse encontro com discursos narcisistas de grupos de irmandade nos quais a lei só vale para seus benefícios e quando precisam ratear, ter um limite, este só é dado a quem está fora do grupo, onde esse outro pode ser destruído. Esse é o discurso totalitário, do pai da horda que tinha direito de gozar de todas e todos e os outros nada podiam e os filhos tiveram que matá-lo para criar a lei que valesse pata todos e não só para os excluídos, sendo este um programa mortífero do narcisismo colonial.

A minha experiência com a análise me possibilitou trabalhar, amar menos narcisicamente e me permitiu escrever. Ao mudar para o norte estudei em escolas públicas, no interior, onde ainda havia grande ausência de professores(as) e talvez por isso e outras questões tive algumas dificuldades com a escrita. Não consegui passar em universidades públicas, como acontece comumente com pessoas que passaram os anos em escolas públicas no ensino fundamental e no ensino médio e fazem suas faculdades em instituições privada. Na época cursei o ensino superior me utilizando do crédito educativo. Enfim, não me saí bem nas redações das universidades públicas, como já disse, essa tal meritocracia é história da carochinha, pois só beneficia 'alguns', que são os privilegiados pelo sistema colonialista expropriatório.

Foi nesses encontros com outras vozes do feminismo negro, que me afetaram e me fizeram pensar nas possibilidades de uma psicanálise mais aberta para essa realidade que se apresenta do colonialismo de corpos e dizeres, especialmente das mulheres negras, por ter uma interseccionalidade de raça, classe e gênero. Ter tido também a oportunidade de passar por um processo de análise e ter escutado minhas próprias histórias de uma mulher branca, nordestina, nortista, ouvi, portanto, minhas misérias atravessadas pelos emaranhados dos dizeres de outras mulheres com as quais me encontrei ao longo dessa trajetória, foi o que me possibilitou me apropriar das minhas escrevivências.

Escutar suas dores, não só nos consultórios, mas também ir até eles(as), para ouvir seus dizeres, como foi relatado pela professora Noemi Bandeira que narrou uma experiência que viveu com uma comunidade ribeirinha, que gerou no relatório da SBPC, que resultou no livro "*A expulsão de Ribeirinhos em Belo Mont*e":

> A casa, para essa população tradicional é uma ideia muito mais ampla do que a que se experimenta em outras organizações culturais. A casa se abre numa ampla experiência com o território, que inclui a floresta e o rio. A casa inclui ainda a vizinhança, os laços comunitários, o trabalho, a produção do alimento e a possibilidade de acolhida da família que não habite o mesmo território ou que eventualmente cresça com o casamento dos filhos. A casa é o território em que se organiza o hábito, onde o ribeirinho se veste de suas identificações que instituem pertencimento (Magalhães & Cunha, 2017, p. 223).

São nesses cruzamentos que devemos estar abertos(as) ao novo e ao singular que se apresentam, não é a teoria que deve ditar a prática, deve-se saber dela para prescindir dela e estar aberta às mudanças, pois a prática transforma a teoria, cria novas forma de pensá-la e de se reinventar para que, assim, possamos estar em contato com o mundo em que atuamos com a teoria, sermos afetadas por esses dizeres, sempre abertas à criação no encontro com o outro.

Podemos contribuir com essa ascensão e com a discussão de novas possibilidades tanto dentro quanto fora das clínicas, inclusive trazendo contribuições para uma teoria fundada na atualidade e revendo conceitos, pois a teoria analítica deve estar centrada na experiência prática e deve se movimentar com a realidade de cada época e estar atenta ao que deixou escapar. Devemos lembrar que essa história de se colocar a ouvir o outro e deixar este

encontrar suas próprias saídas nas encruzilhadas dos caminhos, nesses entrecruzamentos, em que se cruzam, passam uns pelos outros, não precisa ter como objetivo produzir uma única coisa, devemos respeitar o que é hétero em cada um, permitir um laço social menos narcísico, então esse processo é subversivo embora muitos analistas não o são.

Trazermos isso para o campo psicanalítico não se trata de apenas ampliar o acesso da população à psicanálise, mas modificar os modos como nos engajamos naquilo que produz as colonialidades e seus efeitos, o que necessariamente modifica a maneira como os(as) psicanalistas escutam e os próprios conceitos com os quais operam.

Tensionar a teoria psicanalítica é importante no sentido de problematizar como, historicamente, ela foi de encontro com os corpos subalternizados, pois apesar de Lacan apontar para o discurso anticapitalista, ela vem e se afirmar em um espaço colonial. Diante disso, é preciso que comecemos a dialogar com esses outros corpos reais, corpos de Lélia Gonzáles e de tantas outras que passam a operar com a psicanálise, que ajudem nas torções necessária para as estratégias de engajamento nessas lutas contra os discursos de ódio. Não se sabe sobre o Outro, é preciso oportunizar para que o sujeito possa dizer das suas histórias e dores. O feminino com o feminismo negro permite criar composições inéditas de escuta, de invenção de conceitos, de experiências, é a floresta toda, é com o que nos é ancestral, nas trocas com outros e outras, como um rizoma com várias raízes que se entrecruzam em algum momento e se deixam afetar, mas sem um se misturar com o outro, surgindo cruzos como as minhas escrevivências que é possível constituir um espaço para esse alargamento de fronteiras.

Com o colonialismo essa ideia de exploração do capital sobre o corpo do outro - e não qualquer corpo - se perpetua e se aperfeiçoa, utilizando-se do racismo para dominar todo um povo. Assim, a mulher negra passa a ser o alvo, na sua forma mais cruel, de escravização do poder colonial e patriarcal devido ao seu desejo de subjugar e colonizar o outro.

Angela Davis emprega o conceito de interseccionalidade para ampliar as lutas por justiça social que se entrecruzam em relação ao feminismo negro com outras formas de subjugação, para falar raça, classe, sexualidade, gênero e outros tipos de injustiças que colocam determinadas pessoas em condições de controle desiguais, desumanos e sem as possibilidades de alguns corpos fazerem parte desse arco-íris, tornando esses corpos invisíveis.

Assim, Davis (2018) amplia as lutas do feminismo negro contra o racismo, interligando diferentes formas de domínio de corpos e dizeres, cruzando a questão da discriminação racial com outras formas de segregação. Utiliza-se, também, do conceito de ancestralidade, para falar da morte social da pessoa escravizada, destituída de todos seus direitos, desumanizada, sem direito à vida e até a ser uma pessoa, pois lhe é negado, inclusive, ser uma pessoa que nasceu. Davis (2018) diz que "Esse silêncio imposto à ancestralidade, coloca em pauta o conceito de morte social no cerne de sua definição de escravidão" (Davis, 2018, p. 123). A autora fala da importância de se restaurar a história de um povo, como um movimento de pertencimento e recuperação de suas memórias ancestrais. Esse apagamento produz uma lacuna, uma morte social como se não tivessem nascido, apartados de suas origens, um saber não dito, negado e usurpado de suas memórias afetivas, que é sentida sem ser dita.

Davis (2018) também se utiliza do conceito da interseccionalidade para pensar as complexas estruturas do poder colonial de domínio e como mecanismo de luta contra o colonialismo. O feminismo negro faz intersecções com diferentes cores subalternizadas e, segundo Davis (2018), esse movimento "emergiu como um esforço teórico e prático de demostrar que raça, gênero e classe são inseparáveis" (Davis, 2018, p. 21) e as possiblidades de se estender essas interconexões para outras formas concretas de subalternizações.

Negar o direito de um povo ou de um sujeito à sua história ancestral, suas crenças, isto é, calar a palavra por máscaras reais ou invisíveis. A mulher negra escravizada e ocidentalizada sofreu essa opressão de raça, classe e gênero. Opressão que se estende a todos que são oprimidos e lutam para recuperar essa história social e descolonizar o que foi posto sob o domínio colonialista e capitalista.

Esse modelo econômico, político, escravagista patriarcal se estende em padrões de controle e subjugação para outros povos e "certos tipos de sujeitos" que são considerados fora da norma estabelecida pelo poder político, econômico e a partir disso são colocados como os outremizados, os estrangeiros e por isso precisam ser calados e subalternizados.

Utilizando-me do conceito de escrevivências de Conceição Evaristo (2014), conforme indiquei no início da dissertação, como estratégia de escrita desta carta-grafia e como forma de pensar com meu problema de pesquisa, vou relatar histórias que pode ser a história de tantas outras mulheres ou meninas, uma ficção que fala de uma verdade. Lacan escreve: "A verdade tem um limite e por isso, é um semi-dizer e por outro lado, é sem limite, é aberta"

(Lacan, 1973-1974/2018, p. 113), portanto, a verdade só pode ser “semi-dita” e tem estrutura de ficção. É com essas histórias que me pergunto se o arco íris comporta todas as cores e dores?

Essa história acontece na casa grande, onde várias mulheres estavam em seu entorno. A menina vivia nesses arredores, via e ouvia muitas histórias. Era uma cozinha cheia de mulheres. Tinha a Zulmira, forte, trabalhadeira, ou, como se fala no Nordeste, era arretada. Tinha também a Luciana (Lulu) que cuidou de todos os filhos do senhor da casa grande e também de seus netos e não tinha ninguém por ela. Até hoje elas ainda estão nessa família, passaram-se anos e ainda estão a servir seus senhores.

Era na cozinha da casa grande que ficava no fundo que se encontravam as personagens durante a maior parte do tempo. Tudo parecia mágico naquele lugar. Era um território do feminino, espaço de conversas, desabafos compartilhados e alguns segredos “semi-ditos”, mas ali também foi presenciando e vivenciando situações de muita violência e preconceito.

A cena traumática ocorreu quando a menina viu a Lulu ser agredida por um dos filhos do senhor que partiu para as vias de fato, a segurou pelos cabelos e a jogou longe contra a parede e depois a chutou e disse: ‘Falei para você ficar de boca calada e cuidado com o que vai falar a partir de agora’. A Lulu tremia inteira, estava gelada, pálida, ela se agarrou à menina chorando, trêmula, dizendo que se tivesse alguém por ela, isso não teria acontecido. A menina estava aterrorizada, sentindo-se um nada, as duas vivenciaram tal agressão por serem consideradas restos.

Mais tarde a Lulu engravidou e apesar de ter cuidado de tantas crianças ao longo da sua vida na casa grande, não pode cuidar da sua. Ela deu a criança ao nascer a uma família que poderia cuidar bem dela. A menina ouviu dizer, por conversas trazidas pelo vento, que foi fruto de uma relação fora da casa grande.

Quanto à menina que a tudo assistia e ouvia, era chamada pelas pessoas da casa grande de gasguita. Gasguita é um significante que diz de uma pessoa que fala pela garganta, gritando e isso trazia um desconforto ao entorno e diziam para ela se calar. Como um faz de conta, pediam para a menina fingir que nada estava acontecendo e, assim, ela deveria suportar o insuportável do não dito e continuar invisível, sem cor, transparente aos olhos de todas como estava a Lulu e a Zulmira.

Para suportar o insuportável de não poder ter seu próprio dizer, a garganta adoeceu e a palavra se calou, mas como diz Gloria Anzalduá (2009, p. 306) “Línguas selvagens não

podem ser domadas, elas podem apenas ser decepadas. Como se doma uma língua selvagem? Amputando-a.”

O interior de uma casa guarda segredos inimagináveis que uma garganta gasguita é proibida de dizer e, assim, as amídalas da menina gasguita foram arrancadas e cicatrizadas mais tarde, quando pôde falar sobre o que viveu nesses anos dessa casa grande. Calar um dizer, tirar a história do sujeito é destruidor.

Quando recuamos no dizer que nos é próprio perdemos a cor, ficamos meio amarelo como escreve Carolina de jesus em quarto de despejo, ao descrever a cor da fome. Talvez a cor da fome seja a mesma da perda do direito de ter voz, de ter desejo e ser vista como um sujeito e não como outridade a ser invisibilizada.

No livro “*Misoginia e psicanálise*” Braga (2022), remete à Janaína Damaceno Gomes (2013), uma pesquisadora negra que escreveu uma tese sobre a produção de Virginia Bicudo, que foi a primeira psicanalista negra latina. Gomes (2013) citado por Braga (2022) relata de um momento em que Bicudo, diante de muita opressão e violência, em um momento da sua vida recuou no seu dizer, mas o retoma no final da vida:

> Virgínia enriqueceu com a psicanálise, tornou-se célebre e requisitada entre ministros e senadores, mas isso teve um preço, tal como suas personagens ela precisou se afastar de seu grupo para completar seu processo de ascensão. Mas nesse processo ela não embranqueceu, ela apenas perdeu a cor (...) Foram seus relatos já idosa de alguém que precisa marcar a pertença e relembrar sua origem que foi fazendo sua cor mais viva (...) Ela não teve uma morte branca, ela morreu como uma mulher negra (Gomes, 2013, p. 153 citado por Braga, 2022, p. 63).

Virgínia Bicudo, foi a primeira mulher que trouxe a análise a américa latina e era negra. Sua história mostra como os psicanalistas em um dado momento histórico e também por seus próprios narcisismos, podem tornar alguns corpos e seus discursos invisíveis, promovendo uma escuta daltônica. A história de Virgínia Bicudo, mostra que quando recuamos no próprio dizer, ficamos sem cor, sem brilho, sem história para contar, sem desejo. Portanto, para participar desse arco-íris não podemos recuar, temos que preservar as cores em todas as suas diferenças e nuances e nisso tanto o movimento negro como a psicanálise têm a

contribuir, já que é com a palavra que trabalham e esta pode ser revista criando espaço para o inédito, e é desse devir como criação crítica que se sustentam as mudanças.

Por meio das diferentes cores desse arco-íris estão as possibilidades de cruzamentos entre o feminino na psicanálise e os movimentos feministas negros sem apagamento das suas diferenças, mas como ferramentas de combate da alienação da palavra que coloniza, domina, subjuga. O feminino na psicanálise e o feminismo negro como saídas desse discurso alienante e colonizador do patriarcado, do racismo e de outras formas de domínio que tornam o outro o estrangeiro a ser subjugado e dominado, como saídas que possam ouvir todas as cores e as suas nuances e que não se colem e atrelem a um corpo biológico, apesar de considerar o que simbolicamente tem sido construído sobre esses corpos e suas cores.

Assim, aproximo-me da minha questão de pesquisa por meio dos cruzamentos entre a psicanálise e os movimentos feministas negros como possíveis saídas desse discurso alienante e colonizador do patriarcado, do racismo e de outras formas de domínio que torna o outro um estrangeiro a ser subjugado e dominado. Provavelmente, agora seja um momento de ouvir o que esses corpos e suas cores têm a dizer, mais do que interpretar é hora de escutar, como Freud fez, com as histéricas que apontavam as faltas e falhas de um sistema opressor e patriarcal e Lacan com as psicoses, a “loucura” e seu cerceamento em manicômios e sobre o feminino, a partir do qual deu o passo a mais ao dizer sobre seu gozo não todo na norma fálica. Talvez agora seja a hora de ouvir essas mulheres e todos que foram feitos de restos, de lixo, pois como fala Lélia Gonzalez, agora o “Lixo vai falar”, pois ainda é hora de entender, discutir, questionar e ouvir, mas ainda não é hora de concluir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nego drama
Entre o sucesso e a lama
Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama

Nego drama
Cabelo crespo e a pele escura
A ferida, a chaga, à procura da cura

Nego drama
Tenta ver e não vê nada
A não ser uma estrela
Longe, meio ofuscada

Sente o drama
O preço, a cobrança
No amor, no ódio, a insana vingança

Nego drama
Eu sei quem trama e quem tá comigo
O trauma que eu carrego
Pra não ser mais um preto fodido

O drama da cadeia e favela
Túmulo, sangue, sirene, choros e velas
Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia
Que sobrevivem em meio às honras e covardias

Periferias, vielas, cortiços
Você deve tá pensando
O que você tem a ver com isso?

Desde o início, por ouro e prata
Olha quem morre, então
Veja você quem mata

Recebe o mérito a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural
Histórias, registros e escritos
Não é conto nem fábula, lenda ou mito

Não foi sempre dito que preto não tem vez?
Então olha o castelo e não
Foi você quem fez, cuzão

Eu sou irmão do meus truta de batalha
Eu era a carne, agora sou a própria navalha
Tim-tim, um brinde pra mim
Sou exemplo de vitórias, trajetos e glórias

O dinheiro tira um homem da miséria
Mas não pode arrancar de dentro dele a favela
São poucos que entram em campo pra vencer
A alma guarda o que a mente tenta esquecer

Olho pra trás, vejo a estrada que eu trilhei, mó cota
Quem teve lado a lado e quem só ficou na bota
Entre as frases, fases e várias etapas
Do quem é quem, dos mano e das mina fraca

Hum, nego drama de estilo
Pra ser, se for tem que ser
Se temer é milho

Entre o gatilho e a tempestade
Sempre a provar
Que sou homem e não um covarde

Que Deus me guarde, pois eu sei que ele não é neutro
Vigia os rico, mas ama os que vem do gueto
Eu visto preto por dentro e por fora
Guerreiro, poeta, entre o tempo e a memória

Ora, nessa história vejo dólar e vários quilates
Falo pro mano que não morra e também não mate
O tic-tac não espera, veja o ponteiro
Essa estrada é venenosa e cheia de morteiro

Pesadelo, hum, é um elogio
Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu
No clima quente, a minha gente sua frio
Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil, fuzil

Nego drama

Crime, futebol, música, carai'
Eu também não consegui fugir disso aí
Eu sou mais um
Forrest Gump é mato
Eu prefiro contar uma história real
Vou contar a minha

Daria um filme
Uma negra e uma criança nos braços
Solitária na floresta de concreto e aço
Veja, olha outra vez o rosto na multidão
A multidão é um monstro sem rosto e coração

Hei, São Paulo, terra de arranha-céu
A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel
Família brasileira, dois contra o mundo
Mãe solteira de um promissor vagabundo

Luz, câmera e ação, gravando a cena vai
Um bastardo, mais um filho pardo sem pai
Hei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é
Sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a pé

Cê disse que era bom e as favela ouviu
Lá também tem uísque, Red Bull, tênis Nike e fuzil
Admito, seus carro é bonito, é, e eu não sei fazer
Internet, videocassete, os carro loco

Atrasado, eu tô um pouco sim, tô, eu acho
Só que tem que
Seu jogo é sujo e eu não me encaixo
Eu sou problema de montão, de Carnaval a Carnaval
Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal

Problema com escola eu tenho mil, mil fita
Inacreditável, mas seu filho me imita
No meio de vocês ele é o mais esperto
Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto

Esse não é mais seu, oh, subiu
Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu
Nóis é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia?
Seu filho quer ser , ah, que ironia

Cola o pôster do 2Pac aí, que tal? Que cê diz?
Sente o negro drama, vai, tenta ser feliz
Ei bacana, quem te fez tão bom assim?
O que cê deu, o que cê faz, o que cê fez por mim?

Eu recebi seu ticket, quer dizer kit
De esgoto a céu aberto e parede madeirite
De vergonha eu não morri, to firmão, eis-me aqui
Você não, cê não passa quando o mar vermelho abrir

Eu sou o mano, homem duro, do gueto, Brown, oba
Aquele loco que não pode errar
Aquele que você odeia amar nesse instante
Pele parda e ouço funk
E de onde vem os diamante? Da lama
Valeu mãe, negro drama (drama, drama, drama)

Aí, na época dos barraco de pau lá na Pedreira
Onde cês tavam?
Que que cês deram por mim?
Que que cês fizeram por mim?
Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho?
Agora tá de olho no carro que eu dirijo?

Demorou, eu quero é mais, eu quero até sua alma
Aí, o rap fez eu ser o que sou
Ice Blue, Edy Rock e KL Jay
E toda a família, e toda geração que faz o rap
A geração que revolucionou, a geração que vai revolucionar
Anos 90, século 21, é desse jeito

Aí, você sai do gueto
Mas o gueto nunca sai de você, morô irmão?
Cê tá dirigindo um carro
O mundo todo tá de olho 'ni você, morô?
Sabe por quê? Pela sua origem, morô irmão?
É desse jeito que você vive, é o negro drama

Eu num li, eu não assisti
Eu vivo o negro drama
Eu sou o negro drama
Eu sou o fruto do negro drama
Aí Dona Ana, sem palavra
A senhora é uma rainha, rainha

Mas aí, se tiver que voltar pra favela
Eu vou voltar de cabeça erguida
Porque assim é que é, renascendo das cinzas
Firme e forte, guerreiro de fé
Vagabundo nato!

Negro Drama – Racionais MC’s

(Alves & Pereira, 2002).

Atravessada por esses dizeres do feminismo negro e do feminino na psicanálise lacaniana e me utilizando também das minhas escrevivências, bem como da arte por meio dos(as) artistas que se entrecruzam ao longo dos textos, resolvi terminar as considerações finais por uma carta de amor, pois é com as palavras que fazemos o amor. Tento fazer uma aposta na vida que inclui dores e morte, mas que provoque um encantamento e movimentos de vida que suportem o desencontro com o outro.

Como a posição feminina para a psicanálise não depende do corpo biológico, utilizei-me de diversos(as) artistas e suas músicas que me afetam, pois o(a) artista sempre está à frente nos tornando mais humanos, mais sensíveis ao que nos é mais singular e ao encontro com a Outra em nós mesmas e com outras/outrxs/outros nas suas diferentes formas de subjetividades, pois, como canta Milton Nascimento (1975): "Qualquer maneira de amor vale o canto qualquer maneira de amor vale cantar... qualquer maneira de amor valerá" e Lulu Santos (1988): "E a gente vai à luta, e conhece a dor, consideramos justa toda forma de amor". Termino esta colcha de retalhos de músicas com duas mulheres, Letícia Fialho, no seu EP intitulado 'Carta de fogo': "O encontro é o alvo... Sou fogo no corpo, outras também são todas nós, fogueira nós todas" e Mart'nália (2005) com sua música 'Benditas' para dizer do feminino como um dizer aberto: "Benditas as coisas que eu não sei, os lugares onde não fui, os gostos que não provei, os verdes ainda não maduros, os espaços que ainda procuro..."

Dessa forma, dou continuidade às minhas considerações finais por uma Carta para minha mãe e para as mulheres que me ajudaram a compor a colcha de retalhos que marcaram minha existência e fazem parte das minhas escrevivências. Assim, aproximo-me do feminismo negro e do feminino na psicanálise por meio das minhas histórias: ainda é hora de entender, não é hora de concluir!!!

Esse percurso me permite dizer das minhas raízes e das coisas que me trouxeram até aqui. A minha trajetória se inicia na ralação com outras mulheres, um caminhar na vida, na minha análise, nas trocas com o outro que me permitiram uma série de questionamentos e um desejo de fazer uma psicanálise implicada no mundo. Daí me veio a questão: Como meu trabalho como analista pode responder aos discursos de exclusão e o que poderia fazer em termos práticos para possibilitar com que a psicanálise pudesse ser acessível a todos que desejassem iniciar um processo analítico e de, junto com outros atores sociais, pudéssemos promover uma abertura a um discurso mais aberto às diferenças? Sendo assim, cheguei na minha questão de pesquisa.

Foi no atravessamento das minhas vivências que me tornei sensível a determinadas realidades e fui fisgada pelas minhas próprias faltas que contribuíram para chegar até aqui. Vi surgir o desejo de atuar com práticas sociais de reparação de quem se encontra nas margens, sem que com isso se apagassem as faltas, pois são com as faltas que caminhei até aqui, foi com elas que me encontrei com a teoria psicanalítica e com os mundos do feminismo negro, que me tocam e me fazem lembrar de toda a minha infância, de caminhos que construí com

outras mulheres que compartilharam suas vidas e historias com as minhas e me aproximaram do feminino na psicanálise, com seus furos e faltas e do feminismo negro, enquanto movimentos social de lutas por reparações.

A partir dessas histórias que ressoam em mim, surgiu a escrita como possibilidade de fazer algo diferente com esses registros e que ao se tornarem escrevivências, já se transmutam em outra coisa. Continuar a escrever essas histórias que produziram o encontro entre diferentes dizeres com as possibilidades de cruzamentos entre o feminino na psicanálise e os movimentos feministas negros como possíveis saídas desse discurso alienante e colonizador do patriarcado, do racismo e de outras formas de domínio, que torna o outro um estrangeiro a ser subjugado e dominado, são os exercícios éticos que me fazem produzir questões e aberturas para meus avessos. Assim, esta escrita vai se costurando com o meu compromisso ético e político com as minhas histórias que me tornaram quem sou e modularam meus desejos. A psicanálise surge como um caminho no qual vou enformando e cozinhando por teorias e práticas que me dão forma e o feminismo negro pelo gosto do bolo perdido.

Assim, começo minha história com palavra para dizer e um nó na garganta. Começo a narrativa com os dizeres de quem para mim era um livro vivo, onde realidade e ficção se misturavam no real e no imaginário pelas linhas e agulhas do simbólico.

As marcas de uma história no real do corpo e do imaginário que começaram a se constituir pelas narrações (narra-ações) de minha mãe, fazendo um registro simbólico em mim, formando um emaranhado de dizeres, contos e ficções.

Histórias construídas com outras mulheres, avós, bisavós, tias, primas, Lulu e Zulmira. Mulheres que me contaram suas histórias e compartilharam um pouco dos pedaços das suas colchas de retalhos comigo, como também dos livros e dizeres de tantas outras mulheres que também me atravessaram. Nessas trocas, fui construindo a minha colcha de retalhos com múltiplas cores, com lugares de fala, com meu corpo biográfico, formando uma cartografia de cruzamento de dizeres que me levaram ao caminho de um desejo de falar sobre o feminino na psicanálise e do feminismo negro: um que me leva à falta, outro à reparação, mas ambos a uma luta política.

Esse percurso foi sendo costurado aos poucos, primeiro pelas histórias que aconteceram juntamente com outras mulheres que me ajudaram a compor minhas escrevivências e durante a pesquisa passeando pelas leituras de mulheres negras e na escuta do feminino na psicanálise e na clínica.

Assim, fui costurando o meu percurso de pesquisa nas trocas com minha orientadora e com todos e todas que me encontrei lado a lado que estavam em uma posição mais aberta ao diálogo, a alteridade, ao feminino.

Essas relações vão me fazendo encontrar com minhas questões de pesquisa e, assim, vou costurando um dizer próprio. Aproprio-me, ao longo da pesquisa por intermédio do desenho cartográfico, daquilo que me instiga ao questionamento, a partir de um saber furado, onde me aproximo das minhas questões de pesquisa, a partir de uma falta, de um não saber que me faz questão e me provoca o desejo de pesquisar.

Assim, nesses emaranhados de dizeres vou delineando novos arco-íris, abrindo-me ao novo, aos riscos da escrita, vou me deixando ser tocada por novos saberes que causam desconfortos e dúvidas, que surgem no lugar de respostas e, dessa forma, as perguntas foram se transmutando. Seria eu capaz de escrever 100 páginas? Embora agora já entenda que “cem” páginas não é o que importa, mas sim a costura de um nome próprio no encontro com outros dizeres.

Nesses emaranhados, vou construindo uma escrita onde a criança da casa grande, a menina retirante que junto com a amiga Ana e a mulher que hoje me tornei se misturam em uma só, em um tempo em que as histórias se encontram, sem uma linha cronológica, mas sim em uma outra lógica que é a lógica do sentir que cruza passado, futuro e o presente, que acontece agora no ato de criar, de escrever e, apropriando-me do meu dizer construído na relação com essas outras vozes femininas e das feministas negras em uma gira, aposto na palavra que circula e não pontua, que quebra barreiras e não cria muros, mas sim pontes.

Assim começo a caminhar na pesquisa me perguntando se conseguiria falar sobre o não dito, sobre um saber que se sabe sem saber? O que dizer da miséria humana, do que foi feito de lixo e que agora pode falar a partir de um lugar costurado pela relação com outras não todas? E chego, assim, às minhas questões de pesquisa: Quais as possibilidades de cruzamentos entre a psicanálise e os movimentos feministas como possíveis saídas desse discurso alienante e colonizador do patriarcado, do racismo e de outras formas de domínio, que tornam o outro um estrangeiro a ser subjugado e dominado?

Começo, então, a pensar a pesquisa a partir de um desejo de encontrar com minhas vivências e ficções, o que me atravessa como furo, um susto, um assombro e a procura de uma escrita entre dizeres que me ajude a encontrar um nome próprio.

O meu nome recebi como herança da minha avó materna que, segundo meu pai, era uma santa. Passou a vida a cuidar de todos em sua volta, abdicou de seus desejos, de seu próprio dizer e morreu com a garganta travada, sem nada dizer, nem uma só palavra e os médicos denominaram esses travamentos – (trava a mente) - de mal de Parkinson. Entendo esse corpo como um corpo marcado pelo silêncio que se atrofiou até não poder dizer mais nada.

Saramago (1997/2020), em seu livro "*Todos os Nomes*", escreve que conhecemos o nome que nos deram, mas não conhecemos o que realmente nos constitui, o que marca nossa alteridade irredutível. É na relação com o Outro que nos constituímos e um nome próprio precisa se construir ao longo de uma existência com esse mundo. Construir um nome próprio, com o próprio dizer, é não se submeter aos ditos desse Outro opressor.

Recontar a própria história é uma forma de deixar essa herança do silêncio para trás. Somos constituídos de passados e estes precisam ser revisitados para construirmos algo do inédito. Mas não é fácil construir um dizer próprio, descolonizar o inconsciente e o que se quis rechaçar para assim construir algo novo. Uma história nunca está fora do social, ela é sempre coletiva, ancestral, como canta Cazuza (1988): "Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades" e Caetano Veloso (1997, grifo meu) "Me encara de frente, é que você nunca quis ver, não vai querer, não quer ver. Meu lado, meu jeito, **o que herdei da minha gente, nunca posso esquecer"**. Passados que ficaram na minha história construída com outras mulheres.

Lembro das histórias orais que ouvia da minha mãe e de outras mulheres em nossa volta, tias, primas, a Lulu, a Zulmira, amigas, irmã em um arco-íris de dizeres e afetos, pois o amor se faz também nas palavras. Dizeres que me inspiraram, deram-me um nordeste, um norte, uma direção, um caminho...

Começo a relatar esses dizeres perdidos, usurpados de mim mesma, aos dez anos quando conheci uma menina forte que parecia ter respostas, que parecia saber. Tinha uma determinação, uma fibra. São as fibras que produzem os tecidos e tecem as roupas do sentido, que se tornam palavras, linguagens e deslizam até formar um corpo simbólico e aí sim constituem uma inscrição, uma marca, um peso e uma sustentação.

É com a Ana, uma amiga retirante como eu, que inicio minhas escrevivências, juntas vamos confeccionando roupagens que construíram uma borda de amparo ao que ficou solto e desamparado.

Alguns anos depois reencontro-me com a Ana e relembro que quando éramos crianças, ao comprar uma calça, sempre pensava em ficar com a que coubesse em mim e nela. Tinha que ser algo que vestisse as duas, uma mesma calça para duas!!!

Quando lembrei dessa história com a Ana, nesse reencontro ela me contou que em uma aula de arte trabalhou com o infantil, usando como referência o artista Hélio Oiticica, com a obra Parangolés: "antiobras de arte". O Parangolé e, em especial, essa aula do vestir e as calças lhe trouxeram lembranças e um sentir que a princípio lhe causou um estranhamento e a fez questionar o que era esse vestir? E essas calças? Lembrou-se de mim, de uma antiga e ainda atual percepção sobre esse vestir e essas calças, percepção de que uma roupa poderia ser dividida entre duas não toda.

Ana me disse: "não eram as calças de que se tratava, mas sim de um abrigo, você me deu um lugar, Hilza".

E você, Ana, me deu um caminho, uma direção que me sustentou...

Foi um amor de trocas: UM ABRIGO e UM CAMINHO para seguirmos, mas onde uma não subjugou a outra, não ficamos misturadas, construímos uma relação de trocas de vivências e isso me deu um choque, uma percepção inconsciente dessa impossibilidade de duas serem uma, mas dois ou mais podem sim fazer laços de amparo.

Cada uma do seu jeito, uma a uma construímos abrigos e caminhos!!! Sem miscigenações, mas juntas nas suas diferenças.

E, assim, vai surgindo na minha história o desejo de olhar e escutar o que está furado, o que é arremedo, emendas que não fecham com um ponto final, mas que dialogam, transitam e se permitem ao encontro dos desencontros.

A escrita tem essa função de criar algo novo, de fazer algo diferente com o que fizeram da gente, rescrever um dito para criar um dizer próprio a partir das trocas com outras. Escrever é um ato de coragem, um ato político que nos atravessa e nos coloca em um outro lugar, desperta-nos a novos sentidos, tira a nossa paz, mas não nos deixa dormentes, pois pior que morrer é ficar "dor-mente" em vida.

O desejo da pesquisa foi a procura por encontrar outras formas de lidar com o desencontro da linguagem e nisso o feminino e o feminismo podem promover encontros entre tais alteridades. Os cruzamentos de dizeres como uma possibilidade de suplência, de um suporte para suportar os desencontros da linguagem e uma aposta na palavra como uma saída.

A analista é aquela que vai articular o universal à singularidade e, nesse movimento, a psicanálise deve estar implicada aos acontecimentos de sua época e isso diz respeito à política do inconsciente, uma “de-formação”, aí está sua subversão que enlaça o sujeito ao coletivo.

Pensando que a mulher negra está na base da pirâmide social, entendo que escutar seus dizeres marcados por toda a história de opressão e dominação pela colonização nos remete a todos que estão em uma posição de hétero, de diferente do que foi estabelecido e normatizado como “normal”.

A posição ética de uma psicanalista deve ser subversiva, pois investe na divisão do sujeito e aponta para um furo em suas verdades, essa posição está relaciona a sua prática e ao seu dizer. Com o discurso capitalista, novas formas de gozo surgem na modernidade, há um gozo desmedido, sem barreira, com o consumo como mola propulsora do discurso do mestre, com quebra de laços, sem compromisso do sujeito com sua palavra.

O povo negro teve suas vozes caladas pelos colonizares com o apagamento das suas origens e sem uma inscrição em morte. Sem um registro do assassinato em massa do seu povo, de sua cultura, lendas, músicas, misticismo, tornou-se descartável, inumerável. Retomar o que lhes foi usurpado das suas raízes ancestrais é devolver a história e a identidade de uma nação.

O discurso capitalista tenta produzir sujeitos não castrados, nos quais as identificações são imaginárias, proporcionando um sentimento de pertencimento a alguns e a total exclusão de outros considerados outridades. Isso resulta em um discurso despolitizado ou um discurso orientado pela psicologia das massas.

São com esses restos que me identifico, que me sinto tocada a ouvir e a pensar em formas de como enquanto analista e enquanto sujeito posso atuar na pólis e, ainda, como podemos costurar possibilidades de diálogos entre o feminismo negro e o feminino na psicanálise em um momento de discursos de ódio hegemônicos, sem alteridade que criam a divisão “nós/eles”.

Como alternativas a esses discursos racistas, misóginos, autoritários, podermos fazer cruzos, correr riscos, suportar o desconforto de não ter todas as respostas, provocar diálogos que não suturem, fechem e obturem saberes.

Este é um momento de cautela para a psicanálise, é hora de escutar, não entender rápido demais e se ater à realidade do que se apresenta agora. É preciso prestar atenção a quem é colocado como resto, não destituir suas dores e mazelas, ouvir quem aponta os furos,

pois mesmo que estes sempre estejam estruturalmente no sujeito, tem algo da realidade que precisa de mudanças concretas com a possibilidade de cruzamentos, de negociações, de lugares de falta e de reparação e o que isso permite modificar nesse discurso atual de ódio.

Esta escrita diz dos lugares de falas e de faltas para pensar essa navegação pelas curvas dos rios que cruzei e que se encontram com o mar das águas das oralidades de minha mãe e de tantas outras mulheres retirantes ou retiradas dos seus dizeres por um dito opressor, sendo que é pela falta de um significante único que defina “A mulher”, que nos encontramos com espaços para criar, uma abertura ao que é singular e que faz laços. É nessa relação dialógica do feminino com o feminismo negro que me rasgo e me deixo afetar em uma posição que é furada e por isso é aberta, pois o frágil é o forte e é nessa fragilidade que se encontra a fortaleza, que foi o início da viagem.

Por isso, ainda é hora de entender, é hora de ouvir essas vozes, não é hora de concluir!!!!!

REFERÊNCIAS

Adichie, C. N. (2019). *O Perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras.

Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen.

Alves, A. P. & Pereira, P. P. S. (2002). Negro Drama [letra de música]. Intérprete: Racionais MC's. In *Nada como um Dia após o Outro Dia.* Gravadora Boogie Naipe.

Andrade, C. D. de. (1967). *Obra Completa* (2a. Ed., pp. 61-62.). Rio de Janeiro: José Aguilar Editora.

Anzalduá, G. (2000). Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*, *8*(1), 229-236. Recuperado de https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106

Anzalduá, G. (2009). Como Domar Uma Língua Selvagem. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, (39), 297-309. Recuperado de https://www.yumpu.com/pt/document/read/12544587/como-domar-uma-lingua-selvagem-gloria-anzaldua-uff

Barros, M. de. (2018). *Memórias inventadas*. Rio de Janeiro: Alfaguara.

Bethânia, M. & Pinheiro, P. C. (2012). Carta de Amor [letra de música]. Intérprete: Maria Bethânia. In *Oásis de Bethânia*. Gravadora Biscoito Fino.

Buarque, C. & Guerra, R. (1972). Sonho Impossível [letra de música]. Intérprete: Maria Bethânia. In "*Chico Buarque e Maria Bethânia Ao Vivo*". Gravadora Philips Records.

Buarque, C. & Gil, G. (1978). Cálice [letra de música]. Intérprete: Chico Buarque. In *Chico Buarque*. Gravadora Polygram/Philips.

Braga, A. P. M. (2022). Pelas trilhas de Virgínia Bicudo: psicanálise e relações raciais em São Paulo. In H. C. Gusso et al (Orgs.), *Misoginia e Psicanálise* (pp. 44-69). São Paulo: Larvatus Prodeo.

Candeia Filho, A. (1976). Preciso me encontrar [letra de música]. Intérprete: Cartola. In *Cartola*. Gravadora Marcus Pereira.

Carvalho, L., Moreira, V. L., Ferreira, V., Leite, B. de O., & Garcia, O. D. (2022). Era Uma Vez Liliane [letra de música]. Intérprete: Negra Li. In *Era Uma Vez Liliane*. Gravadora Sonora Digital.

Cazuza [Arnaldo Brandão]. (1988). O tempo não para [letra de música]. Intérprete: Cazuza. In *O tempo não para*. Gravadora Universal Music.

César, C. & Da Mata, V. (1999). A Força que nunca seca [letra de música]. Intérprete: Chico César. In *Mama Mundi.* Gravadora MZA Music.

Collins, P. H. & Bilge, S. (2020). I*nterseccionalidade* (Recurso eletrônico) São Paulo: Boitempo.

Congresso em Foco. (2017, abril 5). Bolsonaro: "Quilombola não serve nem para procriar". *Congresso em foco*. Recuperado de https://congressoemfoco.uol.com.br/amp/projeto-bula/reportagem/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/

Coutinho, A. & Fróes, F. (2015). Mulher do Fim do Mundo [letra de música]. Intérprete: Elza Soares. In *A Mulher do Fim do Mundo*. Gravadora Circus.

Cunha, E. (1902). *Os sertões.* Rio de Janeiro: Laemmert.

Cuzicanqui, S. R. (2015). El ojo intruso como Pedagogía [2012] In S. R. Cuzicanqui (Org.), *Sociología de la imagen: ensayos* (1a ed., pp. 293 – 304). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015. Recuperado de https://www.professores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2020/09/Cusicanqui_Sociolog%C3%ADa-de-la-imagen-Miradas-ch%E2%80%99ixi-desde-la-historia-andina.pdf

Daldry, S. (Diretor). (2022). *As horas* [Filme]. Scott Rudin Productions.

Davis, A. (2018). *A Liberdade é uma Luta Constante* (1a. ed.). São Paulo: Boitempo.

Escritos IBICT. (2019, Setembro 30). Epistemologia da Macumba com Luiz Antonio Simas [Vídeo]. *You Tube*. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=ciQLWs7xVCw&ab_channel=EscritosIBICT

Evaristo, C. (2014). *Olhos D'Água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação biblioteca Nacional

Fialho, L. (2021). Gravitar [letra de música]. Intérprete: Letícia Fialho. In *Carta de fogo.* Produção Independente.

Freud, S. (2010). Mal-estar na civilização. In S. Freud. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos [1930-1936]* (Obras completas, Vol. XVIII, P. C. de Souza, Trad., pp. 13-123). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado 1930)

Freud, S. (2011). Psicologia das Massas e análise do eu. In S. Freud. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos [1920-1923]* (Obras completas Vol. XV, P. C. de Souza, Trad., pp. 13-113). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado 1921)

G1 Brasília. (2011, março 29). Deputado associa na TV namoro com negras a 'promiscuidade'. *G1 Globo.* Recuperado de https://g1.globo.com/politica/noticia/2011/03/deputado-associa-na-tv-namoro-com-negras-promiscuidade.html

Gallano, C. (2011). *A alteridade feminina* (K. Silveira, L. A. Lima, Trad.). Campo Grande/MS: Andréa Carla Deuner Brunetto.

Gilx Araujo. (2022, Maio 26). Mano Brown recebe Sueli Carneiro | Mano a Mano Podcast [Vídeo]. *You Tube*. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=6w785nHhM_c

Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 223-244. Recuperado de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509709/mod_resource/content/0/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf

Gonzalez, L. (2020). *Por Um feminismo Afro Latino Americano* (1a. ed.). Rio de Janeiro: Zahar.

Gusso, H. C. et al. (2022). *Misoginia e Psicanálise*. São Paulo: Larvatus Prodeo.

Jesus, C. M. de. (2014). *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (10a. ed.). São Paulo: Ática.

Kastrup, V., & Passos, E. (2013). Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal: Revista De Psicologia*, *25*(2), 263-280. Recuperado de https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200004

Kendall, M. (2022). *Feminismo negro na periferia :comentários das mulheres que o movimento feminista esqueceu* (C. Jvanauskas, Trad). Santo André – SP: Rua do Sabão.

Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação*: *episódios de racismo cotidiano* (1a. ed.). Rio de Janeiro: Editora Cobogó.

Kilomba, G. (2020). *Memórias da plantação*: *episódios de racismo cotidiano* (1a. ed.). Rio de Janeiro: Editora Cobogó.

Lacan, J. (1975). R.S.I. (1974-1975). In J. Lacan. *O Seminário. Livro XXII*. [S.I.]:[S.n.]. Recuperado de http://lacanempdf.blogspot.com/2017/03/o-seminario-22-rsi-jacques-lacan.html

Lacan, J. (2003). Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 508-543). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado 1973)

Lacan, J. (2008a). *Seminário Livro 7: a ética da psicanálise, 1959-1960*. (A. Quinet, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado 1986)

Lacan, J. (2008b). *Seminário Livro 20: mais, ainda, 1972-1973* (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado 1975)

Lacan, J. (2008c). *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado 1964)

Lacan, J. (2009). *Seminário Livro 18: De um discurso que não fosse um semblante, 1971*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2018). *Seminário livro XXI: Os não-tolos erram/Os nomes do pai - Seminário entre 1973-1974* (F. Denez & G. C. Volanco, Trad.). Porto Alegre: Editora Fi.

Lara, D. I. & Carvalho, D. (1978). Sonho Meu [letra de música]. Intérprete: Maria Bethânia e Gal Costa. In *Alíbi.* Gravadora Polygram/Philips.

Lobato, A. E. (2021, julho). Dossiê: Pensamentos guerreiros contra a colonialidade, Corpo-herança, corpo bio-gráfico. *Revista Cult*, (271). Recuperado de https://revistacult.uol.com.br/home/corpo-heranca-corpo-bio-grafico/

Magalhães, S. B. & Cunha, M. C. da. (2017). *A expulsão de ribeirinhos em Belo Monte: relatório da SBPC* [livro eletrônico]. São Paulo: SBPC. Recuperado de http://portal.sbpcnet.org.br/livro/belomonte.pdf

Mart'nalia. (2005). Benditas [letra de música]. Intérprete: Mart'nalia. In *Ao vivo.* Gravadora Natasha.

Mbembe, A. (2020). *Política da inimizade.* São Paulo: n-1Edições.

Medeiros, A. (2022, julho 18). Professores analisam legado de ódio do governo de Jair Bolsonaro. *Jornal AdUFRJ*, (1.262). Recuperado de https://www.adufrj.org.br/index.php/pt-br/noticias/arquivo/21-destaques/4445-professores-analisam-legado-de-odio-do-governo-bolsonaro

Morrison, T. (2019). *A origem dos outros: seis ensaios sobre o racismo e literatura* (F. Abreu, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Nascimento, A. (2016). *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado* (3a. ed.). São Paulo: Perspectivas.

Nascimento, M. (1975). Paula e Bebeto [letra de música]. Intérprete: Milton Nascimento. In *Minas.* Gravadora EMI.

Oliveira, E. C. S. (2020, julho-setembro). A docência como uma performance feminista. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, *15*(3), e-3540. Recuperado de http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/4021/2409

Pessoa, F. (1944). *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1944.

Prates, A. L. (2022). A Heteridade e os discursos. In H. C. Gusso et al. (Orgs.), *Misoginia e Psicanálise* (pp. 132-141). São Paulo: Larvatus Prodeo.

Projeto de Lei da Câmara n° 122, de 2006 (2006). Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, dá nova redação ao § 3º do art. 140 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e ao art. 5º da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de

1º de maio de 1943, e dá outras providências. Senado Federal, Brasília-DF. Recuperado de https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/79604

Queiroga, L. (2004). Noite Severina [letra da música]. In: *CD Vagabundo.* Gravadora Globo/Universal.

Redação CUT. (2022, outubro 12). Confira os 10 piores insultos de Bolsonaro aos nordestinos. *CUT Brasil*. Recuperado de https://www.cut.org.br/noticias/confira-os-10-piores-insultos-de-bolsonaro-aos-nordestinos-594b

Redação Forum. (2017, abril 5). Bolsonaro: "Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher". *Revista Forum*. Recuperado de https://revistaforum.com.br/politica/2017/4/5/bolsonaro-eu-tenho-filhos-foram-homens-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-veio-uma-mulher-19902.html

Ribeiro, K. (2020, janeiro). Dossiê: Filosofia e Macumba, Mulheres Negras e força matricomunitária. *Revista Cult.*, (254). Recuperado de https://revistacult.uol.com.br/home/mulheres-negras-e-a-forca-matricomunitaria/

Rufino, L. & Haddock-Lobo, R. (2020, janeiro). Dossiê Filosofia e macumba. *Revista Cult*, (254). Recuperado de https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-filosofia-e-macumba/

Santos, Lulu. (1988). Toda forma de amor [letra de música]. Intérprete: Lulu Santos. In *Toda forma de Amor*. Gravadora RCA Victor.

Saramago, J. (2020). *Todos os Nomes* (2a. ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1997).

Uol São Paulo. (2022, fevereiro, 3). Bolsonaro chama assessores de 'pau de arara' e erra origem de Padre Cícero [Live]. *Uol São Paulo*. Recuperado de https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/02/03/bolsonaro-chama-assessores-de-pau-de-arara-padre-cicero.amp.htm

Vasconcelos, J. M. de. (1968). *O Meu Pé de Laranja Lima.* São Paulo: Melhoramentos.

Veloso, C. (1997). Não enche [letra de música]. Intérprete: Caetano Veloso. In *Livro*. Gravadora: Polygram.

Vieira Júnior, I. (2019). *Torto Arado* (1a. ed.) São Paulo: Todavia.

Villas Boas, F. (2022). Sobre racismo e misoginia: uma introdução. In H. C. Gusso et al. (Orgs.), *Misoginia e Psicanálise* (pp. 158-167). São Paulo: Larvatus Prodeo.

Wolf, V. (1985). *Um teto todo seu* (V. Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1929).

Yuka, M. (1999). Minha Alma (A paz que eu não quero) [letra de música]. Interprete: O Rappa. In *Lado A Lado B.* Gravadora Warner Music.